

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA**

Ângela Roos Campeol

**A PATERNIDADE NA INTER-RELAÇÃO COM OS AMBIENTES
ECOLÓGICOS EM FAMÍLIAS MONOPARENTAIS MASCULINAS**

Santa Maria, RS, Brasil

2019

Ângela Roos Campeol

**A PATERNIDADE NA INTER-RELAÇÃO COM OS AMBIENTES ECOLÓGICOS
EM FAMÍLIAS MONOPARENTAIS MASCULINAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do título de **Mestre em Psicologia.**

Orientadora: Prof^a, Dr^a. Caroline Rubin Rossato Pereira

Santa Maria, RS, Brasil

2019

Campeol, Ângela
A PATERNIDADE NA INTER-RELAÇÃO COM OS AMBIENTES
ECOLÓGICOS EM FAMÍLIAS MONOPARENTAIS MASCULINAS / Ângela
Campeol.- 2019.
177 p.; 30 cm

Orientador: Caroline Rubin Rossato Pereira
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, Programa de
Pós-Graduação em Psicologia, RS, 2019

1. Paternidade 2. Monoparentalidade 3. Relações
familiares I. Rubin Rossato Pereira, Caroline II.
Título.

Ângela Roos Campeol

**A PATERNIDADE NA INTER-RELAÇÃO COM OS AMBIENTES ECOLÓGICOS
EM FAMÍLIAS MONOPARENTAIS MASCULINAS**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de **Mestre em Psicologia**.

Aprovado em 15 de fevereiro de 2019:



Caroline Rubin Rossato Pereira, Dra (UFSM)

(Presidente/Orientador)



Samara Silva dos Santos, Dra (UFSM)



Josiane Lieberknecht Wathier Abaid, Dra (UFN)

Santa Maria, RS, Brasil

2019

RESUMO

A PATERNIDADE NA INTER-RELAÇÃO COM OS AMBIENTES ECOLÓGICOS EM FAMÍLIAS MONOPARENTAIS MASCULINAS

AUTORA: Ângela Roos Campeol
ORIENTADORA: Caroline Rubin Rossato Pereira

O contexto social contemporâneo redefiniu os laços familiares, assegurando às famílias constituírem-se de múltiplas maneiras. O índice de famílias monoparentais vem aumentando consideravelmente nas últimas décadas, apresentando-se como um dos arranjos mais comuns na sociedade brasileira. Frente a esse cenário, a paternidade vem sofrendo um processo constante de transformação e situando-se cada vez mais distante de características de modelos tradicionais. A partir disso, o presente estudo objetivou compreender os significados atribuídos por pais de famílias monoparentais masculinas sobre o desempenho da paternidade na inter-relação com seus diferentes sistemas ecológicos. O estudo teve método qualitativo e exploratório, com delineamento de estudo de casos. Participaram quatro pais (homens), com filhos de até onze anos, que estavam sob a sua guarda (formal ou informal) por um período mínimo de cinco meses. Como resultado observou-se que os pais acumulam tarefas domésticas, criação dos filhos e sustento do lar. Os pais evidenciaram a relação de amor como primordial para o bom exercício da paternidade e apontaram a necessidade por recursos, seja financeiro ou emocional, para garantir um ambiente favorável para o desenvolvimento de seus membros. Esta dissertação está composta por uma primeira seção que apresenta uma revisão da literatura sobre a temática, o método adotado para investigação e uma descrição para compreensão dos casos estudados. Em seguida, a segunda seção contém dois artigos empíricos, que se propõem a apresentar e discutir os resultados obtidos na pesquisa. Por fim, serão retomados aspectos gerais da dissertação, apresentando as considerações finais da dissertação, as referências bibliográficas e os apêndices.

Palavras-chave: Paternidade; Relações-familiares; Monoparental.

ABSTRACT

THE PATERNITY IN THE INTER-RELATION WITH THE ECOLOGICAL ENVIRONMENTS IN MALE SINGLE-PARENT FAMILIES

AUTHOR: Ângela Roos Campeol
ADVISOR Caroline Rubin Rossato Pereira

The contemporary social context has redefined family ties, ensuring that families are constituted in multiple ways. The index of single-parent families has increased considerably in the last decades, presenting itself as one of the most common arrangements in Brazilian society. Faced with this scenario, paternity has been undergoing a constant process of transformation and it is increasingly far from the characteristics of traditional models. From this, the present study aimed to understand the meanings attributed by fathers of male single-parent families on exercising paternity in the interrelationship with their different ecological systems. The study had a qualitative and exploratory method, with a case study design. Four fathers with children up to eleven years old who were under their (formal or informal) care for a minimum period of five months participated in the study. As a result, it was observed that fathers accumulate household chores, child rearing, and household sustenance. The fathers showed a loving relationship as primordial for the good exercise of fatherhood and pointed out the need for financial or emotional resources to ensure a favorable environment for the development of their members. This dissertation is composed of a first section that presents a review of the literature on the subject, the adopted research method and a description for understanding the cases studied. Then, the second section contains two empirical articles, which propose to present and discuss the results obtained in the research. Finally, general aspects of the dissertation will be included, presenting the final considerations of the dissertation, the bibliographical references, and the appendices.

Keywords: Paternity; Family relationships; Single-parent.

Sumário

1 APRESENTAÇÃO	13
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	16
2.1 A Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano	17
2.2 Família e paternidade: aspectos históricos e sociais	20
2.3 Funções da família e o processo de construção da parentalidade	27
2.4 Famílias monoparentais e famílias monoparentais masculinas	36
3 OBJETIVOS.....	45
3.1 Objetivo geral	45
3.2 Objetivos específicos.....	45
4 MÉTODO.....	47
4.1 Participantes.....	47
4.2 Delineamento e procedimentos	48
4.3 Considerações éticas	52
4.4 Instrumentos.....	54
4.5 Análise dos dados.....	55
5 DESCRIÇÃO DOS CASOS	59
Caso 1	59
Caso 2	60
Caso 3	61
Caso 4	62
ARTIGO 1	63
ARTIGO 2	106
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO	151
REFERÊNCIAS.....	155
APÊNDICE A	161
APÊNDICE B	163

APÊNDICE C..... 166
APÊNDICE D..... 169
APÊNDICE E..... 172
APÊNDICE F..... 174
APÊNDICE G 177

1 APRESENTAÇÃO

A escolha da temática acerca da paternidade para o desenvolvimento deste estudo está diretamente relacionada à trajetória acadêmica da autora. No âmbito das relações familiares torna-se possível destacar a prática clínica em terapia familiar, durante o estágio curricular, assim como a atividade de extensionista em um Núcleo de Assistência Judiciária Gratuita vinculado à Universidade Federal de Santa Maria, quando foi possível trabalhar a partir da perspectiva do Direito de Família. Formações complementares foram realizadas pela autora referentes às temáticas como: Psicologia Jurídica e Família; Mediação Familiar; Interlocução entre a Psicologia e o Direito. Além disso, o estudo desenvolvido para obter a titulação de conclusão de curso de Graduação em Psicologia, transcorreu sobre o divórcio e a guarda compartilhada na perspectiva das crianças (CAMPEOL, 2016). Ao considerar o desenvolvimento da família e da paternidade ao longo do tempo, depara-se com a importância de, permanentemente, ampliar as discussões e direcionar esforços que considerem questões sociais e de interação com os pares, bem como aspectos culturais e contextuais. O mestrado, então, anunciou-se como uma oportunidade de continuidade dessas investigações.

A estrutura familiar e, conseqüentemente, as relações que a compõe estão em permanente processo de mudança, diante de demandas históricas, sociais e culturais e das exigências das diferentes fases do ciclo vital (OSÓRIO, 2002; MINUCHIN, 1982). Como reflexo destas transformações, torna-se possível pensar em novas composições familiares, que rompem com crenças que enfatizam um modelo único e natural de família, em que a mãe era a responsável pelo cuidado do lar e dos filhos enquanto o pai assumia funções de sustento e disciplina. Atualmente, se convive com novos arranjos familiares, sejam as recasas, monoparentais, homoafetivas e extensas, por exemplo. Por sua vez, essas novas realidades criam novas situações sociais, que há algumas décadas não eram vividas (RIED; PEREIRA 2012).

Nesta direção, entre em cena as famílias monoparentais masculinas como um vasto campo de investigação científica a ser explorado frente ao panorama social atual. A partir de uma revisão sistemática da literatura nacional produzida acerca da monoparentalidade, desde a década de 1980 até o ano de 2017, realizada para a construção deste estudo, ressalta-se que, em 47% dos 34 artigos analisados, as mulheres-mães estiveram como foco de interesse, enquanto que em apenas 8% dos estudos os homens-pais foram tomados como porta-voz de suas experiências. Portanto, nesta investigação, o recorte efetuado tem o objetivo de atentar para a

paternidade a partir da perspectiva dos pais, em um agrupamento familiar específico, a saber, as famílias monoparentais masculinas.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE (2005, 2015) o número de famílias, em que o pai é considerado a referência da família, cresceu de 3,1% para 3,4%, entre os anos de 2005 e 2015, respectivamente. Sendo que, a proporção dos arranjos formados por pessoa de referência sem cônjuge e com filho não se alterou muito no período, ficando em torno de 25% (IBGE, 2015). Embora as famílias monoparentais masculinas sejam uma composição menos frequente, observa-se uma crescente participação dos pais nos cuidados dos filhos (HENNIGEN; GUARESCHI, 2002; SILVA; PICCININI, 2007; SUTTER; BUCHER-MALUSCHKE, 2008). Assim, a relativa escassez de estudos coloca esta configuração familiar como importante objeto de investigação, ao considerar sua tendência de expansão retratada por dados estatísticos e demográficos e os importantes desafios referentes à revisão da paternidade de (homens) que vivem com os filhos, assumindo a responsabilidade e os cuidados destes.

Com base nessas premissas iniciais, o foco deste estudo esteve direcionado em compreender os significados atribuídos pelos pais sobre o desempenho da paternidade e sua inter-relação com os diferentes sistemas ecológicos. A análise da família como contexto de desenvolvimento pode ser considerada como um fenômeno complexo, envolvendo condições internas e externas, interdependentes e com efeitos cumulativos ao longo do tempo. Diante da importância da família para o desenvolvimento dos seus membros, a Abordagem Sistêmica mostra-se indicada para esse tipo de estudo, devido a abrangência de aspectos múltiplos e diversificados. Utilizando o referencial sistêmico de compreensão da realidade buscou-se considerar de que modo se conjugam movimentos sociais, culturais e históricos com a experiência de vida dos homens, e qual a influência dessa conjugação para sua constituição enquanto pais.

Assim, para se estudar a paternidade mostrou-se relevante compreender o contexto em que o pai está inserido. Nessa perspectiva, umas das teorias que concebe esta inter-relação é a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano (BÖING; CREPALDI; MORÉ, 2008; BUENO, 2014). Esta explora os aspectos ambientais, pessoais, bem como a relação da pessoa com o ambiente. Ainda que a teoria esteja centrada na pessoa em desenvolvimento em inter-relação com os contextos, outros fenômenos que não estão diretamente associados ao desenvolvimento podem ser ponderados sob essa perspectiva teórica. Além do mais, autores como Böing, Crepaldi e Moré (2008) e Bueno (2014), consideram a teoria bioecológica como sendo sistêmica, pois ambas estão ancoradas nos mesmos pressupostos epistemológicos. Com isso, a teoria bioecológica do desenvolvimento humano é a principal abordagem usada para

compreensão do desenvolvimento humano na perspectiva sistêmica.

Desse modo, a dissertação está constituída por duas partes. A seção I composta pelo embasamento teórico, o método adotado para investigação e uma descrição para compreensão dos casos estudados. A seção II constituída por dois artigos empíricos que se propõem a apresentar os resultados obtidos na pesquisa, focalizando a paternidade em famílias monoparentais masculinas. Por fim, são retomados aspectos gerais da dissertação, apresentando as considerações finais da dissertação, as referências bibliográficas e os apêndices.

Seção I

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 A Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano

Na perspectiva sistêmica, a família é compreendida como um sistema aberto e em constante transformação, a vista que realiza inúmeras e frequentes trocas de informações com o meio externo (extrafamiliar), se adaptando ao contexto histórico e social que experiencia (MINUCHIN, 1982). Entre as teorias sistêmicas que podem contribuir com embasamento teórico nas áreas de família e desenvolvimento psicológico, a teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano mostra-se interessante para a compreensão dos processos que ocorrem no indivíduo e na família, ao longo do tempo.

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano tem na figura de Urie Bronfenbrenner seu principal expoente. Este referencial teórico, com caráter contextualista e interacionista, permite uma visão ampla das situações, das pessoas e suas inter-relações nos diversos contextos. Esta perspectiva considera que o desenvolvimento ocorre em um ambiente de interações entre o ser humano e o seu contexto de vida (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; BRONFENBRENNER, 1996). Com isso, destaca as influências externas que interferem na capacidade das famílias para cuidar do desenvolvimento saudável do sistema, incitando a reflexão de como os processos intrafamiliares são afetados pelas condições extrafamiliares (NARVAZ; KOLLER, 2004).

A teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano permitiu revisões e ampliações contextuais desde sua origem, em meados da década de 70. As asserções iniciais do modelo, primeiramente, denominado como ecológico, depositavam demasiada ênfase aos aspectos do ambiente, em detrimento dos aspectos da pessoa (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; NARVAZ; KOLLER, 2004; PRATI; COUTO, MOURA, POLETTI; KOLLER, 2008). Esta foi a principal crítica que o próprio Bronfenbrenner fez às proposições originais da Teoria Ecológica. Estes aspectos foram revisados, de modo que passou a considerar que aquilo que importa está na relação entre as características da pessoa em desenvolvimento e os ambientes ecológicos, imediatos e remotos, resultantes de mudanças e continuidades sociais que ocorrem ao longo do tempo (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Identifica-se, a partir de então, o surgimento de uma nova perspectiva, denominada: Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano. Este modelo propõe que o desenvolvimento humano seja acompanhado através da

análise de quatro aspectos inter-relacionados: *Processo, Pessoa, Contexto e Tempo* (modelo PPCT) (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; NARVAZ; KOLLER, 2004).

Dentre esses, a dimensão *Processo* recebeu posição central na teoria. Os processos, compreendidos como a interação recíproca ocorrida entre as díades desenvolvimentais, formadas pela pessoa em estudo e seus diferentes objetos de interação, são “os principais motores do desenvolvimento” (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998, p. 996). As interações que transcorrem entre um organismo humano ativo, em evolução biopsicológica, e as pessoas, os objetos e os símbolos no ambiente imediato, de modo recíproco e progressivamente mais complexo, são entendidos por Bronfenbrenner (1996) como *processos proximais*. O desenvolvimento humano ocorre quando há o estabelecimento de um padrão de interação estável e recíproco entre as pessoas e seus ambientes (PRATI, et al., 2008). O relacionamento entre pai e filho pode ser um exemplo desse aspecto, por se tratar de uma interação que ocorre ao longo do tempo e de modo progressivamente mais complexo. São essas relações com o outro e com o ambiente que promovem o desenvolvimento tanto do pai quanto do filho (BUENO, VIEIRA, CREPALDI, SCHNEIDER, 2015).

Bronfenbrenner destacou a importância de cinco elementos na definição de processos proximais efetivos: 1) necessário que a pessoa esteja engajada em uma atividade; 2) a interação deve ocorrer em uma base relativamente regular, através de períodos estendidos no tempo; 3) as atividades devem ser progressivamente mais complexas; 4) deve haver reciprocidade nas relações interpessoais; 5) os objetos e símbolos presentes no ambiente imediato devem estimular a atenção, exploração, manipulação e imaginação da pessoa em desenvolvimento (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; NARVAZ; KOLLER, 2004).

Com relação aos processos proximais, esses podem apresentar dois efeitos distintos: 1) competência, que corresponde à aquisição e o desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e capacidades para conduzir seu comportamento; ou, 2) disfunção, descrita pela manifestação de dificuldades em integrar seu comportamento através de diferentes domínios do desenvolvimento (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). De tal maneira, a interação pai-filho não necessariamente manifestará resultados positivos. Diversos fatores que interferem no desenvolvimento devem, também, ser analisados.

De acordo com as proposições de Bueno et al. (2015), sistematicamente altera-se a forma (como o pai interage), o poder (o quanto ele interage), o conteúdo (o que ele faz com a criança) e a direção dos processos proximais (se a interação é recíproca com o filho ou não), sendo essa variação associada a um conjunto de características da pessoa em desenvolvimento, do contexto ambiental, das mudanças que ocorrem ao longo do tempo. Com isso, propõe-se que

o desenvolvimento paterno sofre influências de variáveis como: características do próprio filho, do contexto em que estão inseridos e do período histórico.

Do ponto de vista do modelo Bioecológico, as características da *pessoa* são entendidas tanto a partir dos seus aspectos biológicos e psicológicos, quanto a partir das características construídas em interação com o ambiente, sendo essa uma interação dinâmica e que se altera com o passar do tempo. Considera-se, também, o ser humano como ativo no seu desenvolvimento, assim, não apenas sofre influências do meio, mas o influencia (BRONFENBRENNER, 2005). Deste modo, se um membro de uma díade sofre uma mudança desenvolvimental, o outro, possivelmente, também muda, assim, pai e filho se influenciam mutuamente (BRONFENBRENNER, 1996; BUENO, et. al., 2015)

O terceiro componente do Modelo Bioecológico, o *contexto* de desenvolvimento se refere aos diversos ambientes nos quais os indivíduos estão inseridos, sendo compreendidos em termos físicos, sociais e culturais. Um pai, por exemplo, faz parte de uma família, tem amigos, tem funções em seu trabalho ou estudo e, mantém uma relação multidirecional com os diferentes ambientes.

O elemento contexto, para além do ambiente no qual a pessoa está inserida, foi entendido por Bronfenbrenner e Morris (1998) como uma série de estruturas encaixadas. No nível mais interno, está o ambiente imediato e as conexões face a face das pessoas presentes no ambiente. Estas inter-relações dentro do ambiente imediato denomina-se como *microsistema*. Um exemplo de microsistema é a família, em que o pai interage com o seu filho. Contudo, o ser humano não faz parte só de um contexto, por isso, o nível seguinte conduz a interconexão entre diferentes microsistemas que a pessoa em desenvolvimento participa ativamente, o qual chama-se de *mesossistema*. O terceiro nível de ambiente ecológico, compreendido como *exossistemas*, demarca que o desenvolvimento da pessoa pode ser afetado por eventos que ocorrem em ambientes nos quais a pessoa não se faz presente, mas nos quais ocorrem eventos que afetam aquilo que acontece no ambiente imediato. Finalmente, estes três níveis delineados anteriormente são pertencentes ao *macrossistema*, determinado por valores, crenças e ideologias presentes em uma cultura ou subcultura, ou seja, corresponde a padrões globais de ideologias e organização das instituições comuns a uma sociedade.

O quarto elemento do modelo bioecológico, a dimensão *tempo*, permite compreender a influência de mudanças e continuidades que ocorrem ao longo do ciclo de vida individual e familiar, para o desenvolvimento humano. Quer dizer, indica que as mudanças que ocorrem através do tempo, nas quatro propriedades deste modelo, não são apenas produto, mas também

produtoras de mudança histórica (BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). O tempo pode ser analisado em três níveis: 1) microtempo, que se refere à continuidade e à descontinuidade observadas no processo proximal; 2) mesotempo, que corresponde à periodicidade dos episódios de processo proximal, através de intervalos de tempo maiores; 3) macrotempo, que focaliza as expectativas e eventos em mudanças dentro da sociedade ampliada. Assim, o pai jogar futebol com o filho se refere ao microtempo, o pai levar o filho todos os dias para escola está posto no mesotempo e o macrotempo relaciona-se com a forma como o pai do pai lhe educou, o que interfere no modo como o pai se relaciona com os seus filhos (BUENO, et al., 2015).

Para Bronfenbrenner, a família pode ser considerada como o principal *locus* de desenvolvimento humano, e assim, a descreveu como o coração do nosso sistema social (BRONFENBRENNER, 2005). Entretanto, o autor expressou preocupação em relação as mudanças que ocorreram nas últimas décadas e que acabam por alterar o desenvolvimento da família (BRONFENBRENNER, 2005). Com foco na paternidade e na monoparentalidade, e seguindo as concepções de Bronfenbrenner, o presente estudo, deve contribuir na soma de esforços para retratar a dinâmica bioecológica, na qual as propriedades da pessoa se desenvolvem e apontam para as interações dos atributos pessoais com os demais elementos que compõem o modelo bioecológico.

Partindo do pressuposto de compreender as interconexões ambientais e sua inter-relação com a paternidade, as interações estarão no foco deste estudo, integrando as experiências individuais ao longo do ciclo evolutivo e os aspectos ambientais. Afinal, a disponibilidade dos homens para exercer a paternidade pode sofrer interferência de fatores externos a ele. Assim, ambientes como a comunidade, a escola ou o local de trabalho do pai podem se apresentar como contextos que favoreçam ou limitem o desenvolvimento da paternidade. Também, contribui para isso a existência de interconexões sociais entre os ambientes dos quais o pai participa e/ou a não existência de informações recíprocas em cada ambiente.

2.2 Família e paternidade: aspectos históricos e sociais

Ao pesquisar a paternidade ao longo da história, percebe-se o quanto estas informações são intrínsecas às mudanças da instituição família. As publicações, de modo geral, são consistentes em promover o exercício da maternidade, quando a qualidade da relação mãe-criança é reconhecida como fundamental para o desenvolvimento humano. Enquanto isso, o fazer da paternidade ainda não é igualmente compreendido nas produções científicas.

Entretanto, considera-se que houve nas últimas décadas um crescente interesse da Psicologia pela função paterna, e os estudos sinalizam a necessidade de ampliar as pesquisas na área (OLIVEIRA; SILVA, 2011).

O interesse pelo o pai, provavelmente, está associado às significativas alterações nas configurações familiares. Afinal, as funções paternas são construídas culturalmente, assim como a expectativa frente as atividades a serem desempenhadas (RAMIRES, 1997; GROENINGA, 2003; PEREIRA, 2003). Isto se confirma de tal maneira que os macrossistemas, ou seja, aspectos da cultura, mudanças socioeconômicas e fatores históricos devem ser considerados durante essa investigação (BRONFENBRENNER, 1996). Dessa forma, ao acompanhar as transformações que estão ocorrendo no sistema familiar buscar-se-á o retrato da paternidade, fundamentando-se que em cada período histórico mostra-se possível discernir uma paternidade associada à cultura dominante.

Em relação à paternidade, diferentes padrões de comportamentos foram observados ao longo da história. Ao focalizar essas questões, não há como evitar a referência ao modelo de família patriarcal, durante o Brasil Colonial. Em consonância com a ideologia do patriarcado, de controle social e subordinação, prescreveu-se o desempenho de funções no seio familiar. Sendo assim, por um longo período o homem foi impelido ao modelo de pai-provedor, exercendo sua principal função na esfera pública, e distante de qualquer situação de cuidado com os filhos, como representante da autoridade e da lei divina. À mulher ficou confiado o cuidado da casa e dos filhos, permanecendo alheia às discussões sociais-políticas-econômicas (RAMIRES, 1997; 2014).

Este contexto sociocultural delimitou formas de ser mãe e mulher, como também de ser homem e pai, e consolidou-se como patrimônio da família patriarcal. Trata-se de um modelo familiar e de papéis rigidamente demarcados que foram instituídos social e historicamente, considerados comuns e esperados no imaginário social (GRZYBOWSKI; WAGNER, 2010). Embora reconheça-se tratar de um processo de legitimidade social difícil de ser rompido, este panorama vem sofrendo transformações.

Em esfera mundial, durante o século XX, a família “hierárquica”, instituída em torno do poder patriarcal teve sua estrutura desestabilizada, em nome de um modelo de família onde o poder era distribuído de forma mais igualitária, entre o pai, a mãe e os filhos (KEHL, 2003). Como marco histórico, desde o início do século XX, com a ascensão do modelo econômico industrial, muitas mulheres passaram a integrar o campo do trabalho, com isso, impulsionando também o movimento feminista, de maior participação política, cultural e profissional das

mulheres. Neste século, além da incisiva participação da mulher no mercado de trabalho e do envolvimento no movimento feminista, somou-se o advento dos métodos anticoncepcionais, que possibilitaram à mulher um maior controle sobre o próprio corpo, bem como de sua sexualidade.

Enfim, ao longo das últimas décadas, em ritmo acelerado, as mulheres mudaram profundamente a perspectiva tradicional do ciclo de vida familiar (CARTER; MCGOLDRICK, 1995). Uma vez que, as mudanças sociais do feminino repercutiram no relacionamento com os membros do sistema familiar. Essas alterações, certamente, tiveram um papel importante no processo de transformação e questionamento do masculino, como o potencial de impulsionar e favorecer a ampliação do envolvimento dos homens na esfera doméstica e no cuidado com os filhos (STAUDT; WAGNER, 2008). O que possibilitou novas formas de interação entre homens e mulheres e, conseqüentemente, entre pais e filhos.

Impactada por significativas modificações em sua organização, principalmente na distribuição de funções, a família necessitou ser revista e os temas da maternidade e da paternidade reconsiderados (RAMIRES, 2014). Em especial, acarretou mudanças adaptativas dos homens a fim de acompanhar as mudanças do feminino (CERVENY; BERTHOUD, 2009). Iniciou-se assim, um processo de mudanças irreversível e, desde então, alterações significativas ocorreram no exercício da paternidade (JABLONSKI, 1999). Nesse sentido, a representação social da paternidade também assumiu contornos diversos dos padrões de épocas passadas.

Staudt e Wagner (2008) descreveram a mulher contemporânea com maior independência emocional e financeira, também mais ativa e mais liberal sexualmente. Por outro viés, retrataram um pai mais participativo e envolvido nos cuidados com os filhos, um homem capaz de demonstrações afetivas. Nesta linha, é crescente o número de homens que têm demonstrado disponibilidade e desejo por assumirem e construírem uma paternidade com maior envolvimento (BOTTOLI; ARPINI, 2011; GOMES; RESENDE, 2004; RAMIRES, 1997), distanciando-se do ideal de pai autoritário e distante de outrora. Dessa forma, a tradicional caracterização atribuída ao homem dentro da família de provê-la financeiramente e desempenhar um papel indireto no desenvolvimento dos filhos é cada vez menos aceita na sociedade atual (SILVA; PICCININI, 2004).

Entretanto, como ressaltaram Jablonski (1999) e Wang, Jablonski e Magalhães (2008), ainda que o pai pareça estar assumindo novas funções na vida dos filhos, as crenças e valores presentes no imaginário da sociedade não se alteram em igual velocidade. Mesmo que o padrão familiar tradicional não seja mais o mesmo, são conservados alguns traços fundamentais da família patriarcal burguesa (RAMIRES, 1997, CERVENY; BERTHOUD, 2009).

Dessen e Braz (2000) ao investigarem o comportamento paterno ideal na percepção de mães e pais de famílias de classe social menos favorecida, residentes do Distrito Federal atentaram que apenas 7% dos pais relataram a importância em auxiliar nas tarefas domésticas e 20% afirmaram que fazia parte do desempenho ideal das funções paternas assumir o sustento da família. As autoras estimaram que, embora existisse um progresso nos valores atribuídos ao pai, os relatos sugeriam que as mulheres continuavam valorizando a sua posição de guardiãs da esfera emocional e afetiva, enquanto os homens atribuem ao paterno uma função de provedores.

Afinal, a realidade é multifacetada e multideterminada, não há um padrão de funcionamento único e estanque. Embora considere-se que mudanças e uma maior flexibilização no desempenho das funções parentais tenham ocorrido desde o estudo referido (DESSEN; BRAZ, 2000) até os dias atuais, é possível afirmar, como proposto por Grzybowski e Wagner (2010), que com o emergir desse ‘novo homem’ coexistem comportamentos e exigências do ‘antigo homem’ que não foram totalmente superadas.

À vista disso, pode-se presumir que ainda compõem parte do imaginário social as diretrizes do comportamento patriarcal, que concebe o pai como prioritariamente de provedor material e moral da família (CERVEY; BERTHOUD, 2009). Concomitantemente, a sociedade emergente desafia o homem a assumir a masculinidade com afetividade e emotividade. Muitos homens encontram-se em um dilema entre estar mais engajado àquilo que estão lhe exigindo na contemporaneidade, e, ao mesmo tempo, temerosos em não comprometer sua imagem de virilidade diante de uma sociedade que valoriza tal característica. Essa preocupação se estende a muitas mulheres, que também têm esse receio em relação ao sexo oposto, seja nas relações que estabelecem com eles, seja na criação de seus filhos (STAUDT; WAGNER, 2008).

Nesse sentido, pensa-se na necessidade de um redimensionamento do masculino, em que é possível ser homem e, ao mesmo tempo, ser terno, acolhedor e capaz de estabelecer vínculos fortes com os filhos (ISOTTON; FALCKE, 2014). Assim, o modelo de homem tradicional é invocado a redesenhar-se, a fim de atender as exigências do modelo de família atual, em que pai e mãe, ao menos em termos do discurso explícito e das intenções, almejam o equilíbrio do desempenho das funções parentais (DANTAS; JABLONSKI; FÉRES-CARNEIRO, 2004). Para tanto, além do homem romper com os modelos arcaicos de paternidade, é imprescindível que a mulher também acompanhe esse movimento.

As mulheres e os homens parecem ainda manter internalizado um modelo que atribui à mulher, quase que exclusivamente, a responsabilidades pelos filhos (BORNHOLDT; WAGNER; STAUDT, 2007). Até o final do século XX pode-se afirmar que as mulheres

ficaram restritas ao espaço doméstico, e que esse tornou-se sua esfera de poder, o que ajuda a compreender sua resistência e ambivalência em abrir mão desse monopólio socialmente relevante. Isso pode levar a que, ao mesmo tempo em que reivindicam a participação dos homens nas questões familiares, as mulheres resistam em compartilhar os cuidados em relação aos filhos, afinal, isso afeta diretamente uma identidade consolidada historicamente. Frente a esse panorama, ainda parece atual a afirmação de Bernardo Jablonski (1999), de que o período é de transição e, apesar de que muitas mudanças tenham se sucedido, as indefinições de papéis ainda são visíveis.

Neste ponto, considera-se relevante retomar os aspectos jurídicos que perpassam as relações familiares, uma vez que as transformações na representação social da paternidade incidem no poder judiciário assim como são influenciadas por este, afinal, a objetividade dos fatores jurídicos está imersa de subjetividade (PEREIRA, 2003). Nessa perspectiva, as postulações jurídicas podem ser significativas para a instituição das representações sobre a paternidade, uma vez que sinalizam o lugar e as funções socialmente convenientes ao seu exercício.

As mudanças no ordenamento jurídico pátrio iniciaram com a Constituição brasileira de 1988, responsável por desencadear uma grande reforma no Direito de Família, a partir da mudança de três eixos fundamentais: homens e mulheres são considerados iguais perante as leis; o Estado reconhece outras formas de família, para além daquela constituída pelo casamento heterossexual; e, remodela-se o sistema de filiação, igualizando filhos do casamento e de relações extraconjugais (PEREIRA, 2003). Ressalta-se que, no Brasil, o reconhecimento de famílias plurais, entre elas a monoparental, faz referência à Constituição da República de 1988.

Parte-se do pressuposto de que o fenômeno da monoparentalidade pode ser identificado na sociedade brasileira desde os primórdios, embora vivendo, de algum modo, à margem da sociedade e da própria lei (LACERDA, 2006). Apenas com a promulgação da Constituição de 1988, que disciplinou uma pluralidade de entidades familiares, o modelo familiar monoparental passou a ser reconhecido social e juridicamente. Conforme citado no artigo 226 da Constituição, em seu parágrafo 4º, entende-se também “como entidade familiar a comunidade formada por qualquer dos pais e seus descendentes” (BRASIL, 1988). Dentre as diversas composições familiares com as quais se convive atualmente, o Censo Demográfico (IBGE, 2014) destaca a família monoparental entre as três mais presentes na sociedade brasileira.

No que se refere à composição de famílias monoparentais, tanto no plano nacional quanto internacional, a grande maioria das famílias monoparentais são constituídas de forma que a figura de referência esteja centrada na mãe. Nesse sentido, outra questão jurídica suscitada

diz respeito à guarda dos filhos. Ainda que, atualmente, esteja passando por notórias alterações, é comum que se esbarre em posicionamentos tradicionalistas no que se refere aos cuidados direcionados aos filhos (JABLONSKI, 1999; SOUZA, 2008). Desta maneira, mesmo que uma parcela considerável de pais venha requerendo para si a responsabilidade integral dos filhos, as famílias monoparentais femininas são a grande maioria. Conforme os dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2015) aumentou de 25,8% no ano 2005, para 26,6% em 2015, os domicílios constituídos por famílias monoparentais femininas (com ou sem parentes). Enquanto isso, no que se refere as famílias monoparentais masculinas (com ou sem parentes), o número subiu de 3,1%, em 2005, para 3,4%, em 2015. De modo que, os arranjos formados por mulheres sem cônjuge e com filhos representam 87,4% dos arranjos monoparentais

E, nesta linha de raciocínio, o tradicional julgamento de que as mães detêm capacidades inatas e instintivas para promover o desenvolvimento de seus descendentes permanece culturalmente impregnado no imaginário social (BADINTER, 1985). Todavia, gradualmente novos acontecimentos reforçam a necessidade de rever aspectos da guarda dos filhos, considerando-se o bem-estar dos envolvidos. Nesse sentido, a ciência jurídica, que está posta de modo a legislar sobre as mudanças sociais, no caso de guarda dos filhos, antecipou-se a estas, e propôs a revisão de concepções sociais sobre maternidade e paternidade a partir da guarda compartilhada (SCHNEEBELI; MENANDRO, 2014), o que pode justificar a resistência pela adaptação a tal ordenamento. Na sociedade americana, Coles (2015), destacou que o número de famílias monoparentais quadruplicou e, as leis que regulamentam o divórcio e a custódia dos filhos foram alteradas a fim de considerar os pais de modo mais igualitário, o que facilitou a guarda paterna.

Ao pensar as legislações brasileiras referente à guarda dos filhos, propõe-se uma retomada ao ano de 1977, com a regulamentação da Lei do Divórcio, quando ficou descrito nos termos da lei nº 6.515, em seu artigo 10, parágrafo 1º, que em casos de ambos os cônjuges serem responsabilizados pelo divórcio, os filhos ficariam com a mãe (BRASIL, 1977). No âmbito jurídico, no que concerne à guarda dos filhos, a prevalência materna para indicação de guardiã perdeu sua supremacia somente com o Código Civil de 2002. A partir deste registro legislativo, caberia ao juiz orientar suas decisões sustentado pelos interesses dos filhos, atribuindo a guarda a quem tivesse melhores condições de exercê-la (GRISARD FILHO, 2009). Compete ressaltar, que o modelo de guarda unilateral, o qual atribui a um dos pais a guarda e ao outro o papel de visitante e fiscalizador, priva o pai não-guardião de um relacionamento integral com seu filho

(GRISARD FILHO, 2009).

Diante destas críticas ao modelo exclusivo de guarda, foi sancionado no Brasil a Guarda Compartilhada, através da lei nº 13.058 no ano de 2014, que tem por objetivo a manutenção dos vínculos entre pais e filhos após a ruptura conjugal e reforçar a preservação da responsabilidade por parte de ambos os pais (ROSA, 2015). A partir do panorama do ordenamento jurídico pátrio apresentado, Castro (2008, apud ISOTTON; FALCKE, 2014) propõe o conceito de famílias binucleares, para os casos em que não ocorre o rompimento do vínculo parental, como no caso da guarda compartilhada, por exemplo. Tal perspectiva visiona a diferenciação entre os casos em que há o rompimento parental, traduzido por monoparentalidade, dos casos em que não ocorre o rompimento dos vínculos parentais.

Além do mais, ao considerar o exercício da paternidade e sua interlocução com os aspectos jurídicos, em termos práticos, a organização social ainda se mostra distante de estar instituída como suporte à participação masculina na criação e cuidados com os filhos. A participação equitativa no ambiente de trabalho, por exemplo, ainda se configura como um desafio; as estruturas institucionais pressupõem participação diferenciada entre homens e mulheres, e a legislação social atua lentamente nessa área. As leis que regulamentam a licença-maternidade e a licença-paternidade no Brasil (CLT, 2005) expõem esse fenômeno. Enquanto a mulher tem direito a 120 ou 180 dias de licença, ao homem são concedidos apenas 5 dias de afastamento das atividades profissionais. Cabe a ressalva de que recentemente foi sancionada a lei que aumentou a licença-paternidade de cinco para 20 dias. Contudo, nem todos os trabalhadores têm direito ao período de afastamento maior, sendo acessível apenas aos funcionários de locais que fazem parte do Programa Empresa Cidadã. Esta formatação reforça o senso de que os cuidados dos filhos, de modo especial os filhos pequenos, são atribuições das mulheres. De tal modo, percebe-se o tencionamento de forças opostas, de um lado os pais são incentivados para uma maior participação e, do outro, há barreiras sociais e jurídicas a estas mudanças (SILVA; PICCININI, 2004; STAUDT; WAGNER, 2008).

Nessa perspectiva, Bueno, Bossardi e Vieira (2015), compreenderam ser uma responsabilidade específica da família, o que se estende aos pais, o cuidado e a educação dos filhos, independente da forma como essa família se configura e do contexto social em que está inserida. Sendo assim, as funções parentais e, aqui em especial, a função paterna, são considerados conceitos extremamente voláteis e mutáveis no tempo, em sintonia com as reestruturações sociais e com as descobertas científicas. De tal forma, torna-se impossível propor uma definição fixa e estática para esses fenômenos. A trajetória histórica e social traçada até aqui, é passível de ser revista e de sofrer alterações basilares a partir do que já está posto.

Assim, embora o pai seja revisitado ao longo do processo histórico-social, as expectativas em relação às funções familiares e parentais permanecem relativamente estáveis. Sobre tais funções tratará o tópico seguinte.

2.3 Funções da família e o processo de construção da parentalidade

Ao acompanhar as diversas mudanças ocorridas na família ao longo da história, torna-se difícil traçar um perfil único para a família brasileira. Conforme alertam Cervený e Berthoud (2009), tratar-se-á sempre de “uma família brasileira ‘mutante’, aquela que se reorganiza e se reinventa, produzindo e reproduzindo valores, modelos de comportamentos e formas de organização” (CERVENÝ; BERTHOUD, 2009, p.28). São tantas as variáveis ambientais, sociais, econômicas e culturais que determinam os diferentes arranjos familiares que se mostra impossível uma definição completa e integradora do que seja família no Brasil (BÖING, CREPALDI; MORÉ, 2008). Com isso, hoje, fala-se em *famílias* na sociedade ocidental, com diversos arranjos e configurações, com dinâmicas que são particulares e peculiares (RAMIRES, 2014). De tal forma, a coexistência de configurações e estruturas familiares diversas retratam um movimento de recursividade entre as mudanças da sociedade e as pessoas, que não apenas se sujeitam ao mundo, mas também se transformam e modificam suas relações com este (WAGNER; TRONCO; ARMANI, 2011). Nesse sentido, tal pluralidade implicou em considerar a influência do ambiente, na medida em que o contexto de valores, crenças, ações e reações reverberam no sujeito como um ser dinâmico (VASCONCELLOS, 2002).

À vista disso, situa-se, que os núcleos familiares - pessoas que interagem a partir de vínculos afetivos, consanguíneos, políticos, e que estabelecem uma rede significativa de mútua influência se organizam como sistemas dinâmicos, que estabelecem regras e buscam acordos entre os seus membros (WAGNER, et. al., 2011). A dinamicidade do sistema deve ser entendida a partir da maneira como a família se movimenta, em vista que realiza inúmeras trocas de informações com o meio externo (extrafamiliar), se remodelando conforme o contexto histórico e social em que está inserida (MINUCHIN, 1982; VASCONCELLOS, 2002). Afinal, são fundamentais os efeitos dos diversos microssistemas nos quais os indivíduos atuam, onde o próprio grupo de iguais, o ambiente profissional, os vizinhos, colegas, amigos e os parentes, possuem o poder de transmissor e formador de ideias e comportamentos. De modo que, os microssistemas conduzem fortemente o modo de ver e ser no mundo, configurando a

causalidade recursiva das interações e caracterizando a interdependência dos contextos (BRONFENBRENNER, 1996; VASCONCELLOS, 2002)

Frente a esse fenômeno, torna-se importante resgatar que a família se mantém como estrutura organizadora e segura para seus membros (ROUDINESCO, 2003). Esta instituição, com imensa capacidade de adaptação, vem se transformando sem deixar de cumprir com suas funções basilares: a função biológica de proteger dos perigos físicos e garantir a sobrevivência através da alimentação e, a função de socialização, determinada pela transmissão de padrões e normas culturais (MINUCHIN; FISHMAN, 1990; CERVENY; BERTHOUD, 2009). Assim, independentemente de sua configuração, a família cumpre sua função como principal “célula social” (WAGNER, et. al., 2011). Por sua vez, este sistema constitui-se por *subsistemas* que são interdependentes e perpassados por *fronteiras* (limites abstratos que variam conforme sua permeabilidade) utilizadas para definir a *estrutura* familiar, a qual refere-se ao padrão de funcionamento e à interação entre os membros, ou seja, as funções que cada um desempenha na família (MINUCHIN, 1982). Ressalta-se que, a forma como se estabelece a estrutura, a divisão de funções, de poderes, e as fronteiras entre os subsistemas determinarão a funcionalidade do sistema familiar.

Entende-se como *subsistemas* os possíveis reagrupamentos de membros do sistema familiar, em que díades e/ou grupos se organizam a partir variáveis como: geração, sexo, função, interesses comuns, etc. (NICHOLS; SCHWARTZ, 2007). Sendo assim, a partir das principais relações possíveis de serem estabelecidas no núcleo familiar, tais como conjugalidade, parentalidade e relação fraterna, torna-se possível definir funções e demandas específicas de cada subsistema. Estes agrupamentos podem coexistir dentro da família e implicam em níveis de hierarquia e autoridade e, conseqüentemente, em diferentes aprendizados aos seus membros, uma vez que estão circunscritos por diferentes relacionamentos e etapas do ciclo de vida da família.

Conforme Minuchin “cada subsistema familiar tem funções específicas de seus membros” (1982, p. 59). Nesse caso, as atribuições a cada membro podem ser pensadas como um recurso para organizar o grupo familiar e mantê-lo dentro de uma determinada ordem. O que caracteriza o dinamismo relacional não só entre os indivíduos, mas entre os indivíduos e a cultura, suas crenças, seus modos de ser e agir (STAUDT; WAGNER, 2008). No que diz respeito a esse fenômeno, Grandesso (2000) pode enriquecer a discussão com o seu entendimento de significado. De acordo com a autora, os seres humanos são produto e produtores de significados (GRANDESSO, 2000). Neste caso em especial, destaca-se o significado atribuído pela família e pelos próprios pais acerca das funções paternas. Assim, a

paternidade deve ser entendida como circunscrita em um contexto histórico e cultural, em que as atividades parentais se constituem imersas na dinâmica das relações. Nesta perspectiva, o pai configura-se como um membro do sistema e suas funções precisam ser investigados como parte da ecologia da família e, a partir dos processos sociais mais amplos que atribuem um determinado significado para o comportamento paterno. (DESSEN; LEWIS, 1998).

Assim, para este estudo deter-se-á no subsistema parental, e nas funções que se referem a forma como está sendo desempenhada a paternidade, em inter-relação com os sistemas sociais. O subsistema parental tem sua definição estruturada a partir da chegada do primeiro filho e da construção das funções de pai e mãe na família. Nos casos em que os pais compartilhavam de um relacionamento afetivo-sexual prévio, o subsistema parental pode ser compreendido como um subconjunto derivado do subsistema conjugal (WAGNER, et. al, 2011). Para o amplo entendimento das atribuições parentais, deve-se considerar a estrutura familiar na qual está inserido e as fases do ciclo vital vivenciadas pela família. Por exemplo, em famílias com filhos pequenos os pais são demandados para os cuidados básicos da criança, o que difere significativamente da fase da adolescência, e assim, por conseguinte, os pais devem ajustar o modo de se relacionarem com os filhos (CARTER; MCGOLDRICK, 1995; BUENO; BOSSARDI; VIEIRA, 2015).

Quanto às funções parentais, Osório (2002) apontou que estas corresponderiam basicamente a: *função biológica*, *função psicológica* e *função social*, independente de quem realiza os cuidados, sejam eles os pais biológicos ou outros cuidadores. A *função biológica* assegura a sobrevivência através de cuidados com a alimentação, higiene e condições ambientais adequadas, tais como calor e luminosidade. A segunda função, determinada como *função psicológica*, subdivide-se em três variáveis: 1) proporcionar afetividade e a segurança para todos os membros da família, no decorrer do ciclo vital do sistema; 2) valer-se como continente e, assim, conter as ansiedades existenciais de seus membros ao longo do desenvolvimento individual e; 3) oportunizar um ambiente adequado para o progresso cognitivo e, favorecer a aprendizagem e a troca de informações entre o indivíduo e o meio. Por fim, e não menos relevante, a terceira função da família - a *função social* - é responsável pela transmissão cultural, direcionada dos adultos às crianças, ou seja, a preparação destas para a vida em sociedade. Para tanto, os pais precisam estar diferenciados hierarquicamente dos filhos, a fim de que estes aprendam a lidar com diferentes opiniões, bem como desenvolvam seu próprio estilo de comunicação com o mundo externo (MINUCHIN, 1982). Ou seja, são os diferentes níveis de autoridade que diferem adultos de crianças e pais de filhos, e constituem-se como

“laboratório de treinamento social para as crianças, que necessitam saber como negociar em situações de poder desigual” (MINUCHIN, 1982, p. 63).

Hoghughi (2004), definiu a parentalidade como o conjunto de atividades realizadas propositalmente pelos pais, no sentido de assegurar a sobrevivência e o desenvolvimento da criança. Baseado nos resultados das suas investigações e nas propostas de Bronfenbrenner (1979) e de Belsky (1984), o autor, propôs um modelo integrativo dos elementos teóricos da parentalidade. Conforme este modelo, a parentalidade subdivide-se em onze dimensões, a saber: *atividades parentais* (conjunto de atividades necessárias para uma parentalidade adequada), *áreas funcionais* (principais aspectos do funcionamento da criança) e *pré-requisitos* (conjunto de fatores necessários para o desenvolvimento da atividade parental).

No que concerne às *atividades parentais*, como conjunto de atividades necessárias para uma parentalidade suficientemente adequada, destacam-se as dimensões de cuidado (físico, emocional e social), controle e disciplina e, desenvolvimento. No que diz respeito ao cuidado físico, os pais devem garantir aos filhos alimentos, proteção, vestuário, higiene, hábitos de sono, precauções de acidentes e/ou doenças, assim como tomada de ações rápidas para resolução de situações críticas. Os cuidados emocionais integram a dimensão relacional, ou seja, os comportamentos e atitudes que asseguram o respeito pela criança como indivíduo, e, conseqüentemente, uma interação positiva, consistente e estável entre a criança e o ambiente (físico e interpessoal). No que diz respeito aos cuidados sociais, o objetivo configura-se em garantir que a criança se torne socialmente competente e aceite progressivamente responsabilidades na execução de tarefas e no relacionamento com os outros. A dimensão controle e disciplina refere-se às atividades relacionadas com a imposição de limites à criança, o que inclui todas as atividades que os pais realizam desde o nascimento, no sentido de promover a realização de determinadas atividades, de supervisionar e assegurar que os comportamentos da criança condizem com as normas sociais. Por sua vez, as atividades de desenvolvimento são guiadas pelo desejo parental de que a criança realize todo o seu potencial, em todas as áreas de funcionamento. Assim, essa dimensão encontra-se implícita em todos os atos de encorajamento e criação de novas oportunidades para os filhos.

No modelo apresentado, correspondem às *áreas funcionais* os aspectos do funcionamento da criança que requerem atenção parental. Trata-se de especificações como: saúde física, funcionamento educativo e social, comportamento social e saúde mental. A esfera da funcionalidade física se relaciona com o estado físico da criança, e suas necessidades de sobrevivência e bem-estar. O foco parental deve estar direcionado para a prevenção de danos e a provisão de oportunidades para o crescimento positivo. Para o funcionamento intelectual, se

requer aos pais todas as providências a fim de favorecer as competências educacionais e acadêmicas, de trabalho e de resolução de problemas nos seus filhos. O comportamento social concerne sobre o esforço dos pais em facilitar o desenvolvimento social infantil, realça-se a obtenção de competências apropriadas para o desenvolvimento de relacionamentos sociais e a internalização das normas culturais. E, a saúde mental diz respeito aos pensamentos, sentimentos e comportamentos que a criança manifesta em relação a si própria e aos outros, com impacto significativo das práticas educativas dos pais na resiliência da criança.

Por fim, integram-se ao modelo proposto por Hoghughi (2004) os *pré-requisitos* necessários para o desenvolvimento da atividade parental, o que inclui dimensões como: conhecimento e compreensão, motivação, recursos e oportunidades. Refere-se ao conhecimento e a compreensão, o reconhecimento das necessidades dos filhos ao longo do ciclo de vida, o que envolve discernir o estado da criança, interpretá-lo adequadamente e responder de modo apropriado. Estas atividades estão envolvidas por crenças e competências parentais resultantes do processo de socialização e mediados pelos conhecimentos sobre questões relacionadas ao desenvolvimento da criança ou do adolescente. Estes dois pré-requisitos apresentam-se diretamente ligados à motivação, uma vez que, remetem aos desejos e compromissos dos pais em canalizar os esforços necessários para manter e melhorar as condições de socialização da criança. A motivação para a parentalidade corresponde aos papéis sociais e à identidade dos pais (equilíbrio entre aspirações pessoais e parentais), exigências profissionais e aceitação da responsabilidade e autoridade em relação à criança. Quanto aos recursos, aludem às qualidades parentais, competências parentais, redes sociais e recursos materiais. Por fim, as oportunidades, tratam de condicionantes com grande impacto na parentalidade, como o caso do fator tempo destinado para as atividades parentais, perante as situações resultantes da necessidade contemporânea de envolvimento profissional, por exemplo.

Consoante ao que foi apresentado até o momento, a Convenção dos Direitos da Criança (ONU/UNICEF, 1990), em seu artigo 27º declarou como responsabilidade parental e de outros cuidadores assegurar, de acordo as suas competências e capacidades financeiras, as condições de vida necessárias para o desenvolvimento da criança. Posto que, os critérios que definem uma parentalidade “suficiente” constroem-se socialmente, a depender de impressões subjetivas, crenças culturais ou preocupações relacionadas com determinados contextos (BARROSO; MACHADO, 2010). Neste íterim, para o entendimento de contexto, pode-se assumir a definição de Bronfenbrenner (1996), como ambiente global em que o indivíduo está inserido e onde acontecem os processos desenvolvimentais. O autor considera desde os ambientes mais

imediatos nos quais a pessoa vive, até os mais remotos, em que a pessoa nunca esteve, mas que, de alguma forma, se relacionam e possuem o alcance de interferir no curso de desenvolvimento humano, e neste caso, no exercício da paternidade. Esses ambientes são denominados micro, meso, exo e macrossistemas, os quais serão descritos mais adiante.

Considera-se que conhecer a perspectiva dos pais torna-se de grande importância para o entendimento do fenômeno da paternidade. Para compreender e discutir a paternidade, parte-se não apenas do contexto no qual o fenômeno se insere, como também, considera-se as inter-relações entre os sistemas que o compõem. Então, torna-se impossível olhar para a paternidade sob um único prisma. Afinal, um caleidoscópio de aspectos se apresenta no momento de concebê-la (BRONFENBRENNER, 1996; VASCONCELLOS, 2002). O ambiente microssistêmico, onde se localiza a família, o tempo todo se inter-relaciona com os demais ambientes (meso, exo e macrossistema) (BRONFENBRENNER, 1996; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998; DESSEN; LEWIS, 1998). Nesse sentido, compreender o exercício da parentalidade direciona o olhar do pesquisador para um entendimento biopsicossocial (BARROSO; MACHADO, 2010), uma vez que, conforme assinala Osório (2002), as funções parentais estão relacionadas à identidade pessoal, social e psicossocial de cada pessoa. Assim, considera-se que existem múltiplos fatores que se encontram associados e dimensionam o comportamento dos pais, decorrentes de circunstâncias ambientais, individuais, históricas e sociais (BARROSO; MACHADO, 2010).

Nesta perspectiva, Belsky e Jaffee (2006), propuseram um modelo sócio-contextual e ecológico da parentalidade. Este modelo propõe-se contemplar diferentes pontos de vista na explicação deste fenômeno, integrando três instâncias fundamentais: fatores individuais dos pais; características individuais das crianças e fatores do contexto social em que estão inseridos pais e crianças. Serão foco do presente estudo, de modo especial, o primeiro e o último fator. Nesses termos, o modelo assume que as histórias desenvolvimentais dos pais, seus relacionamentos afetivos-sexuais, a posição profissional e a rede de suporte social (incluindo escola, vizinhança, comunidade e amigos) influenciam diretamente na funcionalidade da paternidade.

A compreensão atual argumenta que o exercício ativo da paternidade nos cuidados e criação dos filhos mostra-se fundamental para o pai e para a criança (MELO; MARIN, 2017; DESSEN; BRAZ, 2000). O novo pai deseja realizar uma ruptura com o modelo que viveu na infância. Todavia, durante o processo da paternidade o homem resgata vivências com o seu próprio pai (RAMIRES, 1997). As crenças e os valores são passados de pai para filho, por isso, para entendermos como o pai desenvolve sua paternidade, por vezes faz-se necessário conhecer

suas experiências com as gerações anteriores (FALCKE; WAGNER, 2005; BOTTON; CÚNICO; BARCINSKI; STREY, 2015). No mais, muitas vezes, o homem vive hoje uma situação muito distante daquela para a qual foi criado. Diante do movimento em que homens e mulheres cada vez mais passam a desempenhar tarefas que extrapolam aquelas tradicionalmente designadas a cada gênero; as atividades, que durante muitos anos foram pertinentes ao domínio das mulheres passam a ser divididas com os homens, chamando-os a um exercício mais atuante no cuidado e educação dos filhos (BOTTON, et. al., 2015). Esse comportamento leva a uma modificação na estrutura psíquicas dos membros da família, e contribui decisivamente para mudanças na estrutura familiar e na organização social (RAMIRES, 1997; JABLONSKI, 1999).

Nesse contexto, desejar ser pai e, além disso, desejar cumprir as responsabilidades de pai torna-se imprescindível. A paternidade, para além da criação biológica, exige pensar em mudanças comportamentais, econômicas e sociais decorrentes desse fundamental papel para o desenvolvimento de uma criança. O tipo de pai que será, determina-se pelo crivo da própria consciência em eleger modelos de paternidade para serem incorporados. Ademais, as mudanças em relação à paternidade continuarão ocorrendo durante toda a vida, afinal, a cada momento de relação com os filhos pode se modificar a forma de exercer a paternidade (ISOTTON; FALCKE, 2014).

De um modo geral, estes fatores estão entrelaçados à cultura, e esta tende a delinear a forma como as pessoas pensam, se comportam, tomam decisões e definem eventos e experiências, entre as quais a parentalidade (STAUDT; WAGNER, 2008; BARROSO; MACHADO, 2010). Nesse sentido, algumas discussões e estudos brasileiros têm investigado o feminino e o masculino na sociedade, e, conseqüentemente, o desempenho das funções paternas e maternas (GOMES; RESENDE, 2004; STAUDT; WAGNER, 2008). Cabe ressaltar que construções teóricas do campo da psicologia tiveram como panorama histórico o modelo de família nuclear do século XX. Atualmente, ao acompanhar a diversidade de arranjos familiares conviventes, muitos conceitos precisaram ser revistos e flexibilizados.

Para avançar em tais reflexões, considera-se relevante partir do entendimento de que meninos e meninas são socializados para os papéis que irão desempenhar ao longo da vida, dentre eles os papéis de pai e de mãe (BOTTON, et al., 2015). Assim, as aprendizagens sobre cuidados parentais são constituídas antes mesmo de o sujeito tornar-se pai ou mãe (GOETZ; VIEIRA, 2013). Apesar do entrave posto por concepções ainda conservadoras acerca das funções parentais, nas últimas décadas, muitos dos pais ditos contemporâneos assumiram uma

postura mais próxima e afetiva para com a família. Alguns homens mostraram-se capazes de incorporar habilidades para sentir, dialogar e tolerar, rompendo com aspectos modeladores do masculino tradicional (GOMES; RESENDE, 2004).

Em um estudo realizado no interior do Rio Grande do Sul, com sete homens casados, de diferentes níveis de escolaridade e socioeconômicos, com idades entre 32 e 57 anos, que tinham em média três filhos, foi possível identificar que a posição assumida pelos participantes acerca da paternidade demonstrou uma significativa participação nas atividades cotidianas e, em especial naquelas relacionadas ao cuidado com os filhos. Entre as falas a respeito da divisão de tarefas dentro do lar, percebeu-se um envolvimento dos homens em atividades consideradas tradicionalmente como femininas tais como: cuidados com a alimentação, banho e atividades educativas, sendo que, nos depoimentos, esta postura paternal era vista como natural (RODRIGUES; GONÇALVES, 2011).

Tais estudos retratam mudanças que repercutem na esfera psicológica, ou seja, alcançam, inexoravelmente, aspectos da identidade masculina (JABLONSKI, 1999). Segundo Hennigen (2010), as identidades são formadas e se transformam a partir do conflito entre a cultura e o desejo de adotar seus significados. Sendo assim, o pai está em contínua transformação, tanto em relação às suas significações como ao modo de vivenciar a paternidade. Nesse sentido, as questões referentes à paternidade se apresentam de forma complexa, a partir da elucidação de que não existe mais um único modelo instituído. As relações distantes entre pais e filhos, baseadas no respeito à autoridade, foram substituídas, ao menos em parte, por relações mais próximas, sendo autorizada a demonstração de afeto e a maior participação dos pais na educação e criação de seus filhos (DANTAS, et al, 2004). As construções acerca do ser homem, consolidadas a partir de concepções de um ser ambicioso, racional, competitivo, dominador, agressivo, que não demonstrava emoções, aos poucos foram cedendo espaços a padrões comportamentais menos rígidos.

Frente a estes estudos, pondera-se que a identidade dos pais, perante a família contemporânea e à pressão social, se mostra confusa e necessitando descobrir como 'ser pai'. Entre a desresponsabilização e o superenvolvimento há inúmeras facetas possíveis, que permitem que coexistam novos e velhos papéis tanto masculinos quanto femininos. Hoje, há uma mescla de modelos familiares possíveis e diferentes *scripts* para o desempenho das funções parentais. Paralelo a isso, identifica-se o aumento de discussões em torno deste tema, o que pode ser justificado pela crescente conscientização de que a presença e o modo como é desempenhada a paternidade na família possui repercussões importantes para o bem-estar da família, em especial, para os filhos. Seguindo os determinantes da parentalidade, propostos por

Belsky e Jafee (2006), os autores se referem a um nível sócio-contextual, delimitado pela ocupação profissional, pela rede de suporte social e a partir das características estruturais da vizinhança e comunidade em que o núcleo familiar está integrado. Por exemplo, o pai que trabalha em rigorosa jornada pode encontrar dificuldade de dedicar-se aos filhos e acumular tarefas domésticas.

A este respeito, o estudo de Silva e Piccinini (2007) com três pais casados com a mãe de seus filhos(as), que residiam na cidade de Porto Alegre, com idades entre 27 e 37 anos, apontou que alguns homens referiam apresentar baixa acessibilidade aos filhos devido às suas elevadas demandas de trabalho. Estes homens reconheciam que a participação na vida de seus filhos deveria ser maior, contudo, o trabalho e a cobrança pelo sustento financeiro da família os impediam de realizar tal investimento. Os pais viviam o paradoxo de cumprir com a exigência social de sustento financeiro da família, o que demanda tempo e dedicação, enquanto também eram requisitados ao convívio direto com os filhos e demais familiares.

Outro aspecto vinculado as funções paternas dizem respeito à rede social de apoio das famílias, um dos fatores responsáveis pelo equilíbrio e dinâmica familiar (DESSEN; BRAZ, 2000). A rede social caracteriza-se como um sistema composto por pessoas, funções (atividades dessas pessoas) e situações contextuais que oferecem apoio instrumental (ajuda financeira, divisão de responsabilidades e informação prestada) e emocional (afeição, preocupação e simpatia com o outro) à família (DESSEN; BRAZ, 2000). Dentre as várias pessoas que podem oferecer suporte à família e aos indivíduos, salienta-se os próprios membros familiares, como a família extensa (avós, tios, primos), amigos, vizinhos e profissionais que podem oferecer apoio material e/ou financeiro, executar tarefas domésticas, cuidar dos filhos, prestar orientações e/ou informações, oferecer suporte emocional. Assim, são percebidos como pessoas fundamentais para o desempenho de funções como a parentalidade. Ressalta-se, as pessoas que participam da rede social de apoio e as funções que são chamadas para exercer variam de acordo com o contexto sociocultural e o estágio de desenvolvimento da família enquanto grupo.

Nesse compasso, deve-se considerar que as relações familiares são permeadas por uma dinamicidade que possibilita a reorganização dos papéis familiares conforme o meio em que estão inseridos. Os questionamentos atuais sobre as práticas da paternidade se intensificam ao passo de que os pais se dispõem a desconstruir o modelo culturalmente instituído de paternidade. Esse modelo, marcado pelo autoritarismo, distanciamento afetivo e pelo poder, considera tais características, de forma displicente, como sinônimos de masculinidade. Assumir um lugar próximos aos filhos, de cuidado, amor e afeto consiste em um importante desafio,

além da responsabilidade de ser exemplo para os que ainda não perceberam essa mudança. O pai que assume este novo modelo de paternidade, não precisará deixar de prover, trabalhar, muito menos se tornará “menos homem”, entretanto, agregará novas responsabilidades (ISOTTON; FALCKE, 2014). Desse modo, ser pai em diferentes arranjos familiares é um desafio que acompanha esse redimensionamento da paternidade. Em alguns casos, mais do que dividir os cuidados dos filhos com a mãe, alguns pais se tornam os principais cuidadores das crianças. As famílias monoparentais constituem-se como uma estrutura familiar emergente na sociedade ocidental. Assim, em continuação às discussões, no próximo capítulo a temática da monoparentalidade será desenvolvida, direcionando o foco para as famílias monoparentais masculinas.

2.4 Famílias monoparentais e famílias monoparentais masculinas

Ao realizar uma revisão histórica nos termos da constituição das famílias monoparentais, é possível reafirmar que esta não se refere a uma organização recente, uma vez que o conceito era empregado para viúvas e viúvos, pais solteiros ou abandonados, por exemplo. A morte de um dos pais era a causa mais antiga da formação de um núcleo monoparental (SOUZA, 2008). Nas últimas décadas do século passado, a monoparentalidade passou a incluir casos de separação e divórcio, ou seja, a possibilidade de um adulto criar sozinho seus filhos após a ruptura do casamento (DIAS, 2010; RAMIRES, 1997). Desse modo, com a consolidação da Lei do Divórcio, no ano de 1977, e a maior ocorrência de rupturas conjugais antes indissolúveis, a separação vem sendo uma das principais fontes de constituição de famílias monoparentais, quando um dos pais se afasta do domicílio familiar (LACERDA, 2006; SOUZA, 2008). Uma outra modalidade de formação decorre da dita “produção independente”, ou seja, quando uma pessoa sozinha decide ter filhos (LACERDA, 2006). Nestes casos, a mulher ou o homem solteiro pode optar pelos métodos de reprodução assistida, situação que reflete os avanços da tecnologia biomédica. A monoparentalidade pode, ainda, ser constituída mediante a adoção realizada por adultos solteiros. Esta modalidade está assegurada pela Lei nº 8969/90, através do artigo 42 do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Para compreender, historicamente, o uso da expressão famílias monoparentais, parte-se do ano de 1981, quando, na França, o Instituto Nacional de Estatísticas e de Estudos Econômicos passou a utilizar o termo monoparental para descrever as famílias constituídas por um pai ou uma mãe solteira, separado, divorciado ou viúvo. Anos mais tarde, tal caracterização disseminou-se pela Europa, sendo hoje reconhecida e aceita no mundo ocidental como a

comunidade formada por qualquer dos pais e seus filhos (LACERDA, 2006). Concomitantemente, observou-se uma linearidade causal entre a monoparentalidade e a elevação dos índices de separações conjugais. Como sublinhado por Wall e Lobo (1999), acerca do perfil das famílias monoparentais em Portugal e no contexto da União Europeia, a evolução das famílias monoparentais segue as mudanças familiares, identificando, por um lado, o aumento da proporção de pais separados e divorciados, e de outro lado, o crescimento do número de núcleos monoparentais. A estes dados acompanham o decréscimo da monoparentalidade tradicional (viúvos e viúvas com filhos solteiros, mulheres solteiras).

A visibilidade das famílias monoparentais levou diversos especialistas a refletirem cuidadosamente sobre esse tipo de organização familiar que se coloca como um fenômeno social na era contemporânea. Hoje, sugere-se pensar que as famílias monoparentais constituem-se mais em função da separação conjugal e pelo desejo de estar com os filhos, do que pela causalidade e imprevisibilidade da viuvez. Ou seja, seguindo autores como Ramires (1997) e Ried e Pereira (2012) pode-se conceber a monoparentalidade masculina como resultado do desejo dos homens em assumirem a paternidade. Assim, a solicitação dos pais por estarem mais próximo dos filhos, e a tradução em pedidos pela guarda dos filhos, caracterizam a apropriação do papel de cuidador e a construção de uma nova identidade diante desse novo arranjo familiar (RIED; PEREIRA, 2012).

Por outro viés, a separação e o divórcio como preponderantes neste arranjo familiar levam a questionamentos quanto à definição conceitual de família monoparental, uma vez que o pai não residente continua vivo na maioria dos casos e pode estar atuante na vida dos filhos. Dessa forma, Isotton e Falcke (2011), ao analisar a monoparentalidade a partir da perspectiva de vários teóricos e pesquisadores, sinalizaram para as indeterminações deste termo. Os autores instauram perguntas como: Tal conceito se refere a todas as famílias pós-divórcio, na fase de transição para um modelo de família recasada? Implica na ausência total de um dos pais? Podem ser consideradas famílias monoparentais aquelas que um dos pais possui a guarda unilateral dos filhos, enquanto a outra parte assume a posição de visitante? E quando os pais compartilham a guarda dos filhos?

Percebe-se que não existe uma definição única e clara da família monoparental. Esta indeterminação conceitual também foi salientada por Coles (2015), que, nos Estados Unidos, desenvolveu uma revisão da literatura sobre monoparentalidade desde a década de 1970 até recentemente. A autora compartilhou do entendimento de que o termo “pai solteiro”, comumente usado em pesquisas em contexto americano para se referir a famílias

monoparentais masculinas, mostra-se pouco preciso. Algumas pesquisas esbarram no impasse de distinguir o pai nunca casado, o divorciado, o separado ou o viúvo. Entretanto, em sua grande maioria, os estudos produzidos nos Estados Unidos se concentram em pais divorciados (COLES, 2015).

Ainda assim, algumas conceituações básicas podem ser ressaltadas. Para Lopéz (1998), a visão da monoparentalidade como uma estrutura familiar integrada por um dos pais e sua prole refere-se a um entendimento mínimo e equivocado. A autora busca fazer uma distinção entre domicílio, núcleo e família monoparental. No que diz respeito ao núcleo, este se refere ao grupo monoparental, definido pela formação básica de um dos pais e seus filhos; o domicílio significa o local físico onde reside o núcleo familiar; e a família consiste no grupo monoparental que pode formar um domicílio ou integrar-se a um ambiente mais amplo em que habitam outras pessoas. Em complementação, Sumaza e Rodríguez (2003) entendem existir uma confusão entre estes conceitos, em decorrência das dificuldades em definir uma realidade tão complexa.

Conforme estudo realizado na Espanha por Sumaza e Rodríguez (2003), ao realizar uma análise do conceito de família monoparental a partir de uma investigação sobre núcleos familiares monoparentais, as autoras compreenderam como características desta configuração familiar: 1) a presença de apenas um dos pais no domicílio familiar. Ressalta-se que se esse pai passa a conviver com um novo companheiro(a), a família se configura como recasada. Registra-se, assim, situações transitórias de monoparentalidade, podendo haver a recomposição de famílias de pais separados em dois núcleos familiares distintos. 2) a presença de um ou mais filho(s), tendo como exigência necessária a habitação no mesmo domicílio; 3) dependência dos filhos em relação aos pais; 4) a heterogeneidade de causas que dão origem à monoparentalidade. Com base em seus estudos, as autoras definem a família monoparental como sendo todo núcleo familiar construído por um homem ou por uma mulher vivendo pelo menos com um ou vários filhos menores de 18 anos de idade sob sua responsabilidade, podendo superar essa idade, porém, sendo menores de 26 anos, apresentando alguma circunstância em que a relação de dependência se mantenha, em aspectos instrumentais (SUMAZA; RODRÍGUEZ, 2003, p. 69).

No Brasil, quanto a idade dos filhos, não existe um limite explicitamente definido. A Constituição menciona apenas, descendente, podendo desfazer-se o vínculo naturalmente quando se atinge a maioridade (18 anos). No mais, registra-se que a dependência dos pais pode ser ampliada para os maiores de 18 anos cursando instituição de ensino superior, até que seja completada a idade de 24 anos.

Conforme o IBGE (2010), a nomenclatura monoparental deve ser utilizada para designar a família em que apenas um dos pais reside sozinho com os filhos, independente do

contato que se estabeleça com a dupla parental. Autoras como Dias (2010) e Ramires (1997) também caracterizaram as famílias monoparentais pela presença de um único pai e de seus filhos no âmbito do lar, ou seja, quando um dos pais detém sozinho a responsabilidade pelos cuidados dos filhos, por vezes, podendo envolver a família de origem, a família extensa, vizinhos e amigos no dia a dia da família. Contudo, estas autoras reconhecem que há na literatura controvérsias quanto a participação ao não do cônjuge que não coabita.

De acordo com a cartilha *Novos Rumos para o Trabalho com famílias* (MOREIRA, 2013), construída pela Associação dos Pesquisadores de Núcleos de Estudos e Pesquisas sobre a Criança e o Adolescente (NECA), as famílias monoparentais podem ser classificadas em simples ou extensas. Nas famílias monoparentais simples, apenas um adulto está presente no domicílio vivendo com seus filhos sob sua responsabilidade, na ausência de outra pessoa maior de 18 anos, que não seja seu filho(a). No modelo de família extensa, além do adulto responsável pelas crianças, há outras pessoas adultas, sejam parentes ou não.

Em termos jurídicos, Dias (2010) acrescentou algumas exigências para corresponder à monoparentalidade. Segundo a autora, faz-se necessário o estabelecimento de guarda unilateral e a pouca participação do pai visitante no desenvolvimento e criação dos filhos. A autora também afirma que, mesmo se tornando uma família recasada, o guardião e o filho da união anterior continuam sendo um núcleo monoparental. Entendendo assim, que o novo companheiro(a) (padrasto ou madrasta) não interferem no poder familiar. Tal concepção destoa de outros autores, conforme o já discorrido, o que reforça a ideia de indeterminação conceitual da monoparentalidade.

A partir dessas construções referentes à monoparentalidade, reforça-se novamente que a possibilidade de um casal se divorciar ou separar-se apresenta-se como um dos fatores que mais contribui para a diversidade das configurações familiares e, principalmente, para a revisão da paternidade. Essa afirmação reverbera no grande interesse de investigar a monoparentalidade a partir dessa perspectiva, todavia, não se restringe, para este estudo, a monoparentalidade ao fenômeno da separação e do divórcio. No que compreende, especificamente, as famílias monoparentais masculina há um vasto campo a ser explorado, e as bases das quais se parte para tais investigações ainda são movediças. Este apresenta-se como um campo em que as análises ainda não estão consolidadas, e tanto a esfera social quanto a científica buscam alternativas para se estruturar. A partir destas reflexões, este estudo se propõe compreender o desenvolvimento da paternidade em famílias monoparentais masculinas.

No âmbito deste estudo, entender-se-á a monoparentalidade masculina como o núcleo

familiar que coabita, incluindo aqueles em que o pai exerce sua função sem a participação da mãe, ou aquelas cujo pai tem contato com a mãe que está fora do núcleo familiar. Em casos de separação, serão incluídos os pais que possuam a guarda unilateral dos filhos, por considerar que neste regime de guarda o pai é a figura principal de cuidado dos filhos. Para os fins destes estudos, também poderão ser inclusos núcleos monoparentais que dividam domicílio com outras pessoas, como a família extensa. Os casos de guarda compartilhada serão excluídos, uma vez que os cuidados das crianças devem ser partilhados por pai e mãe, independente da residência fixada. Também serão excluídas as famílias em que os pais tenham efetivado uma nova união conjugal com coabitação, pois entende-se que haveria a coparticipação do novo cônjuge.

A monoparentalidade, especialmente visível no Brasil desde o final da década de 1980, é uma perspectiva ainda pouco explorada, não havendo análises conclusivas quanto aos seus impactos, sobretudo na configuração familiar e na qualidade de vida dos seus membros. Por isso, cada vez mais devem ser elucidadas as dificuldades e os aspectos favoráveis encontrados nos mais diversos núcleos familiares, pois, a partir das especificidades de cada organização familiar, há potencialidades para atender os encargos de seus membros. Conforme o panorama apresentado por Grzybowski (2002), retratando os dados de uma pesquisa realizada no Rio Grande do Sul, é possível identificar pontos negativos na formação familiar sob a responsabilidade de apenas um dos pais, tais como: 1) maior sobrecarga de tarefas e responsabilidade; 2) risco de que um dos filhos assuma as funções da figura parental ausente, o que pode comprometer seu desenvolvimento; 3) dificuldade de controlar os filhos; 4) medo de um novo envolvimento afetivo, em casos de fracassos amorosos em relacionamentos anteriores.

Este mesmo estudo apontou pontos positivos desta organização familiar, como: 1) decisões únicas, uma vez que apenas o pai presente toma decisões na família; 2) maior união da família; 3) apoio dos familiares e amigos; 4) diminuição de conflitos; 5) maior autonomia e responsabilidade dos filhos. Concomitantemente, Grzybowski (2002) indica que os estereótipos de gênero em relação ao pai ou à mãe responsável pela guarda dos filhos começam a ser amenizadas. Além disso, visualiza-se um movimento de reconhecimento das famílias monoparentais masculinas, evitando-se tentativas de equipará-las às famílias monoparentais chefiadas por mulheres.

Em uma perspectiva semelhante, o estudo de Grzybowski e Wagner (2010) que analisou as práticas parentais de 234 pais e mães solteiros/divorciados com seus filhos, identificou-se que a coabitação levava a um maior envolvimento direto, no sentido emocional e didático, entre o adulto responsável pela família e os filhos. Complementando esse

apontamento, o estudo de Walker, Crawford e Taylor (2008), realizado em contexto norte-americano, destacou que crianças e adolescentes em famílias monoparentais perceberam o vínculo existente em suas famílias como mais forte do que aquele das famílias constituídas por pai e mãe, pelo fato de superarem juntos experiências difíceis.

No que tange à paternidade, conforme Gryzibowski e Wagner (2010), a partir do momento em que a mãe não está presente no núcleo familiar, o pai tende a exercer a parentalidade de forma mais ampla. Neste mesmo sentido, ao investigar a experiência da paternidade de homens com o(s) filho(s) sem a presença na mãe ou de uma companheira, residentes no interior do Rio Grande do Sul, Flores e Kruehl (2013), salientaram que o desempenho das tarefas domésticas foram consideradas por esses homens como uma função que lhes causava estranheza, mas que tiveram que assumir por residirem com seus filhos, sem a presença física de uma mulher/mãe. De modo semelhante, em pesquisa realizada por Sutter e Bucher-Maluschke (2008), com pais (homens) cuidadores, estes também demonstraram um estranhamento ao desempenhar tarefas domésticas, prevalecendo uma distinção entre ser pai e ser “dono de casa”.

A pesquisa desenvolvida por Sutter e Bucher-Maluschke (2008) ressaltou ainda que os homens consideravam como sua principal atribuição prover economicamente e proteger sua família. Esta cobrança financeira foi apontada com um desafio para a parentalidade também no estudo de caso desenvolvido por Ribeiro, Silva e Cezar-Vaz (2012), que buscou compreender as competências parentais em uma família monoparental chefiada pelo pai. O pai participante, que vivenciava instabilidade na previsão financeira mensal, dedicava a maior parte do seu tempo na busca da subsistência da família, o que lhe restringia os momentos de compartilhamento de atividades com os filhos e de assumir outras responsabilidades em relação a estes. Em contrapartida, o estudo desenvolvido por Isotton e Falcke (2014), com três pais (homens) que possuíam a guarda unilateral dos filhos (após processo de separação) e não apresentavam dificuldades financeiras, encontravam maior facilidade de garantir o sustento da família e o desempenho das funções parentais. Entendeu-se, também, que os homens possuíam maior flexibilidade de horários no mercado de trabalho, além de salários mais estáveis.

Com relação às atividades cotidianas que envolvem os filhos, um estudo realizado no contexto mexicano, por Jimenéz (2003), ao buscar comparar famílias pós-divórcio femininas e masculinas, destacou que as famílias monoparentais masculinas dedicavam menos tempo aos cuidados com a saúde, alimentação, e sono dos filhos. Hall, Walker e Acock (1995) também compararam a coabitação entre núcleos monoparentais femininos e masculinos, no contexto

norte-americano, e identificaram que ambos os pais gastavam quantidades similares de tempo com as crianças em atividades como fazer a lição de casa ou leituras. Este mesmo estudo retratou que os pais (homens) dispensavam mais tempo em atividades de lazer com a criança, e as mães passavam mais tempo em conversas privadas com os filhos, assim, tendiam a fornecer mais proximidade, monitoramento e supervisão. De modo mais significativo, pais e mães diferiram consideravelmente no tempo dedicado ao trabalho doméstico. As mães de famílias monoparentais, em geral, passaram mais tempo em tarefas “femininas”, como: preparação de refeições, lavagem de roupas e limpeza da casa (HALL, et. al., 1995). Com isso, percebe-se que as mães direcionam seus investimentos, explicitamente, em atividades de cuidados físicos das crianças e da casa, enquanto que os pais reproduzem, de modo similar, o ideal paterno existente nas famílias nucleares patriarcais, ou seja, apresentam-se mais distantes das tarefas domésticas e de cuidado parental.

Nos Estados Unidos, Hook e Chalasani (2008) compararam pais solteiros, pais casados e mães solteiras em termos da quantidade de tempo gasto em assistência à infância. No estudo os autores relataram que os pais solteiros consumiram menos tempo do que as mães solteiras com os cuidados físicos direcionados às crianças, porém, mais tempo do que os pais (homens) casados. Hook e Chalasani (2008) entenderam que esta dimensão temporal estava proporcionalmente relacionada à maior carga horária de trabalho dos pais monoparentais. O que, por sua vez, sugere um maior investimento masculino na esfera do trabalho.

Assim, o acúmulo de tarefas do lar, tais como a criação dos filhos e o sustento da família, pode sobrecarregar os pais, somando-se as questões emocionais (GRZYBOWSKI; WAGNER, 2010). Dessa forma, outro desafio enfrentado por esses pais se refere a sentirem-se sozinhos na responsabilidade de prover os cuidados aos filhos (RIBEIRO, et al, 2012). Nestas circunstâncias, desempenha papel importante a convivência com a família de origem, os amigos ou vizinhos, além do apoio de profissionais. Nesse sentido, no estudo de Flores e Kruehl (2013), três dos quatro homens entrevistados referiram buscarem a ajuda de uma mulher para cuidar dos seus filhos, destacando-se nesse contexto as figuras das avós e de vizinhas. Segundo Souza (2008), comumente, o homem responsável por uma família monoparental busca apoio de outras pessoas ou instituições para auxiliar nos cuidados aos filhos. A depender de sua condição econômica, pode dispor de profissionais como babás ou empregadas domésticas, ou recorrer aos recursos presentes na rede familiar ou comunitária, inclui-se aqui os serviços de saúde, assistenciais e educacionais (ISOTTON; FALCKE, 2014; RIBEIRO, et al, 2012; SOUZA, 2008). Estes recursos se traduzem em condições que podem reduzir, amenizar e até mesmo eliminar o impacto dos desafios da monoparentalidade masculina (RIBEIRO, et al., 2012).

O estudo realizado por Jimenéz (2003) confirmou uma participação mais ativa das avós nas atividades cotidianas referentes às crianças de famílias monoparentais masculinas. Aproximando-se deste resultado, Coles (2015), durante a discussão sobre a monoparentalidade masculina, ressaltou que os pais monoparentais estão “coparentando” ou recebendo ajuda de outros adultos. Para sustentar esta afirmação, a autora descreveu o estudo de Ambert (1982), que, ao comparar pais e mães responsáveis por famílias monoparentais, concluiu que os pais (homens) recebem mais ajuda de amigos e familiares, em contraste as mães que relataram um nível inferior de apoio.

Na realidade brasileira, o estudo de Verza, Sattler e Strey (2015), que investigou famílias monoparentais chefiadas por mulheres na cidade de Porto Alegre (RS), percebeu-se que a rede de apoio auxiliava emocionalmente, mas principalmente, financeiramente as mães. Salientou-se que as mulheres com rede de apoio estabelecida apresentavam comportamento materno mais adequado, pois, sentiam-se amparadas em sua função parental. Na perspectiva paterna, por meio de um estudo de caso de uma família monoparental masculina, Ried e Pereira (2012), trouxeram à discussão o investimento do pai em construir uma relação saudável com os filhos após a separação conjugal. E, retrataram a importância da rede de apoio psicológica, como suporte fundamental para essa transição na configuração e na estrutura familiar.

Para além do contexto familiar, Ribeiro et. al. (2012), ilustraram a dificuldade dos pais de famílias monoparentais se adaptar às mudanças sociais e aos novos valores referentes ao exercício das competências parentais. Observou-se, contudo, uma importante potencialidade destas famílias para lidarem com os desafios vivenciados no exercício da paternidade no contexto da monoparentalidade. Ademais, verificou-se uma flexibilização, por parte do pai, no que se refere às concepções acerca das funções paternas, ao realizar atividades que, historicamente, estiveram associadas à figura materna – tais como: cuidado, educação e trocas afetivas – o que revelou a capacidade destas famílias em criar condições adequadas para o desenvolvimento infanto-juvenil.

Ried e Pereira (2012) corroboram esta visão ao defenderem ser possível a construção de um convívio familiar de qualidade pai-filho, ainda que em meio a diversos enfrentamentos. Se faz necessário, então, aumentar a visibilidade das configurações de famílias que extrapolam o modelo tradicional. Do mesmo modo, a figura paterna precisa conquistar, ainda, um espaço de legitimidade na sociedade quanto ao papel de cuidador (RIED; PEREIRA, 2012).

De fato, alguns homens estão em busca de um estilo de vida que possibilite maior participação nos cuidados diários dos filhos (SOUZA, 2008; SUTTER; BUCHER-

MALUSCHKE, 2008; RIED; PEREIRA, 2012). O estudo de Flores e Kruehl (2013), já retratado, reiterou que os homens se mostraram dispostos a enfrentar as dificuldades da parentalidade monoparental e que foram se adaptando a essa nova realidade, dedicando-se aos cuidados com os filhos e, por vezes, privando-se de momentos de lazer a fim de atender as necessidades das crianças. Percebe-se que muitos homens estão apresentando comportamentos diferenciados aos padrões tradicionais de gênero. Instigados por processos sociais, o gênero masculino busca ampliar as interações no âmbito familiar. Neste sentido os estudos apresentados ilustram a adaptação da monoparentalidade masculina às mudanças sociais e aos valores parentais, sendo que este processo se estende para além do contexto familiar, ocorrendo na inter-relação com o meio social, nos pensamentos e atitudes expressos nos diferentes ambientes de desenvolvimento da família.

Assim, reitera-se a proposta de Bronfenbrenner (1996), de que a dinâmica e o funcionamento da paternidade, além de desenvolver-se nas interações intrafamiliares, sofre influência de vários outros sistemas extrafamiliares, a saber, escola, local de trabalho, a vizinhança, comunidade e a rede social. A partir da trajetória traçada, almeja-se compreender as percepções de pais de famílias monoparentais masculinas sobre o desempenho paterno na inter-relação com seus diferentes sistemas ecológicos.

3 OBJETIVOS

3.1 Objetivo geral

Compreender os significados atribuídos por pais de famílias monoparentais masculinas sobre o desempenho da paternidade na inter-relação com seus diferentes sistemas ecológicos.

3.2 Objetivos específicos

Entender como os homens experenciam e significam o desempenho das funções parentais no dia a dia das famílias monoparentais;

Identificar os diferentes sistemas ecológicos que influenciam o desempenho da paternidade nas famílias monoparentais masculinas.;

Caracterizar como os diferentes sistemas ecológicos de desenvolvimento dos pais (ex.: trabalho, vizinhança, comunidade, serviços públicos, escola dos filhos, etc.) influenciam e são influenciados pelo desempenho da paternidade.

4 MÉTODO

4.1 Participantes

Para o presente estudo, utilizou-se uma amostra por conveniência, composta por quatro pais (homens), responsáveis por uma família monoparental masculina simples. Apenas o pai estava presente no domicílio vivendo com ao menos um filho(a), com idade entre cinco e onze anos, sob sua responsabilidade, por um período mínimo de cinco meses, o que permitiu que tivessem acumulado experiências e estabelecido alguns padrões relacionais neste contexto. Os pais possuíam a guarda unilateral dos filhos, incluindo acordos estabelecidos judicialmente e combinações informais entre os responsáveis pela(s) criança(s). Os casos de guarda compartilhada foram excluídos do estudo. Também foram excluídas as famílias em que os pais haviam efetivado uma nova união conjugal com coabitação. Embora os núcleos monoparentais masculinos pudessem dividir domicílio com outras pessoas, como a família extensa. Nesse sentido, considera-se relevante mencionar a dificuldade de encontrar e acessar a figura masculina adulta, isto é, o pai, para participar das entrevistas. Por vezes, os homens indicados não possuíam os critérios de inclusão necessários para validar sua participação, enquanto outros mostravam-se resistentes em envolver-se com o processo de pesquisa, em especial os pais que compartilhavam a residência e o cuidados dos filhos com outras pessoas significativas, como os avós.

Cabe ressaltar que as famílias participantes, em virtude de características sociodemográficas, representam uma amostra heterogênea, com diversidade de renda e escolaridade entre os pais.

Tabela 1 – Identificação dos participantes ¹

Pai	Idade	Escolaridade	Ocupação	Nº Filhos	Idade filhos	Tempo monoparentalidade	NSE ²
César	40	Técnico	Proprietário pequena empresa	2	7 e 11	1 ano e 5 meses	4

¹ Os nomes foram substituídos por nomes fictícios para preservar a identidade dos participantes.

² Nível socio econômico com base em Hollingshead (1975, adaptado de por Tudge & Frizzo, 2002): 1(baixo); 2(médio-baixo); 3(médio); 4(médio-alto) e 5 (alto).

Pedro	35	Ensino Fundamental	Desempregado	2	9 e 5	1 ano	1
Elias	28	Ensino Médio	Desempregado	2 1	7 e 7	5 meses	2
Marcelo	32	Pós- Graduação	Agente Penitenciário		7	5 anos	5

Fonte: Autora

4.2 Delineamento e procedimentos

Este estudo refere-se a uma pesquisa exploratória e descritiva (GIL, 2007), uma vez que se buscou uma maior familiaridade entre a pesquisadora e o tema pesquisado, visto a temática da monoparentalidade masculina ser ainda pouco explorada. Desse modo, o estudo teve por objetivo descrever e compreender as características de uma população e os fenômenos acerca da paternidade. A pesquisa teve caráter qualitativo, que, de acordo com Minayo (2012), se apropria à “investigação de grupos e segmentos delimitados e focalizados, de histórias sociais sob a ótica dos atores, de relações e para análise discursos”. Conforme Gaskeel (2002) métodos qualitativos nos fornecem dados necessários para o desenvolvimento e a compreensão das relações estabelecidas entre os autores sociais e a sua situação”. Neste sentido, o conhecimento desenvolvido valeu-se de matéria prima como opiniões, crenças, valores, representações, relações e ações humanas e sociais, construídas considerando-se a intersubjetividade presente na relação do pesquisador com seu objeto de estudo.

O delineamento adotado foi o Estudo de Caso Coletivo (STAKE, 1994), considerado como uma estratégia adequada para o desenvolvimento deste estudo, que envolve uma investigação empírica de um fenômeno particular e contemporâneo dentro do seu contexto de vida real. De acordo com essa proposta, buscou-se compreender os quatro casos, a partir da interlocução com os diferentes ambientes sociais, a fim de aprofundar o que há de sistêmico nas relações paternas em famílias monoparentais masculinas. Seguindo Stake (1994), acredita-se que os casos individuais, que compõe o conjunto estudado, podem favorecer a compreensão sobre um número ainda maior de casos. Portanto, considera-se fundamental otimizar cada relato e esclarecer tanto o que se mostra comum quanto o que particulariza cada estilo paterno, uma vez que, considerar-se a natureza dos casos; o seu histórico; o contexto e os informantes pelos quais pode ser conhecido.

A compreensão das informações esteve pautada em um olhar sistêmico do mundo, que evidência os seguintes pressupostos epistemológicos: a complexidade, instabilidade e

intersubjetividade (VASCONCELLOS, 2012). O primeiro considera o fenômeno contextualizado e interligado com outros fenômenos, marcado pela influência mútua entre indivíduo e ambiente, aproximando-se do conceito de circularidade. Dessa forma, o todo deve ser pensado como maior que a soma das partes, de tal maneira que as mudanças ocorridas em um membro terão repercussão em todo sistema. Compreendendo, também, que a ordem-desordem não são aspectos contraditórios, mas complementares e constitutivos da organização. O segundo pressuposto, refere-se à noção de imprevisibilidade e incontrolabilidade do desenvolvimento ou dos processos proximais, ou seja, diz respeito às constantes modificações que podem ocorrer nos sistemas, de tal forma que se torna impossível controlar, prever e determinar certos fenômenos. Assim, no campo da ciência, ressalta-se que o conhecimento construído é, também, instável e temporal. Por último, o pressuposto da intersubjetividade, relaciona-se a impossibilidade de neutralidade do pesquisador, uma vez que, não existe apenas uma realidade a ser conhecida, e sim várias versões da realidade, em um movimento de co-construção entre o participante e o pesquisador (VASCONCELLOS, 2012).

Dessa forma, o olhar sistêmico possibilita ao pesquisador expandir sua compreensão da realidade, de maneira a evitar leituras segmentadas da mesma. Com isso, foi dada ênfase à Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano (ABDH), em que o desenvolvimento humano consiste em um processo de interação recíproca entre a pessoa e seus contextos (BRONFENBRENNER, 1996; BRONFENBRENNER; MORRIS, 1998). Assim, a partir do modelo explicativo do desenvolvimento humano, ao se propor o entendimento do modo como os pais exercem a paternidade, deve-se partir da compreensão de quatro dimensões inter-relacionadas: Processo, Pessoa, Contexto e Tempo (PPCT). Entende-se que este exercício da paternidade responde a influências mais amplas, como: vínculos com os membros da família, relações sociais e profissionais, bem como a cultura e o momento histórico em que os pais estão inseridos. Sendo assim, o contexto pode ser concebido como um sistema que atua positiva ou negativamente sobre atributos das pessoas (COPETTI; KREBS, 2004)

No que diz respeito aos procedimentos para a execução deste projeto de pesquisa, inicialmente, foi submetido à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Uma vez aprovado, iniciou-se o processo de divulgação da pesquisa, a começar pelas redes sociais e contatos profissionais da pesquisadora. Posteriormente, uma escola de ensino fundamental, com caráter filantrópico, oportunizou a indicação de participantes. O acesso à escola ocorreu via apresentação do projeto aos diretores e Assistente Social da instituição, quando a pesquisadora recebeu o consentimento para

realização da pesquisa. Após o aceite do projeto pelos responsáveis pela escola, e assinatura da Autorização Institucional (Apêndice A), estes se comprometeram em intermediar o contato as famílias retratadas no estudo.

De modo geral, o primeiro contato com os participantes foi intermediado por pessoas que já estabeleciam um vínculo prévio com os pais, e haviam realizado a indicação para a pesquisa. Dessa forma, procedia-se um contato telefônico, ou encontro pessoal (no caso dos pais vinculados a escola), a fim de apresentar a proposta do estudo e confirmar o interesse de participação. Nesse momento, a pesquisadora salientava a importância deste pai participar e se comprometer com o projeto, e por fim, agendava-se a primeira entrevista.

A coleta dos dados aconteceu entre os meses de abril e julho de 2018. Os encontros ocorreram de forma individual, com cada um dos participantes e as entrevistas foram gravadas em áudio e, em seguida, transcritas na íntegra e analisadas. Cada coleta teve duração aproximada de 50 minutos, variando em função de interrupções e das características individuais. Preferencialmente, a coleta dos dados deveria ser realizada na residência das famílias, em dia e horário previamente combinado com os participantes. No entanto, apenas uma coleta ocorreu dessa forma. Alguns pais mostraram-se resistentes e, em dois casos o processo ocorreu na escola dos filhos dos participantes, uma escola filantrópica, localizada na comunidade em que os participantes residiam, e um participante optou por realizar os encontros nas dependências da instituição de ensino vinculada a esta pesquisa.

Idealizou-se em média dois encontros presenciais com os pais participantes para coleta de dados, além do contato inicial de apresentação e convite de pesquisa³. Na maioria das vezes, esse número esperado foi respeitado. A partir do contrato prévio estabelecido, não houve, por parte dos participantes faltas, sem justificativa, aos horários agendados. Apenas, em alguns casos, foram necessários vários contatos para ajustar horários e dar seguimento à pesquisa. Ressalta-se que foi importante o acesso à residência ou à comunidade em que a família vive. Conhecer o ambiente físico favoreceu a compreensão da realidade enfrentada por estas famílias. Ao encerrar cada coleta, a pesquisadora preenchia o diário de campo, relatando informações que julgasse relevantes com suas impressões sobre o ambiente doméstico e sobre o relacionamento familiar.

A pesquisadora realizou as visitas sozinha. Desse modo, ao chegar ao local dos encontros, a pesquisadora realizava uma conversa para ambientação e esclarecia possíveis dúvidas. Em seguida era entregue uma cópia do *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido*

³ Um novo encontro deve ser agendado para a devolução dos dados.

(TCLE) (Apêndice B) para o participante. Após a leitura do termo em voz alta era solicitado que o pai o assinasse, permanecendo uma via deste documento com a pesquisadora e outra entregue para os pais. Feito isso, a fase inicial da coleta de dados, com cada pai, incluiu a resposta ao *Questionário de Dados Sociodemográfico* (Apêndice C) e uma *Entrevista sobre a Paternidade em Contexto de Monoparentalidade* (Apêndice D). Ao término da entrevista apresentou-se aos participantes a possibilidade de continuidade no processo de pesquisa via utilização da fotografia, a partir da atribuição de significado às imagens (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002). Sendo o método fotográfico um importante instrumento de pesquisa na perspectiva da Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano (NEIVA-SILVA, BOROWSKY; KOLLER, 2004). Afinal, a primeira função da fotografia é selecionar e destacar o que é relevante para o sujeito, trata-se de uma escolha feita de acordo com os valores, e com os dados macrossistêmicos daquele que fotografa. Aquele que fotografa pessoas, objetos e símbolos do seu ambiente captura representações de si mesmo, pois em cada nível sistêmico há a circulação de valores, crenças e ideologias dos demais, que em alguma medida perpassam o nível mais pessoal (NEIVA-SILVA, et al., 2004).

Com o aceite em continuar integrando o estudo, cada participante recebeu uma câmera fotográfica digital e foi instruído de como manuseá-la adequadamente. Em seguida, solicitou-se que registrasse cinco momentos na tentativa de responder a seguinte instrução: “Busque fotografar cenas, imagens, situações de seu dia a dia que mostrem um pouco da sua experiência como pai”. Os pais também foram informados de que as fotografias poderiam ser tiradas por eles próprios ou por outras pessoas. Assim, seguindo a orientação de Amerikaner, Schauble e Ziller (1980, apud NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002), coube ao participante decidir se ele seria o autor dos registros ou se ele faria parte da cena e, assim, solicitaria a alguém para tirar a foto. Enfatizou-se que as fotografias deveriam ser sobre qualquer aspecto que demonstrasse como a pessoa percebe a paternidade, sendo que os conhecimentos, habilidades e experiência em fotografia não seriam importantes para o resultado do estudo. Os participantes tiveram um período de sete dias para fazer os registros.

Destaca-se que dois pais participantes, a saber, César e Marcelo, optaram por fazer os registros fotográficos a partir da câmera do celular e, posteriormente, enviá-las por um aplicativo de mensagens para a pesquisadora. Os participantes justificaram que o uso do celular tornava a atividade mais dinâmica, considerando que carregavam o celular sempre consigo, e o uso da câmera restringiria captar momentos domésticos, já que não carregariam a câmera para

outros lugares. Já os participantes, Pedro e Elias mostraram-se satisfeitos em receber o instrumento e se responsabilizar por ele durante o período de sete dias.

Em seguida, em termos complementares, pode-se agendar um segundo encontro, quando foram abordadas e aprofundadas as percepções dos pais sobre as suas próprias produções fotográficas. A autora da pesquisa responsabilizou-se em levar até o local da entrevista um computador para que as fotos fossem transferidas, o que facilitou a visualização e discussão das imagens. Dois participantes levaram para esse encontro um número maior de fotografias do que haviam sido instruídos, com isso, solicitou-se que escolhessem as cinco imagens percebidas como mais importantes, e a todos fez-se o pedido para que estabelecessem uma ordem a partir das imagens que fossem consideradas mais significativas (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002). Feito isso, realizou-se uma *Entrevista para discussão das fotografias* (Apêndice E), alcançando a percepção dos participantes a respeito de cada um dos registros fotográficos apresentados. Nesse momento cada pessoa, com base nas imagens, passou a falar dos acontecimentos de sua vida, bem como do seu sistema de crenças e valores. Sendo de grande importância que esse sistema, pertencente ao macrosistema, fosse considerado uma vez que influencia o universo psicossocial da pessoa em análise (NEIVA-SILVA, et al., 2004). Sendo que, neste método foram considerados importantes tanto o conteúdo das fotografias quanto as percepções que os autores possuíam em relação as próprias imagens produzidas. A consideração dos autores das fotos é importante ao passo em que os dados foram analisados de acordo com as narrativas de cada participante.

4.3 Considerações éticas

A presente pesquisa foi submetida e aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Maria, através do CAAE 81161817.6.0000.5346. Ainda, em conformidade à Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), foram apresentados aos participantes os Termos de Confidencialidade (Apêndice F) e o Termo de Consentimento Livre Esclarecido. Desse modo, sendo garantido a confidencialidade dos dados e o direito a privacidades dos participantes. Além do mais, os participantes foram informados que, a qualquer momento que julgassem necessário, poderiam solicitar esclarecimentos sobre os procedimentos e/ou outros assuntos relacionados à pesquisa, bem como, poderiam interromper a sua participação a qualquer momento, sem que essa decisão lhe traga algum prejuízo.

Esta pesquisa, com base na Resolução 016/2000 do CFP, pode ser considerada de riscos

mínimos, ou seja, não teve o potencial de causar sofrimento psíquicos aos participantes. Entretanto, assegurou-se que, caso fosse percebido algum grau de desconforto, a entrevista seria imediatamente interrompida e, caso necessário, a pesquisadora disponibilizaria atendimento psicológico ao participante. O Projeto de Extensão *Enlaces*⁴, vinculado a Universidade Federal de Santa Maria e ao grupo de pesquisa Núcleo de Estudos Famílias e suas Relações, o qual a pesquisadora integra, promove atendimentos psicológicos clínicos para famílias e se comprometeu em atender esta possível demanda (Apêndice G). Todavia, durante o processo de realização das entrevistas com os participantes do estudo, nenhuma destas situações se fez presente.

Este estudo utilizou como parte de seu método a produção de imagens fotográficas. Quanto a isso, no momento da aceitação dos participantes em produzirem os registros, a pesquisadora assegurou a proteção à privacidade dos mesmos e das demais pessoas que participariam dos registros. Garantiu-se a não exposição das fotografias, uma vez que permitiriam a identificação dos indivíduos. Dessa forma, estas serão ilustradas descritivamente, somente para visualização e análise dos resultados.

Para além desses aspectos, respeitou-se a autonomia dos participantes, no sentido de protegê-los com responsabilidade, equidade e respeito aos direitos humanos. Com relação aos pais, ao focá-los na pesquisa, cuidou-se para não reforçar estereótipos de gênero. As análises foram realizadas de forma crítica, respeitando a construção social e cultural da paternidade.

Apesar de não haver nenhuma forma de benefício direto pela participação nesta pesquisa, percebeu-se que esta constituiu-se como um significativo momento de reflexão acerca da paternidade. Outrossim, considerando tal realidade, o estudo gerou o sentimento de legitimidade e apropriação do papel de cuidador pelos pais. Além do exposto, os participantes contribuíram para o fortalecimento de estudos na área, produzidos pela comunidade acadêmica e científica.

Os instrumentos utilizados e os materiais produzidos durante a coleta de dados ficarão guardados na Avenida Roraima, nº 1000, Centro de Ciências Sociais e Humanas, prédio 74B, sala 3206A, Bairro Camobi, Santa Maria/RS. Após transcorridos cinco anos, os mesmos serão deletados e/ou incinerados.

⁴ Projeto de Extensão “Intervenções clínicas familiares no contexto da separação conjugal: uma ação em prol da saúde emocional” (no. 041326 - CCSH/UFSM), coordenado pela Profa. Caroline Rubin Rossato Pereira

4.4 Instrumentos

A coleta de dados aconteceu através da utilização dos seguintes instrumentos, aplicados de forma individual:

a) *Questionário de dados Sociodemográfico*, constitui-se de um questionário que investigou o local de residência, número de pessoas que convivem na casa e idades das mesmas, composição familiar, escolaridade, profissão e renda dos pais. Além disso, valeu-se de questões abordaram se a família possuía pessoas próximas que auxiliavam no cuidado das crianças.

b) *Entrevista sobre a Paternidade em Contexto de Monoparentalidade*, a qual visou explorar as percepções de ser pai em uma família monoparental, com o objetivo de melhor compreender a paternidade nesse contexto específico. A entrevista se concentrou, através de tópicos guias, em abordar as percepções dos pais sobre: a) as funções de pai; b) desempenho das atividades parentais e; c) inter-relação dos diferentes ambientes com a paternidade.

Ressalta-se que se tratou de uma entrevista semiestruturada com perguntas abertas, em que novas questões de esclarecimento e aprofundamento foram sendo formuladas no decorrer da realização da entrevista. Inicialmente a entrevista foi conduzida de modo a conhecer as tarefas cotidianas dos pais e as atividades parentais, para assim, identificar os diferentes ambientes que o pai participa. Em seguida, para cada um destes ambientes, foram exploradas as impressões e a inter-relação desses com o desempenho da paternidade, investigando ambientes como o trabalho, a comunidade ou vizinhança, espaços de lazer, a escola dos filhos, etc.

c) *Entrevista para discussão das fotografias*, esta abordagem permitiu focalizar o estudo contextual do desenvolvimento humano, apresentando uma concepção particular sobre cada pai, o ambiente no qual está inserido e, principalmente, a interação que acontece entre ambos. Nessa perspectiva, ressalta-se que não foi a pesquisadora quem direcionou ou induziu o olhar dos participantes, o próprio participante quem selecionou os estímulos, com mínima interferência do pesquisador na forma do participante perceber o mundo, evitando o viés das expectativas sociais (NEIVA-SILVA, et. al., 2004). Quando uma pessoa, em resposta a uma pergunta, capta uma imagem fotográfica de algum objeto, símbolo, evento, pessoa ou lugar, ela passa a mostrar algo de si. Assim, esse método propiciou uma oportunidade de as pessoas se mostrarem, em diferentes aspectos, através de um instrumento acessível, a fotografia. Nesta concepção, o que importa no meio ambiente é a forma como os indivíduos o percebem, interagindo dentro dele, o que pressupõe levar em consideração aspectos do ambiente além da situação imediata que contém a pessoa (BRONFENBRENNER, 1996).

Propôs-se usar as fotos, como mediadoras para que os sujeitos expressassem seus sentimentos e expectativas diante do tema de pesquisa proposto e, a fim de aprofundar aspectos referentes à primeira etapa do estudo. Apesar da característica individual do registro fotográfico, ele ocorre dentro de um contexto social. Além disso, as imagens foram entendidas como um canal em que as cenas disparam a construção de significados (NEIVA-SILVA; KOLLER, 2002). Para tanto, a pesquisadora conduziu uma entrevista semiestruturada, com alguns elementos de um roteiro estruturado em tópicos abordados junto aos participantes: depoimento do autor sobre a imagem, sentidos evocados pela fotografia, elemento escolhido para ser fotografado e sua relação com o tema de pesquisa. Durante a discussão das fotos, o participante, junto com pesquisador, pode perpassar desde aspectos abstratos e subjetivos até aquelas mais concretos, partindo da análise individual de cada foto e chegando à compreensão conjunta delas.

Na prática da entrevista observou-se que a fotografia, como método na pesquisa com abordagem ecológica, mostra-se um instrumento capaz de ressaltar a dimensão Processo, sendo possível apreender informações presentes nas próprias imagens. Com este recurso, pode-se explorar as interações entre os sujeitos em análise e as demais pessoas, objetos e símbolos presentes nas imagens. As imagens em si evocaram comentários sobre elementos que dificilmente seriam apresentados apenas através de uma entrevista. Outra vantagem do uso da fotografia deveu-se a investigação da dimensão Contexto, apresentando uma riqueza de detalhes das diferentes estruturas contextuais onde se desenvolve a pessoa. A fotografia, por registrar com fidedignidade o conjunto de microssistemas nos quais a pessoa está inserida, permitiu a pesquisadora ter acesso simultaneamente ao mesossistema do participante. O que tornou possível alcançar aspectos como história de vida, relatos cotidianos e expectativas, que auxiliaram a compreender os acontecimentos da vida dos participantes.

4.5 Análise dos dados

Por tratar-se de uma pesquisa qualitativa, convém ressaltar a importância da consideração dos fenômenos que circunscrevem os sujeitos e suas manifestações. Por isso, optou-se por utilizar como referência para análise do material transcrito, a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1979). Os dados coletados através da *Entrevista sobre a Paternidade em Contexto de Monoparentalidade* e da *Entrevista para discussão das fotografias*

foram analisados conjuntamente, quando buscou-se integrar o material construído a partir de ambos os instrumentos.

Em relação as fotografias, estas foram consideradas como uma linguagem visual e, portanto, como uma ferramenta de expressão e comunicação (JOLY, 2007). De modo que, a discussão das imagens serviu como um meio de dialogar com acontecimentos cotidianos das famílias. A análise das imagens implicou “compreendermos que ela designa algo que, embora não remetendo sempre o visível, toma de empréstimo alguns traços ao visual e, em todo o caso, depende da produção de um sujeito: imaginária ou concreta, a imagem passa por alguém, que a produz ou a reconhece” (JOLY, 2007, p. 13). Com isso, os discursos dos pais acerca das fotografias, auxiliaram no reconhecimento de suas percepções, crenças, sentimentos expressados nos discursos que evidenciaram aspectos sociais, espaços e tempo culturais, conflitos e concepções acerca da paternidade.

De tal modo, as fotografias foram consideradas através da compreensão das imagens e das falas que as acompanharam. A análise das cenas, personagens, situações presentes nas fotografias ocorreu de forma complementar à análise de conteúdo das falas. Na apresentação de resultados que seguem, em relação as imagens produzidas pelos pais, buscou-se realizar uma descrição dos elementos que compõem as imagens, e estas percepções serão apresentadas de uma forma mais genérica. Os significados, por sua vez, estão de acordo com as falas, percepções e crenças de acordo com a história individual de cada autor. Ou seja, a leitura destes registros fotográficos esteve apoiada no recurso da entrevista, uma vez que, as fotos, por si, fornecem apenas algumas indicações parciais para se compreender tais questões (JOLY, 2008).

Desse modo, as transcrições das entrevistas foram submetidas à Análise de Conteúdo, definida por Bardin (1979), como um conjunto de técnicas sistemáticas e objetivas de análise de conteúdo, visando obter indicadores que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção desses discursos. Dessa forma, os assuntos discutidos foram agrupados tendo como unidade de análise eixos temáticos, ou categorias semânticas, de acordo com o relato dos participantes. A Análise de Conteúdo organizou-se a partir de três fases, respectivamente: Pré-análise, Exploração do Material e Tratamento dos Resultados. A primeira etapa – pré-análise - correspondeu à formulação de hipóteses referentes ao objeto de estudo e, por estabelecer os indicadores que fundamentaram a interpretação final. Um segundo momento, de exploração do material, compreendeu uma leitura dos materiais coletados, a fim de iniciar a codificação, decompô-los e enumerá-los, de acordo com os critérios previamente estabelecidos. Por fim, na última fase, de tratamento dos resultados, objetivou propor inferências acerca dos conteúdos pesquisados. Assim, este modelo de análise permite ultrapassar o nível descritivo

dos dados e traçar interpretações fundamentadas sobre o fenômeno estudado. No que diz respeito às categorias, estas foram definidas a partir do *modelo aberto*, ou seja, após a coleta dos dados, tendo em vista a frequência e a relevância dos conteúdos manifestos pelos participantes (BARDIN, 1979).

A análise do conteúdo valeu-se da técnica de sistema de categorias, que permitiu a avaliação do material. Conforme sublinhou Bardin (1995), um bom sistema de categorias deve possuir objetividade e fiabilidade, de modo que, o mesmo material, quando analisado com base no mesmo sistema de categorias, deve ser codificado da mesma forma, mesmo que submetido a várias análises. A fiabilidade deve ser expressa num valor quantitativo, que determina em que grau os diferentes codificadores estão de acordo quanto à classificação da informação analisada. O valor quantitativo exprimirá o grau de consonância entre os “juízes independentes” quanto ao significado da informação qualitativa em avaliação (LIMA, 2013).

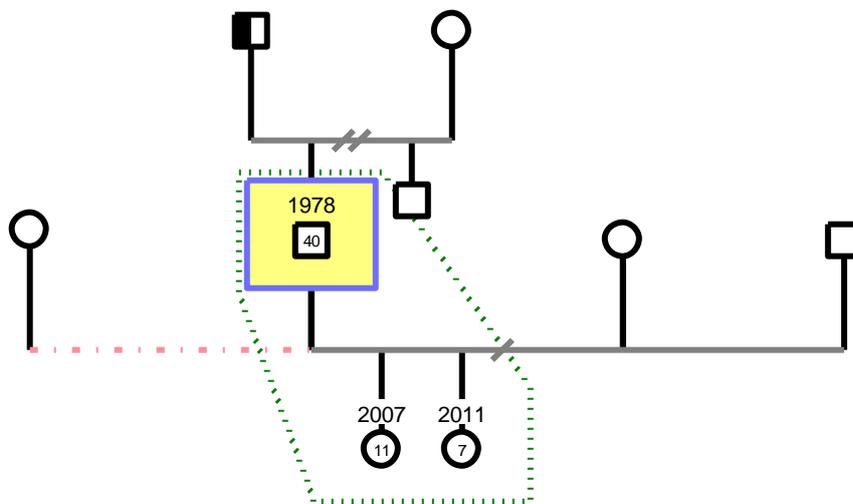
Neste cenário, a autora da pesquisa construiu uma lista com as unidades de registro decorrentes de um processo de “recorte” que foram anexadas em uma planilha. Cada codificador recebeu uma planilha idêntica com as unidades de registro selecionadas para codificação, acompanhado do sistema de categorias a aplicar. De forma independente e com base no sistema de categorias, cada codificador atribuiu a cada unidade de registro o código que, a seu ver, melhor correspondia.

O cálculo da taxa de fiabilidade, a partir de uma análise estatística, foi realizada com o auxílio do SPSS versão 22 para Windows. Calculou-se o coeficiente Kappa entre os dois juízes. O coeficiente Kappa de Cohen é uma medida estatística de concordância entre os juízes para escalas nominais qualitativas, isto é, em que existe a avaliação de categorias. Este cálculo é considerado uma maneira mais adequada de avaliação, uma vez que leva em conta a possibilidade de concordância por acaso. A interpretação do coeficiente de Kappa pode ser classificada em *concordância quase perfeita*, quando os valores estão entre 0,81 e 1,00; *concordância substancial*, quando estão entre 0,61 e 0,80; *concordância moderada* entre 0,41 e 0,61; *concordância fraca ou pequena* entre 0,21 e 0,40; *concordância leve* entre 0,0 e 0,20 e, *nenhuma correlação* quando forem menores do que zero, indicando *ausência de acordo* (LIMA, 2013). Neste estudo o coeficiente de Kappa alcançou o índice de 0,88, ou seja, considera-se uma concordância quase perfeita entre os juízes.

5 DESCRIÇÃO DOS CASOS

Por tratar-se de um estudo desenvolvido a partir de Estudo de Casos Coletivos (Stake, 1994), para melhor compreensão de cada caso, apresentar-se-á uma descrição da história de cada família envolvida no estudo. O recurso sistêmico do Genograma contribuirá para o entendimento da construção de cada família monoparental masculina retratada nesse estudo.

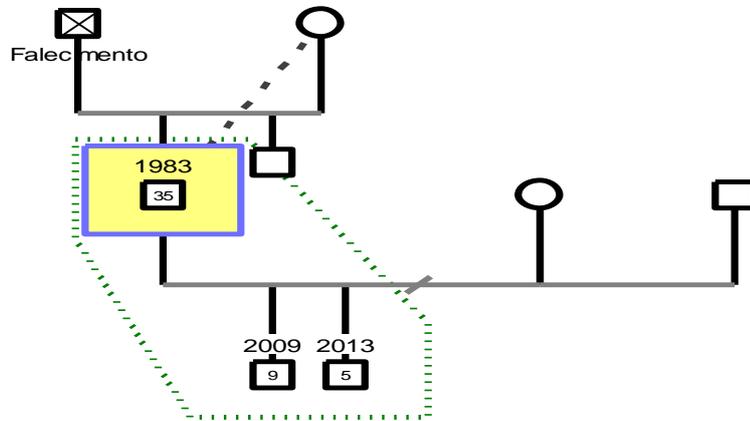
Caso 1



César tinha 40 anos, possuía uma empresa de Sistemas de Segurança, com formação técnica em Informática e cursando uma graduação em Administração. A renda familiar era estabelecida em torno de cinco salários mínimos. César viveu em uma união estável com Renata por 12 anos. Deste relacionamento, César e Renata, tiveram duas filhas, Jéssica com onze anos e Martina com sete anos de idade. Há 17 meses Renata se despediu da família através de um bilhete e foi viver com um novo companheiro, conforme relato de César “a mãe delas simplesmente deixou um bilhete e quando a gente chegou a mãe delas não estava em casa, tinha ido embora”. Desde então, César possui a guarda provisória das meninas. A filha mais velha, Jéssica, há 15 meses não tinha contato com a mãe. Martina, por determinação judicial deveria passar todos os finais de semana com a figura materna, contudo, a relação mãe-filha apresentava-se conturbada e a menina mostrava resistência em aproximar-se da mãe. No momento da coleta de dados César tinha uma namorada, Poliana, que residia em uma cidade vizinha a dele. No momento da entrevista Jéssica e Martina estavam estudando em uma escola pública no turno da manhã,

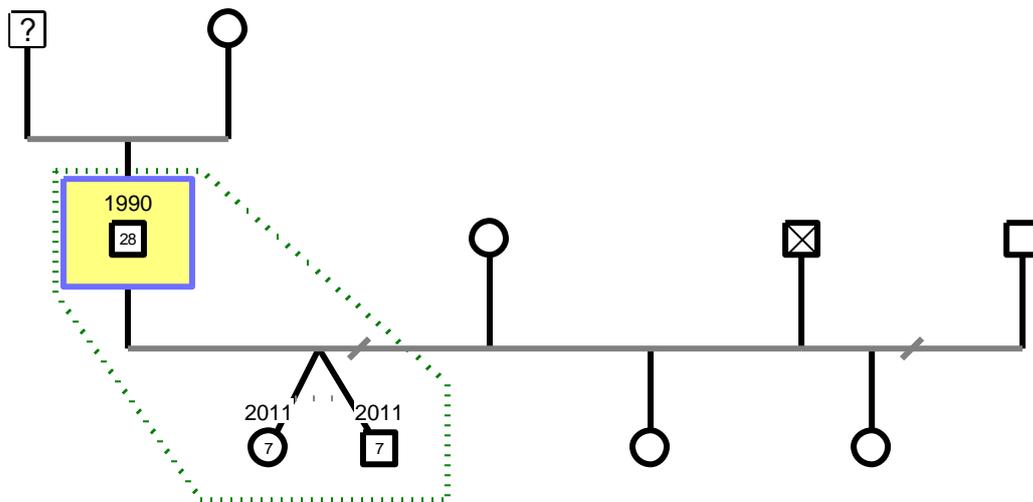
Jéssica estava cursando o 7º ano do Ensino Fundamental e a Martina o 2º ano do Ensino Fundamental.

Caso 2



Pedro tinha 35 anos de idade. Concluiu o Ensino Fundamental, trabalhou como pedreiro e coletor de lixo. No momento da entrevista não estava com vínculo empregatício e a renda familiar dependia dos ‘biscates’ realizados. Pedro esteve em uma união estável com Pâmela por 12 anos, e deste relacionamento tiveram dois filhos, Emílio com nove anos e Martin com cinco anos de idade. Após inúmeras discussões por suspeitas de relacionamentos extra-conjugais de Pedro, sempre negadas por este, Pâmela decidiu dar um fim na relação. Pâmela, há mais de um ano saiu de casa para dar início a um novo relacionamento amoroso, enquanto os filhos escolheram permanecer na casa com o pai. Conforme relato de Pedro “eles escolheram que eu ia ficar com eles, quero o pai” e complementou afirmando “Eu disse, quem está dando amor pra eles sou eu, por isso quem escolheu foi eles, eles escolherem se queriam o pai ou a mãe, queriam o pai”. Por hora, Pedro tinha um acordo informal quanto a guarda dos filhos e, mostrava-se temeroso em definir judicialmente a guarda dos filhos, uma vez que, “eu tenho medo dela me tomar, de perder eles (os filhos)”. Pedro insistia com sua ex-companheira para que ela visitasse os filhos. Segundo o pai, o contato dos meninos com a mãe ocorria com grandes intervalos de tempo: “uma vez por mês, se pegar, pega no domingo e larga no mesmo dia”. No momento da entrevista os meninos estavam frequentando uma escola filantrópica em turno integral, Emílio estava cursando o 4º ano do Ensino Fundamental e Martin a pré-escola.

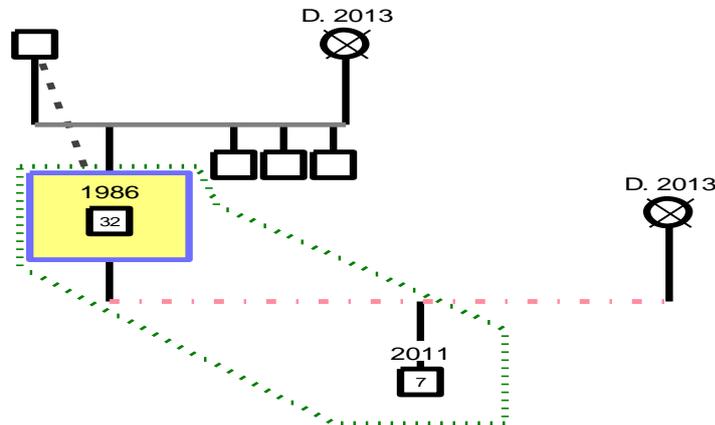
Caso 3



Elias tinha 28 anos de idade, recentemente havia concluído o Ensino Médio, através do programa EJA (Educação de Jovens e Adultos). No momento da entrevista, Elias, encontrava-se desempregado, mas anteriormente trabalhava como auxiliar de metalúrgica. A renda familiar, naquele momento, correspondia ao valor do seguro desemprego. Elias dedicava-se as atividades pessoais, domésticas e, especialmente, aos filhos. Elias e Joana moraram juntos por seis anos, Joana já tinha uma filha de um relacionamento anterior. O casal teve dois filhos gêmeos, João e Berenice, com sete anos no momento da coleta de dados. Há três anos, por inúmeros desentendimentos o casal decidiu por romper o relacionamento, conforme relato de Elias “foi uma separação meio complicada, né, por causa da traição e essas coisas”. Elias foi quem saiu de casa e Joana permaneceu na residência com as crianças. Elias foi embora da cidade, “no início, né, que eu peguei e fui embora para outra cidade, mas não foi por causa deles, foi por causa da mãe”, e alegava não ter condições de assumir o valor da pensão dos filhos. Neste período Joana casou-se novamente e constituiu uma nova família. Há mais ou menos um ano, Elias, retornou para cidade e passou a ter visitas quinzenais dos filhos, nos finais de semana. Acompanhar os filhos possibilitou que Elias tomasse conhecimento das dificuldades que estes vinham enfrentando. O seu comprometimento paterno culminou na solicitação de guarda, a fim de garantir a proteção dos filhos. Por isso, havia cinco meses que, por uma séria questão de segurança dos filhos, João e Berenice passaram a residir com o pai. O atual companheiro de Joana estava envolvido com o tráfico de drogas e a família estava recebendo constantes ameaças. João e Berenice já haviam presenciado um ataque à casa, quando uma pessoa ficou ferida por arma de fogo. Dias depois das crianças se mudarem, a casa da mãe e do padrasto foi novamente atacada, quando o padrasto veio a falecer. No momento da entrevista,

Joana tinha contato esporádico com os filhos, as visitas aconteciam aos domingos, no turno da tarde. Elias não tinha oficializado judicialmente a guarda dos filhos, mas já havia encaminhado o pedido de guarda unilateral em um serviço de Assistência Judiciária Gratuita.

Caso 4



Marcelo tinha 32 anos e formação em Enfermagem, estava trabalhando como Agente Penitenciário da SUSEP e cursando Pós-Graduação em Enfermagem. Marcelo namorou com Valéria por quatro anos, o casal não chegou a morar juntos, cada um tinha a sua casa, mas passavam muito tempo juntos. O filho do casal, embora inesperado foi bem aceito pelos pais, “não foi planejado, foi uma coisa muito boa”, conforme Marcelo. Marcelo relatou que Jonas ficava “um pouco comigo, um pouco com ela, mas na maior parte do tempo com os dois juntos, porque a gente passava muito tempo juntos, só tinha casas separadas.” Quando Jonas estava com 1 ano e 7 meses de idade a sua mãe faleceu, “a mãe dele teve Lúpus em 2013, (...) logo quando ela começou a apresentar sintomas, oito meses depois ela já veio a internar, foi para UTI, e não tinha mais, ela tinha 28 anos na época.” Desde então Marcelo e Jonas constituíram uma família monoparental masculina, com uma rede de apoio familiar bem reduzida, “minha mãe faleceu também em 2013, minha vó também, daí é só eu e ele.” No momento da entrevista Jonas estava com sete anos e cursando o 1º ano do Ensino Fundamental em uma escola particular. Neste período de viuvez, Marcelo teve um relacionamento afetivo-sexual, mas que chegou ao fim.

Seção II

ARTIGO 1

**A EXPERIÊNCIA DA PATERNIDADE EM FAMÍLIAS MONOPARENTAIS
MASCULINAS: A PERSPECTIVA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO
HUMANO**

**THE EXPERIENCE OF PATERNITY IN MALE SINGLE-PARENT FAMILIES: THE
BIOECOLOGICAL PERSPECTIVE OF HUMAN DEVELOPMENT**

RESUMO

Indicadores demográficos apontam a crescente heterogeneidade dos arranjos familiares, e sinalizam para mudanças na organização interna desses sistemas. Dentre as diversas possibilidades de composições familiares atuais, destaca-se a família monoparental. Os homens, embora em menor expressividade numérica em relação às mulheres, também se responsabilizam por prover o lar e pelos cuidados com os filhos/as ao assumir a paternidade unilateral. A partir desse pressuposto, este estudo objetivou compreender as experiências e significados vivenciados pelos pais em famílias monoparentais masculinas. Utilizou-se do método qualitativo e exploratório, com delineamento de estudo de casos. Participaram quatro pais (homens), com ao menos um filho de até onze anos de idade, sob a sua guarda (formal ou informal), por um período mínimo de cinco meses. Como resultado, observou-se que os homens destacaram o tom afetivo com que exerciam as tarefas parentais. Estes participavam ativamente da criação de seus filhos, exercendo tarefas tradicionalmente atribuídas às mulheres. Os pais constituíram-se como tal, a partir do modelo de seus próprios pais, bem como de outras pessoas que consideravam coerentes com os seus princípios. De modo geral, os pais do presente estudo relataram ser possível construir um convívio familiar entre pai e filho(s) com qualidade em famílias monoparentais. Ressalta-se a importância de conferir visibilidade e reconhecimento para tal configuração familiar nos diversos contextos sociais em que estão inseridas.

Palavras-chave: Pai; Família; Monoparental.

ABSTRACT

Demographic indicators point to the increasing heterogeneity of family arrangements and signal to changes in the internal organization of these systems. Among the various possibilities of current family compositions, the single-parent family stands out. Men, although less numerically significant in relation to women, also take responsibility for providing home and caring for their children by assuming unilateral paternity. From this, this study aimed to understand the experiences and meanings experienced by fathers in male single-parent families. It was a qualitative and exploratory method with case study delimitation. Four fathers who had at least an eleven-year-old child in unilateral custody (formal and informal) for a minimum period of five months were analyzed. As a result, it was observed that the men emphasized the emotional tone with which they performed the parental tasks. Raising their children, they participated actively by performing tasks traditionally attributed to women. The fathers constituted themselves from the model of their own fathers, as well as from other people they considered coherent with their principles. In general, the fathers of the present study corroborated that it is possible to build a family relationship between father and children with quality in single-parent families. It is important to give visibility and recognition to such a family configuration in the different social contexts in which they are inserted.

Keywords: Father; Family; Single parent.

Atualmente, a família nuclear coexiste com diversas outras possibilidades de organização familiar, tais como as famílias monoparentais, recasadas, extensas, casais sem filhos, famílias homoafetivas, entre outras (Ramires, 1997; Pereira & Arpini, 2012). Os indicadores demográficos sinalizam para a heterogeneidade dos arranjos familiares, e por conseguinte para as mudanças na organização interna desses sistemas. Nesse cenário, os temas da maternidade e paternidade são considerados multicontextuais e complexos, diretamente relacionados aos aspectos sociais e às funções que cada membro desempenha na família (Bossardi & Vieira, 2015; Arpini, Cúnico & Alves, 2016).

Dentre as diversas possibilidades de composições familiares atuais, destaca-se a família monoparental que, segundo o Censo Demográfico (IBGE, 2014), está entre os três arranjos mais comuns na sociedade brasileira. Sabe-se que a configuração familiar monoparental tem apresentado índices crescentes de prevalência em nosso meio, representada, principalmente, por mulheres responsáveis pelo lar. De acordo com dados do IBGE, referentes ao ano de 2015, as famílias monoparentais constituíam 25% do total dos arranjos familiares, sendo que aquelas formadas por mulheres sem cônjuge e com filhos representam 87,4% dos arranjos monoparentais. No entanto, os homens, em menor expressão de números, também somam a responsabilidade de prover o lar e os cuidados com os filhos/as ao conviver intensamente com estes (Ried, 2011). Neste estudo, o interesse volta-se para as famílias monoparentais masculinas, que consistem em um núcleo familiar constituído pelo pai que vive com os filhos dependentes, sem a presença da mãe ou alguém que a substitua (Marin & Piccinini, 2009).

Considerando o crescente interesse a respeito da participação do pai no ambiente familiar, especificidades nas funções atribuídos a pais e mães podem ser observados (Bueno, Bossardi & Vieira, 2015). Segundo Bronfenbrenner (2005), os papéis sociais correspondem a uma série de atividades e relações esperadas de uma pessoa que ocupa uma determinada posição social, identificada e estimulada culturalmente, e que são resultados de processos de socialização. Considera-se que os significados construídos culturalmente, a partir dos movimentos históricos produzem modos de ser pai, assumindo fundamental relevância para o entendimento da paternidade no presente.

Ao retomar os aspectos históricos, durante a sociedade patriarcal clássica, as questões envolvendo o afeto e o cuidado do pai para com os filhos eram menosprezadas em nome do poder social. A supremacia masculina estava associada às ideias de força, poder, dominação, autoridade e submissão do outro (Ramires, 2014; Badinter, 1993). Durante o século XX, consolidaram-se mudanças sócio-econômicas e culturais que desencadearam a busca por

diferentes compreensões acerca das relações pessoais e das novas configurações familiares (Hennigen & Guareshi, 2002). Nesse panorama, pode-se mencionar o movimento feminista, a partir dos anos 1970 como uma das principais fontes de questionamentos e transformações sociais (Ponciano & Féres-Carneiro, 2003).

A busca por produção e lucro chamou a mulher para o mercado de trabalho, concomitante à descoberta dos anticoncepcionais, à ativação do movimento feminista e do controle da sexualidade. Tais movimentos passaram a contestar os estereótipos de gênero, favorecer a desestabilização tradicional da masculinidade e da paternidade, e contribuir para a circulação de novas significações sobre a constituição de ser homem e ser pai (Hennigen & Guareschi, 2002; Hall, 1998). Desta maneira, sinalizou-se para uma mudança estrutural na família e nas relações, como também para uma mudança psíquica, de pensamento e de paradigma do que é ser homem e pai e ser mulher e mãe (Hennigen, 2010; Sutter & Bucher-Maluschke, 2008). Com isso, a sociedade de modo geral, e os próprios homens são impulsionados a ampliar a compreensão do papel de pai, na medida em que encontram ambientes convenientes para repensar sua postura diante da paternidade, o que inclui atitudes, emoções e, principalmente, a conquista de novos espaços na família (Bossardi & Vieira, 2015; Gabriel & Dias, 2011; Freitas, Coelho & Silva, 2007; Badinter, 1993). Assim, a paternidade no mundo contemporâneo deve ser concebida de modo plural e processual, uma vez que é formada e transformada, a partir do encontro entre os discursos da cultura e o desejo de assumir seus significados (Hennigen & Guareschi, 2002).

Conforme o panorama apresentado pelo estudo de Gryzibowski e Wagner (2010), que analisou as práticas parentais de 234 pais e mães solteiros/divorciados, a coabitação levava a um maior envolvimento direto, no sentido emocional e físico, entre o adulto responsável pela família e os filhos. Complementando esse apontamento, o estudo de Walker, Crawford e Taylor (2008), realizado em contexto norte-americano, destacou que crianças e adolescentes em famílias monoparentais perceberam que o vínculo existente em suas famílias era mais forte do que aquele das famílias constituídas por pai e mãe, pelo fato de superarem juntos experiências difíceis.

A partir de um estudo de caso de uma família monoparental masculina, Ried e Pereira (2012) ilustraram a dificuldade dos pais de famílias monoparentais em se adaptar às mudanças sociais e aos novos valores referentes ao exercício da parentalidade. Observou-se, contudo, uma importante potencialidade dessas famílias para lidarem com os desafios vivenciados no exercício da paternidade. Ademais, verificou-se uma flexibilização, por parte do pai, no que se refere às concepções acerca das funções paternas, ao realizar atividades que, historicamente,

estiveram associadas à figura materna – tais como: cuidado, educação e trocas afetivas. Todavia, Gryzibowski e Wagner (2010) alertam que o acúmulo de tarefas do lar, tais como a criação dos filhos, o sustento da família e o manejo das questões emocionais pode sobrecarregar os pais.

Para além dessas peculiaridades referentes aos cuidados dos filhos, alguns estudos revelam equilíbrios diferentes entre homens e mulheres na forma de contribuir com o desenvolvimento dos filhos. Observa-se que o pai desempenha funções importantes e específicas no desenvolvimento da criança, como um agente que favorece a exploração do mundo externo pelos filhos. De acordo com a Teoria da Relação de Ativação (Dumont & Paquette, 2012), a relação pai-filho favorece a abertura ao mundo para criança, caracterizada por um comportamento paterno que inclui a estimulação a autonomia e o autocontrole. Segundo essa teoria, essa relação ocorre, em especial, quando o pai se envolve em jogos físicos com seu filho (luta ou batalha, por exemplo), que podem facilitar a aprendizagem da regulação da emoção agressiva, disciplina, obediência e estabelecimento de competências e confiança. Dessa forma, a criança pode desenvolver habilidades sociais e sentir-se mais confiante ao se relacionar com o ambiente externo. Todavia, não se desconsidera que tais comportamentos e atividades sofrem influência de fatores como condições sociais e econômicas do contexto em que vivem.

Parte-se da ideia de que o sujeito só se constitui na relação com o outro. Por isso, pode-se dizer, que os critérios que definem a parentalidade também são socialmente construídos, resultado de variáveis individuais, intra e extrafamiliares, que intervêm nas interações pais-filhos. Vigora então, um homem-pai em processo, com várias facetas (trans)formadas continuamente em relação ao modo como é representado e/ou interpelado pelos sistemas culturais ao seu redor (Hennigen, & Guareschi, 2002). Assim, a relação com o contexto em que a família está inserida mostra-se fundamental para o desenvolvimento da parentalidade. Nessa perspectiva, o ciclo vital é caracterizado por experiências e por sucessivas transições nas relações pessoa-ambiente, além da interdependência das influências sociais e históricas, que são expressas no curso de vida e nas relações interpessoais (Bronfenbrenner, 1996; Bronfenbrenner & Morris, 1998). Afinal, estão incluídos nas definições de tempo tanto aspectos dinâmicos físico-espaciais, quanto socioculturais e emocionais do desenvolvimento humano.

Essa compreensão está de acordo com o paradigma Bioecológico do Desenvolvimento Humano, defendido por Bronfenbrenner, que propõe o estudo do ser humano em seus ambientes, examinando os comportamentos e o desenvolvimento como um conjunto de funções, capazes de refletir tanto os processos de desenvolvimento e as forças dos ambientes

sobre eles, quanto compreender os resultados dessa interação (Benetti, Vieira, Crepaldi & Schneider, 2013). Para tanto, o modelo considera de forma inseparável os seguintes elementos: processo, pessoa, contexto e tempo (PPCT). Desse modo, avalia-se importante evidenciar para a compreensão e discussão do fenômeno desse estudo, o processo que envolve a paternidade e sua constante e fundamental interação com as características da pessoa, com o contexto e com o tempo.

Bronfenbrenner e Morris (1998) usam o termo desenvolvimento referindo-se à “estabilidade e mudança nas características biopsicológicas da existência humana ao longo do curso de vida e através das gerações” (p. 995). Nesse modelo, o processo é destacado como o principal mecanismo responsável pelo desenvolvimento, referindo-se às formas de interações recíprocas que acontecem de maneira gradativa, em termos de complexidade, entre o sujeito e as pessoas, objetos e símbolos presentes no ambiente imediato. Essas formas particulares de interação entre organismo e contexto são entendidas como processos proximais, sendo esse núcleo analisado através de como cada pessoa significa suas experiências e interpreta o ambiente (Bronfenbrenner & Morris, 1998).

De acordo com Bueno et al (2015), a forma (como o pai interage), a força (o quanto ele interage), o conteúdo (o que o pai faz com a criança) e a direção dos processos proximais (se a interação é recíproca) devem ser considerados ao compreender o desenvolvimento da paternidade. Tais fatores variam sistematicamente como uma função conjunta de características da pessoa em desenvolvimento, do ambiente (tanto imediato quanto remoto) onde ocorrem, da natureza dos resultados evolutivos e das mudanças e continuidades sociais que ocorrem ao longo do tempo no período histórico em que a pessoa viveu.

Com relação à natureza dos resultados evolutivos, Bronfenbrenner e Morris (1998) afirmam que os processos proximais podem produzir dois tipos de efeitos: (1) competência, que se refere à aquisição e desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e capacidade para conduzir e direcionar seu próprio comportamento, através de situações e domínios evolutivos; e, (2) disfunção, que se refere à manifestação recorrente de dificuldades em manter o controle através de situações e diferentes domínios do desenvolvimento (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Ambos os resultados dependem da natureza do ambiente onde eles se encontram. Quando ocorre disfunção, o seu impacto no desenvolvimento da pessoa será maior em ambientes desfavoráveis ou desorganizados, pois nestes ambientes as manifestações de disfunção são mais frequentes e mais severas (Bronfenbrenner, 1996). Inversamente, quando se observa a competência, o seu impacto no desenvolvimento da pessoa será maior em ambientes mais favoráveis ou estáveis, já que nestes ambientes as manifestações de

competência ocorrem com mais frequência e intensidade (Bronfenbrenner, 1996).

No que diz respeito à estrutura pessoal, parte-se do princípio de que, “nenhuma característica da pessoa existe ou exerce influência no desenvolvimento de forma isolada. Cada qualidade humana é intrinsecamente envolvida e encontra os seus significados e mais profundas expressões em ambientes particulares, dos quais a família é o principal exemplo. Como resultado, há sempre um entrelaçamento entre as características psicológicas da pessoa e as de um ambiente específico, uma não pode ser definida sem referência à outra” (Bronfenbrenner, 1996).

Assim, quando um pai se defronta com importantes transições ou crises no ciclo evolutivo da vida, pode ver-se frente a situações que o conduzem a um esforço para vencer tais dificuldades ou, contrariamente, sentir-se impotente ou incapaz de gerar energia na busca por transpô-las. Por vezes, esses padrões são reproduzidos a partir da influência de fatores culturais, moral e valorativos transmitidos no contexto intrafamiliar, e absorvido das relações sociais mais amplas (Botton, Cúnico & Strey, 2015). Assim, contingências sociais, econômicas e culturais devem articular-se a fatores individuais, reorientando a organização da família, através de suas relações internas e externas (Gomes & Resende, 2004). Afinal, a paternidade pode ser afetada por fatores previsíveis e imprevisíveis ao longo do ciclo vital, e estes refletem no exercício da paternidade nas diferentes etapas da vida (Jablonski, 1999).

Outra importante contribuição de Bronfenbrenner refere-se a uma visão ampla e contínua sobre o fenômeno do desenvolvimento, através da dimensão tempo, que necessita ser compreendida na continuidade ou descontinuidade dos fatores de interação, na constância e consistência dos recursos pessoais e na trajetória pessoal, representadas no momento atual e histórico de cada pessoa. Essa dimensão temporal consiste na sequência de eventos que constituem a história pessoal de cada indivíduo. Deve-se transcender uma visão estreita do “aqui e agora”, e ampliar a compreensão de que as características pessoais de uma pessoa não podem ser entendidas fora do momento histórico em que este se desenvolve, e tampouco das expectativas por ele projetadas (Neiva-Silva, Alves & Koller, 2004).

A partir da Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano (AEDH) e considerando que “os aspectos do meio ambiente mais importantes no curso do crescimento psicológico são, de forma esmagadora, aqueles que têm significado para a pessoa numa dada situação” (Bronfenbrenner, 1996, p. 9), detém-se a atenção na figura de um pai monoparental presente em corporalmente e de modo afetivo, que se depara com a demanda de revisão de suas funções de pai no sistema familiar e na sociedade contemporânea. Trata-se de uma abordagem

que não se estabelece na dicotomia entre as dimensões subjetiva e cultural, ao contrário, respeita seus entrelaçamentos. Assim, este estudo objetivou compreender as experiências e significados vivenciados pelos pais em famílias monoparentais masculinas.

Método

Participantes

Integraram este estudo quatro homens responsáveis por uma família monoparental masculina simples, em que apenas o pai estava presente no domicílio vivendo com ao menos um filho(a), com idade entre cinco e onze anos, sob sua responsabilidade. Os participantes residiam em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul com tempo de convívio mínimo de cinco meses, nesta configuração familiar. Os participantes foram convidados a participar do estudo por meio de indicações nas redes sociais e profissionais da pesquisadora responsável e por intermédio de uma escola de Ensino Fundamental Filantrópica da cidade onde se desenvolveu a pesquisa. A idade dos pais era entre 28 e 40 anos e nível socioeconômico entre baixo e alto. Quanto à escolaridade dos participantes, variava entre ensino fundamental e pós-graduação. Dois pais estavam desempregados no momento da realização do estudo (Tabela 1)

Tabela 1 – Participantes e dados de identificação⁵

Pai	Idade	Escolaridade	Ocupação	Nº Filhos	Idade filhos	Tempo monoparentalidade	NSE ⁶
César	40	Técnico	Proprietário pequena empresa	2	7 e 11	1 ano e 5 meses	4
Pedro	35	Ensino Fundamental	Desempregado	2	9 e 5	1 ano	1
Elias	28	Ensino Médio	Desempregado	2	7 e 7	5 meses	2
Marcelo	32	Pós-Graduação	Agente Penitenciário	1	7	5 anos	5

Delineamento e Procedimentos

⁵ Os nomes dos participantes foram substituídos por nomes fictícios a fim de preservar suas identidades.

⁶ Nível socioeconômico com base em Hollingshead (1975, adaptado de por Tudge & Frizzo, 2002): 1(baixo); 2(médio-baixo); 3(médio); 4(médio-alto) e 5 (alto).

Tratou-se de um estudo do tipo exploratório e descritivo, com caráter qualitativo ao procurar compreender, através das experiências dos participantes, o fenômeno da paternidade em famílias monoparentais masculina (Minayo, 2012). O estudo esteve pautado no delineamento de Estudo de Caso Coletivo (Stake, 1994), o que permitiu aprofundar o que há de sistêmico nas relações paternas nas famílias em questão. Em termos de embasamento teórico, a compreensão dos dados esteve pautada na em um olhar sistêmico do mundo (Vasconcellos, 2002) e no Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Ao considerar a teoria bioecológica do desenvolvimento humano como uma teoria sistêmica, entendeu-se que as variadas interações que compõem o processo da paternidade possuem uma correspondência com os elementos-chave do modelo PPCT (Bronfenbrenner, 2005).

Quanto aos procedimentos de pesquisa, aqueles que aceitaram participar do estudo responderam, no primeiro encontro, ao *Questionário de Dados Sociodemográficos* e a uma entrevista semiestrutura sobre *Paternidade em Contexto da Monoparentalidade*. Ao final da entrevista convidou-se os participantes a darem continuidade ao processo de pesquisa via utilização da fotografia com atribuição de significado. Os participantes, então, receberam uma câmera fotográfica digital e as instruções de como manuseá-la adequadamente. Dois participantes (César e Marcelo) optaram por realizar os registros fotográficos com a câmera do celular particular e enviá-las para pesquisadora. Em seguida, solicitou-se que registrassem, num período de sete dias, cinco momentos na tentativa de responder à seguinte instrução: “Busque fotografar cenas, imagens, no seu dia-a-dia, que você acha que mostrem um pouco da sua experiência como pai”. Posteriormente, agendou-se um segundo encontro, quando foram abordadas e aprofundadas as percepções dos pais sobre as suas próprias produções fotográficas, através de uma *Entrevista para discussão das fotografias*. Ressalta-se que ao fotografar pessoas, objetos e símbolos do seu ambiente, os participantes capturaram representações de si mesmo, pois houve a circulação de valores, crenças e ideologias (Neiva-Silva, Borowsky & Koller, 2004), que contribuiriam para análise sistêmica dos dados.

Inicialmente, a coleta dos dados estava prevista para acontecer na residência das famílias, no entanto, apenas uma coleta ocorreu dessa forma. Alguns pais se mostraram resistentes, e em dois casos, o processo aconteceu na escola dos filhos dos participantes, uma escola filantrópica, localizada na comunidade em que os participantes residiam. Um participante, optou por realizar os encontros nas dependências da universidade vinculada a esta pesquisa. Considera-se, contudo, a relevância do acesso à residência ou à comunidade em que

as famílias viviam, uma vez que, conhecer o ambiente físico favoreceu a compreensão da realidade enfrentada por estas famílias.

Considerações Éticas

A presente pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Maria, através do CAAE 81161817.6.0000.5346. Ainda, esteve em conformidade com a Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, sendo garantida a confidencialidade dos dados e o direito a sua privacidade e os pesquisadores envolvidos assinaram o Termo de Confidencialidade.

Quanto ao método de produção de imagens fotográficas, no momento da aceitação dos participantes em produzirem os registros, a pesquisadora assegurou a proteção à privacidade dos participantes e das demais pessoas presentes nos registros fotográficos. Garantiu-se que não haverá exposição das fotografias, uma vez que permitiriam a identificação dos indivíduos pesquisados. Dessa forma, estas serão ilustradas descritivamente na análise dos dados.

Análise dos Dados

Utilizou-se como referência para a análise do material coletado e transcrito, a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1979). Os dados coletados através da *Entrevista sobre a Paternidade em Contexto de Monoparentalidade* e da *Entrevista para discussão das fotografias* foram analisados conjuntamente, buscando-se integrar o material obtido a partir de ambos os instrumentos.

O conteúdo das fotografias foi considerado a partir da compreensão das imagens e das falas que as acompanharam. A análise das cenas, personagens, situações presentes nas fotografias deu-se de forma complementar à análise de conteúdo das falas. Desse modo, os retratos foram apresentados em nível descritivo dos elementos que compõem as imagens e, a partir das entrevistas, analisadas de acordo com o conjunto formado pelo agrupamento de fotos e a história individual de cada autor (Joly, 2008).

Conforme Bardin (1979), a Análise de Conteúdo se constituiu em três fases: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferências e interpretações. A etapa de pré-análise envolveu a organização do material, sistematizando as ideias iniciais. Na fase de exploração do material, decompôs-se o texto, codificando os fragmentos selecionados. Finalmente, realizou-se o tratamento dos dados encontrados, interpretando-os e realizando inferências, a partir dos registros (Bardin, 1979).

As categorias tiveram como unidade de análise o tema e foram construídas a partir do modelo aberto, ou seja, tomaram forma no curso da própria análise e, agruparam unidades com significações aproximadas. Uma vez definidas as categorias temáticas de análise e com base em uma orientação e definição claras sobre o conteúdo de cada uma das categorias temáticas, dois juízes classificaram separadamente as unidades de análise às categorias propostas. O cálculo da taxa de fiabilidade na categorização das unidades de análise, a partir de uma análise estatística, foi realizada com o auxílio do SPSS versão 22 para Windows. Neste estudo, o coeficiente de Kappa alcançou o índice de 0,88, ou seja, considera-se uma concordância quase perfeita entre os juízes.

Resultados

A seguir, serão apresentados, individualmente, os resultados referentes aos quatro casos estudados. Para cada um dos casos, inicialmente, serão descritos aspectos da história familiar e, em seguida, apresentados os resultados a partir das quatro categorias temáticas, exemplificadas por vinhetas procedentes das entrevistas e descrições dos registros fotográficos. As categorias identificadas foram as seguintes: Funções parentais: um olhar dinâmico aos processos proximais; “Eles vieram no mundo e mudou a minha vida”: a experiência da paternidade; Modelos de paternidade; A paternidade em famílias monoparentais: o pai inserido na cultura do macrossistema. Após a apresentação, os quatro casos serão analisados conjuntamente, a fim de se discutir as semelhanças e particularidades identificadas.

Caso 1: César

César estava em uma união estável com Renata há 12 anos quando, há aproximadamente um ano e meio, de modo inesperado, Renata deixou a residência da família e assumiu um outro relacionamento. Desde então, César residia sozinho com as filhas, Jéssica e Martina, de sete e onze anos respectivamente e aguardava decisão judicial para oficializar o pedido de guarda unilateral das filhas. As filhas não mantinham contato frequente com a mãe devido a conflitos de relacionamento. No momento da coleta de dados, César tinha uma namorada que residia em uma cidade vizinha. César tinha formação em curso técnico, e cursava o Ensino Superior. Era dono de uma microempresa na área da segurança, com sede em um espaço anexo à residência

da família. A família residia em um bairro bem localizado na cidade e usufruía de uma estrutura física confortável.

Funções parentais: um olhar dinâmico aos processos proximais

César demonstrou ser um pai bastante envolvido com os cuidados ao nível físico⁷ das suas filhas. Costumeiramente, o pai iniciava seu dia envolvendo-se na preparação das crianças para irem à escola, antes de sair para o seu trabalho: *"Seis horas acorda, faço café para elas, arrumo o que elas vão levar para escola. Aí elas vão, eu tomo o meu banho e saio trabalhar"* (o transporte escolar passava pegar as filhas às 6h45).

César ressaltou que o dia-a-dia das crianças é marcado por imprevisibilidades, se referindo que a qualquer momento pode ter um acontecimento novo, como alguma doença, por exemplo: *"A Martina chega às vezes com dor de barriga, com febre, procuro levar no médico"* ou algum acontecimento na escola *"A Jéssica, se tem alguma novidade, a gente discute, conversamos"*, que exigem dele uma posição de cuidado e responsabilização pelo desenvolvimento físico e moral das filhas.

O pai relatou que a filha mais velha (11 anos) divide com ele algumas responsabilidades domésticas, mas, principalmente, em relação à irmã mais nova (7 anos), assumindo, por vezes, uma postura materna: *"A Jéssica me ajuda bastante. Às vezes, ela tenta tomar o partido como se fosse mãe da Martina, tentando mostrar pulso firme pra Martina, ensinar as coisas."*, quando é repreendida pelo pai: *"Eu não deixo, ela é irmã, não mãe"*.

Quanto ao estabelecimento de regras e disciplina direcionadas às filhas, César contava com o apoio de uma babá nos dias de semana, enquanto ele estava trabalhando ou estudando. A fim de estabelecer uma rotina para as filhas o combinado com a babá era: *"Elas chegam do colégio, é almoçar, descansar um pouquinho, faz os temas e depois podem agitar"*. Assim, ao final do dia, quando César retornava do trabalho, o seu compromisso era revisar os temas de casa: *"Quando chego em casa, ver se elas fizeram os temas"*. Da mesma forma, a babá era solicitada a cumprir o horário de ir dormir das meninas, uma vez que no turno da noite ele frequenta às aulas da graduação.

O pai relatou que nos anos de convivência com a mãe, as filhas Jéssica e Martina eram proibidas por ela de usar os brinquedos, para não bagunçarem a casa. Após a separação, César

⁷ De acordo com as dimensões da parentalidade, proposto por Hoghughi (2004), os cuidados físicos são traduzidos na garantia de alimentos, proteção, vestuário, higiene, precaução de acidentes ou de doenças, assim como a tomada de ações rápidas para uma resolução eficaz das situações.

garante dar total liberdade para elas brincarem, desde que arrumem depois, indicando seu envolvimento com a disciplina das filhas: *“Brincou, bagunçou, depois arruma. Para ter uma organização, uma responsabilidade. Porque depois, cada vez é mais difícil, vai crescendo, se não tiver responsabilidade pelo que tem que fazer, vai sofrer”*.

No que diz respeito aos cuidados sociais, César relatou participar de momentos de recreação com as filhas, como, ao final do dia quando: *“Pego a bicicleta, vou andar com a Jéssica aqui na rua um pouco, a Martina anda junto”*, ou então, aos finais de semana quando realizava passeios e viagens com as filhas. O pai também costumava dedicar algum tempo, recorrentemente, para ir até a escola e conversar com as professoras sobre as filhas: *“Procuro sempre estar informado com o colégio. Vou no colégio seguido pra saber como é que andam as coisas. [...] Cada dois, três meses eu faço uma reunião junto com as professoras”*.

“Eles vieram no mundo e mudou a minha vida”: a experiência da paternidade

César referiu ter desejado ser pai, e afirmou que a paternidade, vinha sendo a realização de um sonho: *“Era o que eu mais queria, e agora tenho duas. Presente em dobro”*. Ele ainda indicou ter organizado sua vida para viver esse momento: *“Eu fui ser pai com 29 anos. Antes eu estudava, trabalhava, se virava”*. Por isso, segundo ele, não hesitou em assumir a paternidade após o rompimento da união com a mãe das meninas, procurando manter-se próximo às filhas.

Durante a convivência da família nuclear, o pai passava mais tempo com as filhas do que a ex-companheira, devido às exigências profissionais de Renata: *“A mãe delas trabalhava de noite, plantão no hospital, de manhã ou de tarde a faculdade. O tempo que ela estava em casa, ela estava dormindo”*. E explicou que, com o nascimento das filhas, o casal acordou que César assumiria os cuidados das meninas para Renata estudar: *“Quando conheci a mãe delas eu estava na faculdade, daí larguei de mão porque veio a Jéssica. Daí deu a oportunidade para ela estudar e eu ficar com as crianças”*. Por isso, ele afirma que *“Nos últimos anos eu que andava com elas. A Martina era bebezinho, eu saía com a Jéssica, junto no carro a Martina, no bebê conforto, e ia trabalhar”*. Dessa forma, quando questionado sobre o que mudou em sua vida a partir do momento em que assumiu sozinho os cuidados das filhas, disse que *“Já estava acostumado com as gurias, leva e traz e responsabilidades com elas, colégio e ajudar nos temas”*. Todavia, César sentia-se arrependido de não ter concluído seu curso superior. Assim, com a separação conjugal retomou os estudos: *“Aí quando ela foi embora eu peguei e botei uma meta: vou fazer, vou terminar o curso”*.

O pai revelou, que atualmente, considerava seu tempo com as filhas restrito e gostaria de poder aproveitar mais da companhia das meninas: *“Sempre acho que falta alguma coisa, né, eu acho que poderia ter mais tempo para elas”*. Contudo, referia ter de equacionar o tempo com as filhas com a responsabilidade financeira: *“Só que vem a parte da responsabilidade como pai, sustentar a casa, os funcionários para pagar”*. Isso provocava em César o sentimento de incompletude, de não fazer o suficiente como pai, uma vez que: *“A gente acha que não está dando conta, não está fazendo tudo o suficiente, sabe? Apesar de estar fazendo o que pode”*.

Nesse sentido, o pai também expressou a sobrecarga de tarefas: *“A gente se vira em 50, porque enquanto está pensando no trabalho, está pensando nelas. Daí tem horário, tem que saber o horário, tenho que largar o que estou fazendo para dar atenção para elas”*. Mas entende que esse esforço é recompensado, de modo que *“Só o fato delas estarem comigo já é muito. Eu não sei o que seria de mim sem estar com elas”*, e complementa dizendo que *“Elas me trazem alegria”*.

Em consonância, César registrou em imagem um momento em que filhas estavam num espaço da casa denominada por ele de *“peça da baderna”*, brincando de ‘escola’ e o incluíram no enredo da brincadeira. Em seu depoimento o pai avaliou a sua relação com as filhas como marcada por muito entrosamento e carinho: *“Não tem prazer maior, tu chegar e ter um afeto tão grande, né”*, e que com elas se sente *“o pai super-herói, pai é pai”*. Frente às filhas, César reconhece o compromisso de ser para elas um exemplo: *“Querendo ou não elas são o espelho da gente. Então, a gente tem que mostrar o melhor da gente pra elas”*.

Modelos de paternidade

Em relação aos seus modelos de cuidado, César pontuou a ausência de uma referência paterna positiva em sua vida. Relatou não ter estabelecido uma relação próxima com seu próprio pai: *“Eu saí de casa cedo, antes a gente brigava muito”*. Nesse sentido, afirmou se sentir muito diferente do seu próprio pai: *“Não sou de bater. Meu pai me batia por qualquer coisa”*. Ele expressou o desejo de ser um pai melhor para suas filhas, do que seu pai havia sido para ele. Ainda assim, na época da entrevista, em virtude de uma doença, César estava cuidando de seu pai: *“Eu cuido dele também, de manhã cedo eu tenho que ir todos os dias dar remédio, porque ele está com esquizofrenia”*.

A paternidade em famílias monoparentais: o pai inserido na cultura do macrosistema

Quanto às crenças a respeito da monoparentalidade, César referiu que dificuldades podem ser sentidas tanto pelo pai quanto pela mãe, frente ao exercício da paternidade e da maternidade em famílias monoparentais: "*Eu acho assim, tanto faz se os filhos estão com o pai ou estão com a mãe, têm pontos de dificuldade para os dois*". Na sua concepção, os filhos estarão melhor assistidos com a figura de cuidado que demonstrar maior disponibilidade para o desenvolvimento da parentalidade.

Com relação às dificuldades percebidas pelo pai, no exercício da monoparentalidade, César apontou como principal desafio a "*dificuldade referente a parte que elas são tudo meninas, né*", diante do fato de ele, como homem, precisar realizar cuidados e dar orientações às duas. César acreditava que a principal tarefa da família seria educar os filhos, preparando-os para a vida. Ele destacou a importância da educação sexual, no entanto, retratou dificuldades em abordar tais assuntos, principalmente, pelo fato de sua prole ser de meninas: "*É difícil para um pai pegar e conversar com uma criança, dizer tu vai menstruar, logo depois tu tem que se cuidar, se tiver algum relacionamento*" e complementa "*Esse tipo de coisa eu fico mais reprimido, que eu não sei como agir e nem o que dizer*".

César supõe que cuidar de um menino pode ser mais fácil para um homem, enquanto os cuidados das meninas poderiam ser mais acessíveis para as mulheres, exemplificando da seguinte forma: "*Eu acho que é mais fácil para o homem um guri, que é bem mais prático, vai lá e bota uma roupa, um chinelo e um boné e vamos embora*", enquanto a menina: "*A menina já é bem complicada, seis horas da manhã eu tenho que levantar, é arrumar, essa função e vai. E é lavar cabelo, secar cabelo*".

Contudo, o pai reconhece que independente do gênero dos filhos, as suas demandas precisam ser atendidas por figuras de afeto, que realmente se importem:

Da mesma forma como eu passo às vezes trabalho com elas, eu faço com gosto. Não é aquela coisa automática. As mães também, algumas, aquelas que gostam. Tem umas que não, depende. Conheço algumas que estão com os filhos, mas não estão nem aí, estão atiradas, e deixam com a vó.

Ao retratar o modo como se enxergava assumindo os cuidados com as filhas, de modo unilateral, César afirmou que vinha desempenhando a parentalidade de maneira positiva, sentindo-se feliz e satisfeito. Ele se considerava um bom pai e com um retorno social que corroborava a sua postura, conforme relatou: "*Todo mundo sempre me chama de pai-mãe, porque, como sempre dizem, eu sempre fui paizão, estar sempre junto*".

Caso 2: Pedro

Pedro e Pâmela, durante 12 anos, viveram em uma união estável, e desta união tiveram dois filhos, Emílio e Martin, com nove e cinco anos respectivamente. Há aproximadamente um ano, Pâmela deixou a residência da família para viver um novo relacionamento e, desde então, Pedro assumiu os cuidados integrais dos filhos. A guarda paterna não estava oficializada, sendo que a dupla parental optou por fazer apenas um “acordo de boca”. As visitas de Pâmela aos filhos não aconteciam de forma regular. Pedro estava desempregado, pois, por opção havia deixado o emprego para cuidar dos filhos. Anteriormente, trabalhava como pedreiro na construção civil e na coleta do lixo da cidade. A família residia em um bairro vulnerável da cidade, e a casa se apresentava em condições físicas precárias, em terreno compartilhado com outras pessoas da família.

Funções parentais: um olhar dinâmico aos processos proximais

Pedro relatou um grande envolvimento e preocupação com os cuidados físicos dos filhos, principalmente a respeito da alimentação. O seu dia começava com o preparo do café da manhã para os meninos: *"Faço café pra eles, um pãozinho. Eu mesmo faço o pão de casa, dou pra eles comem. Se não tiver pão, vou lá e dou uma bolacha com café"*. Neste contexto de vulnerabilidade social, a família enfrentava dificuldades financeiras e, também, restrições de acesso aos recursos relativos à saúde.

A preocupação em bem alimentar os filhos, também, era parte da rotina parental de Pedro. A apresentação de uma fotografia, em que Emílio e Martin estavam, à noite, sentados cada um em sua cama, com um prato de comida, retratava a satisfação do pai em poder ofertar alimento aos filhos: *"A janta, aqui era arroz, feijão, mandioca, bolo de arroz e galinha. Eu que preparo a comida deles"*. No que diz respeito à saúde dos filhos, mesmo frente a importantes restrições financeiras e de acesso à saúde, o pai mostrou-se preocupado, relatando ter percorrido em torno de 10km a pé para levar o filho no médico: *"Não tinha um pila⁸, botei ele nas costas, o mais velho nas costas, um solão, que estava doente. Levei e trouxe ele nas costas"*.

Por assumir os cuidados dos filhos, sem a ajuda de outro adulto, o pai era quem dava banho, arrumava, alimentava e levava os filhos para a escola. Nos dias em que Pedro tinha algum trabalho temporário, antes de sair ele explicava aos filhos: *"Óh, o pai vai trabalhar,*

⁸ Denominação coloquial para dinheiro no Rio Grande do Sul, Santa Catarina e no Paraná.

vocês pegam, levantam, fazem o café pra vocês, vão tomar um banho e se arrumem e a vó vai vir cuidar vocês". Nesses momentos, ele recebia o auxílio de sua mãe e de sua cunhada, esta última responsável por levar e/ou buscar os meninos na escola, quando Pedro estava ausente: *"Sou eu que trago. Se eu não estiver trabalhando, eu que trago. Se eu tiver trabalhando, é a minha cunhada que traz".* Os filhos de Pedro auxiliavam o pai nas tarefas domésticas: *"Me ajudam, limpam a casa"* e, também, nos cuidados parentais: *"O maior cuida do outro que é pequeno. Ele dá banho, faz um lanche, dá café para ele, me ajuda"*.

Além disso, Pedro buscava estabelecer uma rotina de disciplina aos filhos. Emílio e Martin, ficavam na escola em tempo integral, sendo que no turno alternado às aulas participavam de projetos e almoçavam na escola. Ao retornar da escola, após olhar um pouco de televisão, o pai relatou que: *"Eles vão estudar, depois fazemos a janta, depois da janta eu pego e vou deitar com eles"*.

Quanto à dimensão social, aos finais de semana, conforme Pedro *"é o mais feliz"*, pois pai e filhos participavam de jogos de futebol, brincavam em pracinhas ou ficavam dentro de casa olhando desenhos. Com relação à educação, sempre que necessário, o pai se fazia presente na escola onde os filhos estudavam: *"Quem vem na reunião sou eu. Sempre estou na reunião deles, estou aí"*.

"Eles vieram no mundo e mudou a minha vida": a experiência da paternidade

Pedro relatou a paternidade como um momento importante de sua vida, que propiciou mudanças no seu comportamento, afirmando que: *"Eles vieram no mundo e mudou a minha vida"*. Uma vez que, *"Eu virei pai e fiquei muito feliz. Eu estava atirado, só na bebida, virei pai e mudei, consegui emprego. Todo final de semana gastava meu dinheiro para ir no bar. Agora, que eu virei pai, tudo mudou na minha vida"*.

Ao remeter Pedro a pensar sobre o fato de ser pai, ele respondeu: *"Eu fico imaginando que eles estão comigo. Graças a Deus não estão longe de mim, por que eu gosto e tudo."* Por diversas vezes, Pedro exaltou sua satisfação pelos filhos afirmando que: *"Por eles eu faço qualquer coisa. Aí, é mais feliz!"*

Ao relatar a relação com os filhos, o pai destacou que, desde que os filhos eram pequenos, ele que assumia os cuidados, principalmente, emocionais destes: *"Quem dá amor, quem dá carinho, até de bebê eu cuidava deles, eu que dou carinho para eles."* Na medida em que os filhos cresceram, pai e filhos assumiram uma relação de cumplicidade: *"Eles não me*

incomodam, estão sempre do meu lado, me ajudando, sempre me dando carinho. O importante é que eles estão comigo, está bom". O que reforça em Pedro o sentimento de capacidade de cuidar dos filhos: *"Eu tenho coragem de cuidar dos meus filhos, eu tenho."*

Modelos de paternidade

Pedro não teve relação com o seu pai biológico, pois esse faleceu quando ele ainda era muito pequeno: *"Eu não conheci o meu pai. O meu pai morreu eu tinha três meses de nascido".* Ele foi criado por seus avôs, a quem considerava como pais: *"Quem me criou mesmo foi minha vó e meu vô. [...] Não foi minha mãe. Minha mãe verdadeira não chamo de mãe. Mãe e pai é aquela pessoa que cria, chamava meu vô de pai, minha vó de mãe".* Com muito entusiasmo ele se referia a sua avó como mãe, dizendo: *"A minha mãe, minha guerreira, ela sempre estava do meu lado, me ajudando"* e esta era para ele a sua referência de como ser pai.

A paternidade em famílias monoparentais: o pai inserido na cultura do macrossistema

A compreensão de Pedro sobre a monoparentalidade masculina refletia uma visão social de um modelo rígido de criação dos filhos, como atribuição exclusivamente, materna: *"Eles pensam que nós (pais homens) não cuidamos. Os vizinhos, porque as crianças estão com o pai, não ajudam, não fazem nada"; "Pensam que estar com a mãe, a mãe faz tudo. [...] Ah, todo mundo fala a mãe dá mais amor e mais carinho que um pai"*.

Com isso, cotidianamente, Pedro se deparava com situações que o constrangiam no seu lugar de pai, como, por exemplo, em uma reunião de escola: *"Semana passada tinha uma reunião. Eu entrei na sala de aula, bah, tá louco, o único homem era eu. Era tudo mulher e quem passou vergonha fui eu"*. Tal estranhamento indica uma desqualificação da família monoparental masculina e o exercício da paternidade por um pai como responsável pela família.

Em outra situação relatada, Pedro contou da intromissão dos vizinhos na vida da sua família, principalmente pelo fato de seus filhos cooperarem nas atividades domésticas *"Sabe como é vizinho, vizinho fofoqueiro, vai lá e denunciam no Conselho (Tutelar), o pai está botando os filhos trabalhar"*. Por isso ele disse, por vezes, recusar a ajuda de Emilio e Martin nos afazeres domésticos: *"Não, o pai não precisa de ajuda, deixa que o pai faz"*.

Todavia, este pai reconhece a igualdade de capacidade de um homem e de uma mulher para cuidar do desenvolvimento de um filho: *"Pai é a mesma coisa que a mãe. A mãe e o pai*

a mesma coisa. Não vem dizer os filhos gostam mais da mãe que do pai. É a mesma coisa”. E ressalta o seu entendimento dizendo: “Não é só a mãe que tem força, o pai tem força para criar um filho. [...] O pai faz a mesma coisa que uma mulher”. Mas admite que se faz necessária uma revisão referente às concepções sobre a paternidade, inclusive por parte do Direito de Família e dos profissionais responsáveis por aplicá-lo: “Mas o mais importante é dar apoio para os pais. A Lei está mais para a mulher. Tem que dar uma lei para os homens também, para os pais. Pai é a mesma coisa que uma mulher”.

Caso 3: Elias

Elias e Joana por seis anos viveram juntos, e nesse tempo de relacionamento tiveram um casal de gêmeos, João e Berenice, com sete anos, no momento da coleta de dados. Há três anos, devido a relacionamentos extra-conjugais, o casal decidiu romper. Elias foi embora da cidade e Joana permaneceu com os filhos. Quando Elias retornou, Joana havia recasado e, devido ao envolvimento do companheiro de Joana com o tráfico de drogas, a família estava sendo ameaçada. Frente à preocupação com o bem-estar de João e Berenice, a dupla parental acordou que as crianças passariam a residir com o pai. Elias havia solicitado judicialmente a guarda unilateral dos filhos e o processo estava em andamento. Por opção, Elias havia pedido demissão do emprego em uma metalúrgica, para dedicar-se aos filhos. No momento da entrevista, Elias estava desempregado e recebendo seguro desemprego. A família residia em um bairro na periferia da cidade, em situação de vulnerabilidade social, em uma casa simples, construída com madeira.

Funções parentais: um olhar dinâmico aos processos proximais

O dia da família de Elias começava logo cedo, quando o pai acordava para preparar o café e arrumar os filhos para a escola. Pela parte da manhã, João e Berenice, participavam de um projeto da escola, ao meio-dia recebiam almoço, e permaneciam na escola para a aula no turno da tarde.

No tocante aos cuidados físicos, em especial com a alimentação, Elias, ao retratar a paternidade através de uma fotografia em que os filhos, ao final do dia estão lanchando uma torrada com refrigerante, sentados no sofá da sala de casa, referiu que assumiu um compromisso com seus filhos, de prover os cuidados necessários, procurando dar a eles o que não recebeu de

sua família de origem quando criança: *"O compromisso de alimentá-los bem, porque na minha infância, para eu poder comer, eu tinha que sair vender raspadinha e coisa e tal. Eu passava na rua, vendendo raspadinha, morava com meu vô. Mas acho que só em não ter os teus filhos na rua já vale muito, né, e eles ter o que comer"*. Enquanto os filhos estavam na escola, o pai se dedicava às tarefas domésticas: *"Durante o dia, eu fico na casa de uma amiga tomando chimarrão, vou para casa lavar roupa, lavar louça, fazer as coisas de casa que tem que fazer"*. Elias relatava brincar com os filhos principalmente na rua, de pega-pega, enquanto retornam da escola para casa, embora relatasse não ter disponibilidade para brincadeiras com os filhos tanto quanto gostaria:

Lavar roupa, fazer comida para eles, uma brincadeira que outra, até porque como é só eu, não tem muito tempo de ficar brincando. Enquanto eles estão brincando, eu estou lavando roupa, estou fazendo comida. Então, é uma coisa bem típica, assim. Até não tenho muito tempo para ficar brincando.

Ao chegar em casa da escola, João e Berenice já têm uma regra estabelecida, de primeiro tomar banho, lanchar, para, então, realizar os temas de casa. O pai declarou: *"A gente chega em casa, eles tomam café para depois fazer o tema. Pra não fazer tema de barriga vazia"*. A respeito da disciplina, o pai também demonstrou preocupação em desenvolver a independência nas crianças: *"Eu já procuro ensinar eles mesmo a se vestirem, justamente pela questão que a gente nunca sabe o dia de amanhã"*, sendo que *"Por enquanto, ensinei eles a fazer isso. Esse é compromisso deles. A única coisa que eles têm que fazer é se vestirem. De vez em quando, peço para eles arrumarem o quarto deles"*.

"Eles vieram no mundo e mudou a minha vida": a experiência da paternidade

A chegada dos filhos de Elias e Joana não foi algo planejado pelo casal, mas o pai reconheceu que: *"Em filho a gente não tem que mudar algo, a gente tem que construir para eles né, porque no momento em eles nascem tu não pode mais viver pra ti"*. Elias contribuiu com os cuidados das crianças quando eram bebês, em especial por se tratar de um casal de gêmeos, *"Eu, graças a Deus, desde que meus filhos nasceram, sempre ajudei a dar banho neles, sempre que eu podia sempre ajudava a dar banho, até porque eram dois, então tinha que ajudar, né"*.

Elias descreveu o fato de os filhos estarem com ele como um acontecimento que propiciou importantes mudanças no seu comportamento: *"Importante eles estarem comigo, porque no momento em que eu era solteiro, sem as crianças, sem ter o compromisso das*

crianças todos os dias, eu estava mais na rua, bebendo, perdi muito os documentos". Dessa forma, retratou a percepção de que

A responsabilidade aumenta muito. Porque quando tu está sozinho, tu solteiro, tu pega, tu não quer comer, tu come alguma coisa e deu, agora já com as crianças não, tu se obriga, tem que ter as coisas para eles, tem que ter a janta, tem que ter o café. Então, é uma responsabilidade muito grande.

Em um registro fotográfico, Elias capturou o momento em que ele e os filhos estavam retornando da escola para casa, ao final do turno de aula de João e Berenice. Segundo o pai, a escolha dessa fotografia significa *"O compromisso, né, o compromisso de levar e trazer e buscar no colégio e dar seguimento"*, e remete à sua história de vida: *"Porque eu fiquei um bom tempo sem estudar, fui terminar agora a pouco. E isso é uma coisa muito importante, o estudo. Só depois que a gente volta e termina, que a gente se dá conta que a gente precisa estudar sem parar, terminar os estudos"*.

Este pai, por um período esteve afastado do convívio com os filhos, mas no momento afirmou que: *"Agora a minha maior alegria é ter eles junto comigo"*, destacando que: *"Ter o teu filho perto, só em ter eles perto assim, tu tá recebendo o carinho deles, tu tá dando o carinho pra eles, acho que isso é um ponto positivo muito importante"*. Contudo, Elias, reconhece o esforço e a dedicação diária, compartilhando a sua concepção sobre a paternidade: *"É difícil, mas não impossível. Tem momentos que tu pega, 'Bah, estou cansado', mas logo tu olha o sorriso da criança e fala 'Vamos lá. Essa é a luta. Vamos seguir em frente'. É difícil? É, mas não é impossível"*.

Modelos de paternidade

Elias teve uma infância de restrições morando com o seu avô e, desde muito cedo precisou trabalhar para garantir seu sustento, mas garante ter nesta figura o seu modelo de paternidade: *"Meu vô, porque foi ele que me criou até os sete anos, até a minha mãe me levar dele. Eu andava só com ele e eu sabia que, mesmo do jeito dele, ele me amava, e eu amava ele"*.

A relação com seu pai biológico, até hoje, diz respeito a uma incerteza na sua vida: *"Eu não tenho certeza ainda de quem é o meu pai. Eu chamo ele de pai, porque a minha mãe falou que ele é o meu pai"*. Quando Elias estava com 13 anos de idade, e sob a guarda materna, Elias

residiu com a mãe e o seu companheiro, que foi apresentado como pai de Elias. Mas esse contato com as figuras parentais não se estendeu até sua vida adulta.

A paternidade em famílias monoparentais: o pai inserido na cultura do macrossistema

Ao ser questionado sobre o fato de estar cuidado unilateralmente de seus filhos, Elias admitiu nunca ter se imaginado nesta situação familiar: *“Realmente nunca me imaginei cuidando deles sozinho, mas como aconteceu, aceitei”*, sendo saudosista a um modelo de família nuclear: *“Eu fui criado sem o meu pai, eu não queria que os meus filhos crescessem sem a mãe e o pai juntos, mas aconteceu e se é para eu criar, eu que crie”*. Elias entendia o afastamento da mãe do convívio familiar como um aspecto negativo para o desenvolvimento dos filhos: *“A questão deles ficarem longe da mãe, porque isso é uma coisa que afeta eles, eles estavam acostumados com a mãe, por um tempo conviveram com a mãe e o pai, depois a mãe e o outro marido e tudo”*.

Assim, ao expressar a sua percepção sobre famílias monoparentais masculinas, ele indicou acreditar que: *“As pessoas devem pensar o pior, porque não vai ser bem cuidado, não vai ser bem criado, não vai ser bem educado”*, mas faz uma crítica a essa concepção social: *“Eu acho que as pessoas se enganam, julgam pela aparência, julgam a deixar pelo o que os outros dizem”*, e exemplifica o seu entendimento:

Um juiz, tu vai chegar lá na frente, se tu não for um pai que tenha muito dinheiro, tu não ganha a guarda do teu filho. É raro pra ti ganhar a guarda do teu filho. É raro ou só se a mãe deles for presa ou fazer uma coisa muito feia [...] Eu acho que a questão dos juízes começarem a abrir os olhos para a questão dos pais também poderem criar os filhos, sair um pouco do tradicional.

Ele acredita que esse julgamento social acontece devido ao histórico cultural: *“Pela questão do pai já ter a má fama de abandonar a família, né, do pai sair”*. Da mesma forma que: *“Já vem de antigamente e se materializou que a mãe tem que cuidar dos filhos, já vem na cabeça das pessoas, cria um preconceito desde crianças, mãe que cuida, mãe que dá banho, mãe que isso, mãe que aquilo”*.

Tais percepções de Elias são exemplificadas por situações de julgamentos em relação a sua família:

O preconceito da sociedade é muito grande em relação ao pai criar as crianças, principalmente ali onde eu estou morando agora. O pai mora com um menino e uma menina, então, já julga nesse preconceito de que podem inventar que estou fazendo alguma coisa com a guria. Então, o preconceito da sociedade é complicado.

E devido a isso o pai precisou tomar algumas precauções no que diz respeito a higiene da filha menina: *“Quando eles vieram morar comigo, até para não pegar mal, sempre tem alguém para pensar coisa errada, independente da gente ser pai ou não, então, procurei ir tirando dela de eu dar banho, justamente para não ter questão de falatório”*.

Nesse sentido, Elias entende ser mais fácil para o homem cuidar de um menino: *“Um menino para um homem eu acho que deve ser mais fácil, tu ensinar porque tu já sabe o certo, ensinar o que tem que fazer na hora do banho”*. Enquanto a menina: *“A menina tu tem que aprender um pouco mais. Pra nós homens é mais difícil, porque como é que vou dizer para minha filha lava lá, as partes íntimas, como que eu vou dizer como que ela tem que lavar”*.

Todavia, Elias reconhece que dificuldades existem tanto para os pais quanto para as mães: *“Dificuldades até as mães têm, e difícil é para todo mundo e até mesmo quando estão juntos”*. Mas destaca a relevância do reconhecimento social da capacidade paterna de criar filhos: *“Enxergar mais o lado dos pais. Deveria ser mais aberto com essa questão, porque é injusto. Se uma mãe pode ser mãe solteira, porque um pai não pode ser pai solteiro?”*, da mesma forma que suas amigas valorizam a sua dedicação à paternidade: *“Minhas amigas falam que eu sou um pai excelente, porque é difícil um pai que faça tudo isso”*. Reconhecendo que o exercício da paternidade é uma constante aprendizagem *“Querendo ou não, um pai querer criar um filho sozinho é um aprendizado, porque tu aprende um monte de coisa”*

Caso 4: Marcelo

Marcelo e Valéria namoraram por quatro anos e não chegaram a morar juntos. Deste relacionamento nasceu Jonas, com 7 anos no momento do contato da pesquisadora com o pai. Quando Jonas estava com um ano e sete meses de idade, a sua mãe faleceu. Desde então, Marcelo assumiu sozinho os cuidados integrais do filho. No mesmo ano, a mãe de Marcelo também faleceu. No momento da coleta de dados, a família da mãe de Jonas morava em outro estado e visitava o menino duas vezes por ano, durante o período de férias escolares. Marcelo trabalhava como agente penitenciário e estava cursando uma Pós-Graduação. Pai e filho residiam em um apartamento na área central da cidade e tinham uma vida socialmente ativa.

Funções parentais: um olhar dinâmico aos processos proximais

Marcelo trabalhava seis dias por mês, durante 24 horas, ou seja, nestes dias permanecia durante um dia inteiro longe de casa. Nessas situações, a família se organizava da seguinte

forma: *“No dia que eu estou trabalhando, eu largo ele mais cedo, 7h30 na escola, e eu pego ele no outro dia na casa da babá que cuida dele”*. Uma amiga da família, mãe de uma colega de Jonas, buscava o menino na escola e o levava até a casa da babá, onde ele ficava até o dia seguinte, quando o pai ia busca-lo. Nos demais dias do mês, o pai relatou estar em casa e atender sozinho às demandas do filho e da casa: *“Nos outros dias eu estou todos os dias em casa, mas sempre tem alguma função do mestrado, uma ou outra atividade. Mas eu passo muito tempo com ele”*. A babá se faz presente, exclusivamente, nos dias de trabalho do pai.

O relato da rotina da família de Marcelo foi exemplificado a seguir a partir da dimensão dos cuidados físicos: *“A gente acorda, toma café, ele toma mama, olha desenho. Eu faço as coisas de casa, a gente faz alguma atividade, brinca um pouco, isso vai até quase meio dia. Depois, busco a comida, porque a gente come de vianda”*. Em seguida Marcelo deixava seu filho na escola, e ocupava o turno da tarde para se dedicar às atividades da sua vida pessoal, como mestrado, afazeres do trabalho e prática de esportes. Ao chegar da escola, o pai regrou que Jonas deveria tomar banho, fazer um lanche para realizar as atividades da escola. À noite Marcelo era o responsável pela janta: *“Aí por volta de 21h, 21h30 nós jantamos, sentamos na mesa. Eu tenho o hábito de dar comida pra ele. Geralmente eu faço só um lanche. (...) e sempre 22h, 22h30, nós vamos deitar. Aí ele vai deitar, eu faço massagem, conto uma história, converso alguma coisa”*.

A respeito do estabelecimento de uma disciplina, no dia a dia, Marcelo costumava fazer negociações com o filho, como por exemplo, a solicitação de que o menino apresentasse bom comportamento na escola para ganhar um brinquedo: *“Ele sabe que coisas boas geram coisas boas, e coisas ruins geram coisas ruins. Vejo isso pelo lado bom, é a formação de caráter. Ele sabe que está fazendo coisas certas, que está tendo resultado ao longo da vida dele”*.

Com relação às obrigações sociais a respeito do filho e à escola, Marcelo declarou que: *“As atividades da escola, todas tento cumprir à risca. Atividades que propõe para eu e ele fazer, ou na escola, sempre faço. Rifas vendo todas sempre. Alguma atividade que tenha com a turma, viagem, passeio. Sempre estou presente nas coisas”*, e afirmou que com frequência marcava horário com a escola, a fim de conversar sobre o desenvolvimento do filho.

“Eles vieram no mundo e mudou a minha vida”: a experiência da paternidade

Apesar da chegada inesperada de Jonas na vida do casal, Marcelo relatou ter renascido com o nascimento do filho: *“Depois que o Jonas nasceu, eu nasci de novo. Minha vida mudou, eu amadureci, eu acho. Depois que o Jonas veio, olha, eu acho que tive responsabilidade, tem*

uma outra pessoa que depende de ti".

Frente ao pedido de expressar o que é ser pai, Marcelo relatou se tratar de algo que: *"Não tem explicação, é um sentimento que não tem explicação, eu nunca tinha sentido isso na minha vida, eu amo ele incondicionalmente, eu faria tudo pelo meu filho".* Ao ponto que: *"Eu vivo a vida dele, eu vivo mais na dele do que na minha própria vida, mas é isso que me deixa feliz".* Dessa forma, compartilhava com o filho os sentimentos e emoções experienciados cotidianamente, conforme explicitado: *"Se ele está feliz, eu estou feliz. O que importa na minha vida é ele. Ele é tudo para mim. Olha, pode saber que se eu estou estressado é porque ele não está bem. Se ele está bem, eu estou bem!"*

O falecimento de Valéria foi um marco muito significativo na vida da família, em especial, na de Marcelo. Naquele momento de vida, Marcelo estudava e trabalhava e, descreveu que:

Primeiro mês, por mais que eu já fizesse tudo sozinho, eu me vi assim, um zumbi. Eu tinha que trabalhar, tinha que estudar, e a faculdade era integral naquela época, mais o Jonas, mais tudo o que tinha por trás. E era uma experiência nova, né, de eu ter que fazer tudo sozinho. Eu nunca tinha passado por isso, porque eu sempre fui independente, só eu fazer minhas coisas e pronto. Aí, quando tu precisa fazer tudo para uma pessoa que depende de ti, não é fácil.

Marcelo definia aquele momento como: *"Um período adaptativo, que ensina muito, a gente evolui muito com essas coisas. Não vou te dizer um momento ruim, mas com essas coisas que vem de adversidades na vida da gente, eu acho que aprendi bastante com isso".*

De modo reflexivo, Marcelo expôs que, por vezes se sentia sozinho, devido à inexistência de uma rede de apoio familiar: *"É ruim ser sozinho. É tão bom a gente ter alguém com quem possa contar, principalmente da família"*, mas tem no filho a sua fonte de "energia": *"Eu fico triste, com certeza, mas no dia a dia eu não consigo ficar, quando ele (Jonas) está junto comigo ele não me dá tempo pra isso. (...) São coisas da vida, que a gente tem que conseguir superar e lidar, mas está aí a minha fonte de energia, tem que ser".*

Modelos de paternidade

Marcelo afirmou não ter estabelecido uma relação próxima com o seu pai, pois *"Meu pai foi embora quando eu tinha cinco anos, e eu não tenho muito contato com ele. Ele mora em outra cidade, me dou bem com ele, mas não é aquele vínculo paterno"* e complementou dizendo

“Converso com ele de vez em quando, mas é mais um amigo, um conhecido, do que um pai”.

Ao refletir sobre suas referências de pai, ele declarou que:

Minha mãe foi pai e mãe, assim como eu sou para o Jonas, pai e mãe. Ela por um motivo e eu por outro. Minha mãe criou quatro filhos, eu e mais três irmãos. Quando nós eramos pequenos, nós passamos muita dificuldade financeira, e daí as vezes eu penso, eu vivo muito bem hoje em dia, sabe, imagina pra minha mãe o que era ter quatro filhos sozinha e ela não tinha emprego fixo.

No exercício da paternidade, Marcelo se espelha em experiências de paternidade de outras pessoas, principalmente seus amigos e colegas de trabalho.

A gente sempre pega as experiências, eu sou uma pessoa que eu escuto muito as outras pessoas falarem. A maioria dos meus colegas são pais, aí conversando no dia-a-dia eu fiz tal coisa com o meu filho, daí tu vê uma referência boa, tu tenta olhar e ver as coisas boas. Têm uns colegas lá que eu admiro pela vivência, como eles lidam, e as vezes eu pego uma experiência boa de um pai que faz uma coisa, e eu passo a adequar a minha vida. As vezes dá certo, as vezes não dá. A gente tenta se adequar à vida.

A paternidade em famílias monoparentais: o pai inserido na cultura do macrossistema

Marcelo considerava a mãe de Jonas, já falecida, de maneira positiva, como uma boa mãe, muito carinhosa e atenciosa com seu filho, e acreditava que o filho se desenvolveria melhor se tivesse a mãe e o pai presentes: *“Criança que é criada pelo pai e pela mãe se desenvolve melhor, a parte afetiva, a parte carinhosa”*, uma vez que *“Ela ia amar ele da forma dela, né, mãe”*. Nesse sentido, no dia-a-dia como pai, Marcelo percebia dificuldades em relação à educação de Jonas devido ao fato de que: *“Como é só eu e ele, eu pego e vou lá e ponho de castigo, mas daqui a pouco tem que ir lá eu tirar ele do castigo. Não tem o pai e a mãe, onde uma é mais autoritário”*. E considera essa relação como algo ruim, pois *“Eu vou lá e faço carinho, daí daqui a pouco eu tenho que ir lá brigar com ele de novo”*. Mas, valoriza os pais e mãe que assumem a tarefa de criar sozinhos os seus filhos:

Não é fácil, valorizo assim, uma pessoa que cria o filho sozinho, não só pai, porque as mães também criam sozinhas, mas não é tão comum o pai, geralmente é uma mulher. A gente passa por bastante dificuldade criando o filho sozinho. Não é fácil, é bem difícil.

A família de Marcelo era acolhida socialmente, recebendo apoio das pessoas com quem o pai compartilhava a sua história: *“Eu acho que as pessoas acham legal, todo mundo que*

conto a minha história, conto como foi com o Jonas, todo mundo gosta, todo mundo me trata bem [...] Ficam surpresos primeiramente, quando vêem como que é, acham muito legal". E relata o reconhecimento de seus colegas de trabalho: *"Meus colegas lá sempre falam, 'Te admiro muito. Não é fácil. Eu lá com a mãe dele, tendo voz e é difícil'"*.

Contudo, Marcelo entende que não são todos os homens que assumem a responsabilidade da paternidade: *"Não é todo pai, todo homem que assume, deixa pra vó, deixa pra outra pessoa, é o que normalmente acontece"*, e buscou explicações para isso: *"Não sei se isso é um pouco cultural, se isso é um pouco instintivo, tem um pouco de cada coisa e até por parte de criação"*, e reflete que:

Ainda tem muito essa cultura de que é só a mulher, e de certa forma ainda é, e é uma cultura que já vem de muito tempo, até por questão histórica né, que as mulheres sempre ficavam em casa pra cuidar dos filhos. Mas isso tem mudado bastante. Antigamente, era difícil tu ver pais, mas hoje em dia já tem bem mais. Na escola tem, são poucos, mas tem mais do que era antes. Essas tarefas de casa, de criança era tudo com a mulher, hoje em dia tem um cenário bem diferente. Eu sou um exemplo, tem outros vários.

Discussão

Ao analisar, o relato dos quatro pais que participaram do estudo, se percebe que eles apresentavam-se distantes da paternidade tradicional, culturalmente instituída. Os homens estudados demonstraram a disponibilidade de se comprometerem emocionalmente com a paternidade e com cotidiano dos filhos, subvertendo o que tradicionalmente se tem considerado sobre a vivência da paternidade (Silva & Piccinini, 2007; Staudt & Wagner, 2008). Neste sentido, através do engajamento com a paternidade, numa base regular em períodos longos de tempo, os pais desempenham importante função nos processos que envolvem a interação direta face a face com os filhos – os processos proximais (Bronfenbrenner, 2005).

Os pais dedicavam-se às atividades domésticas de limpeza da casa, lavagem de roupas e preparação dos alimentos, como no caso de Pedro, que declarou fazer pão em casa, para garantir o café da manhã dos filhos. Além dos cuidados físicos, como dar banho e relativos à saúde, como levar ao médico; estes preocupavam-se em passar para as crianças valores, regras e limites, e garantir o desenvolvimento pessoal e social dos filhos, Também, demonstraram compreender como parte de sua função paterna a participação ativa na educação e na vida escolar dos filhos, através do acompanhamento das atividades escolares. A tal ponto que, esse novo comportamento paterno incorporado, fazia parte da identidade e do cotidiano dos homens

estudados.

Cabe ressaltar que os cuidados físicos dos filhos e os serviços domésticos são percebidos socialmente como uma habilidade natural feminina (Bornholdt, Wagner & Staudt, 2007, Badinter, 1985). Isso está associado à compreensão tradicional acerca das diferenças de gêneros presentes na cultura. Conforme Bustamente e Trad (2005) e Perucchi e Beirão (2007), a naturalização da função da mulher enquanto cuidadora relaciona-se a uma construção histórica dos papéis sociais e da estrutura familiar. No entanto, de acordo com alguns autores, em especial nas famílias monoparentais masculinas, a participação dos homens não se restringe a poucas atividades superficiais no cuidado com os filhos, mas sim se ocupam efetivamente de cuidados básicos e da educação moral e afetiva dos filhos, bem como dos afazeres domésticos (Silva & Piccinini, 2007; Sutter & Buccher-Maluschke, 2008; Gomes & Resende, 2004; Greif, 1985). No mais, quando a mãe deixa em aberto o espaço que ocupava, esses pais são impulsionados a assumirem um leque mais amplo de atividades parentais do que desempenhariam se o cônjuge estivesse presente (Brown, 2000; Grzybowski & Wagner, 2010).

Nessa circunstância, na dinâmica das famílias centradas na figura do pai, em especial na família de César e Pedro, os filhos procuravam ajudar os pais em situações do cotidiano familiar, o que lhes atribui uma caracterização de famílias solidárias. Souza (2008) destaca que essa colaboração pode reduzir o acúmulo de tarefas para o pai e, por conseguinte, oportunizar um ambiente colaborativo na família. Conforme Greif (1985), a literatura tem identificado que as crianças de famílias monoparentais assumem mais responsabilidade do que nas famílias biparentais, sendo que, quanto mais velha a criança, é mais provável que ela ajude em casa. Os irmãos mais velhos podem também ser fonte de ajuda na criação dos filhos e contribuir com atividades cotidianas no contexto das famílias monoparentais (Koulouglioti, Cole, & Moskow, 2011).

Nos casos dois e três, a condição de vulnerabilidade, presente no cotidiano das famílias, determinada pela situação de pobreza, demonstra o potencial desta realidade em interferir no desenvolvimento de seus membros. Por exemplo, a garantia da nutrição dos filhos constitui-se um motivo de preocupação constante, uma vez que os pais não tinham emprego estável. A condição de instabilidade financeira tornava a garantia de sustento uma tarefa diária e sem possibilidade de planejamento a longo prazo. As condições físicas das casas, retratadas nas fotografias, em condições precárias, pequenas e desconfortáveis, podiam afetar a qualidade dos processos proximais estabelecidos entre os seus membros. Neste sentido, a disponibilidade dos pais para se sentirem responsivos às necessidades emocionais de seus filhos, também pode ser perturbada pelo seu nível de estresse decorrente das dificuldades existentes no ambiente

(Ribeiro, Silva & Cezar-Vaz, 2011).

Quanto à experiência da paternidade, conforme Sutter e Bucher-Malushke (2008), a disposição emocional para envolver-se com a paternidade apresenta-se como o motor da participação mais presente na vida dos filhos. Ao analisar tal relação afetiva, estudos na área sinalizam a importância do estabelecimento precoce do vínculo pai-bebês para o desenvolvimento ulterior dos laços afetivos entre pai e filho(s). Deste modo, a proximidade do pai contribui para o desenvolvimento e bem-estar dos filhos e para a promoção do desenvolvimento psicossocial do próprio pai (Krob, Piccinini & Silva, 2009). Sendo assim, o contato desde o início da vida da criança pode facilitar o desenvolvimento do laço entre ambos (Ramires, 1997).

Nos casos estudados, o exercício da paternidade mostrou-se associada ao desejo dos pais em assumir tal função. Ainda que alguns pais não tenham mencionado explicitamente o desejo de ter um filho, de modo geral, o nascimento das crianças trouxe uma grande satisfação, associada ao discernimento de maior propósito em suas vidas e uma sensação de amadurecimento. A este respeito, Krob, Piccinini e Silva (2009) indicaram que a fase de transição do ciclo de vida dos homens caracterizada pelo nascimento do filho constituiu-se circunscrita por mudanças, com transformações e aquisição de respostas (comportamentais, cognitivas e emocionais) que habitualmente não integravam o repertório dos pais, originando novos padrões de vida.

Em especial, no discurso de Pedro e Elias, o sentimento de responsabilidade sobre a criança repercutiu em uma mudança de comportamento, inclusive, abandonando alguns hábitos negativos (como o consumo de álcool). Os pais referiram perceber-se e sentir-se de forma diferentes, traduzindo a paternidade em uma experiência social significativa. Borisenko (2007) também observou que, o nascimento de uma criança está associado a uma maior satisfação com a vida, mais autocontrole e maior inclinação a respeitar as normas sociais e regras de comportamento. De acordo com Freitas et. al. (2007), para o homem a paternidade pode sinalizar a constituição de uma identidade adulta e o início de uma nova etapa de vida, com novas experiências e compromissos sociais.

Ao remontar o processo que culminou na monoparentalidade, também como uma etapa de transição do ciclo evolutivo individual e familiar, os pais, cada um ao seu tempo, confirmaram, novamente, a vontade e o desejo de estarem próximos aos filhos e desempenharem a paternidade (Brown, 2000). Os pais entrevistados, cada um na singularidade de sua história, frente à situação de divórcio ou viuvez, expressaram de algum modo que

gostariam de ficar com seus filhos. Assim, estava explícito o desejo de ter a guarda dos filhos, a sensação de completude ao ter os filhos consigo e o desejo de garantir a proteção e melhor qualidade de vida aos filhos. Os pais perceberam estar mais atentos aos cuidados dos filhos do que as mães, sendo esse um dos fatores que favoreceu a escolha da custódia paterna. Assim, conforme Ried 2011, ao assumirem sozinhos a responsabilidade parental, se sentem potencializados e ascendem a uma posição de maior valor, de superação dos padrões atribuídos aos homens.

No que diz respeito à relação afetiva enunciada, os homens demonstraram viver a experiência de ser pai alcançando aspectos de ordem emocional da relação pai-filho, expressando sentimentos de apego para com os filhos, como se estes fossem parte de si mesmo. Todavia, em alguns momentos reconheceram a sobrecarga de tarefas. Ao assumirem, de modo unilateral, os cuidados com os filhos e com o lar, os pais participavam de forma dedicada, de várias atividades das crianças, como lazer, tempo livre e participação nas atividades escolares, bem como somava-se o sustento financeiro e os compromissos como estudantes, no caso de César e Marcelo. Por isso, entendeu-se que o conceito de paternidade, cujas características incluem as responsabilidades ligadas aos filhos e ao lar, fez emergir a ideia de um “pai herói”, conforme as palavras do participante César.

César e Pedro relataram não perceber mudanças significativas após a separação conjugal, quando ambos passaram a ter a guarda dos filhos, evidenciando apenas uma participação mais intensa na vida dos filhos, com as demandas que já respondiam anteriormente. Já Elias e Marcelo, declaram a constituição de uma família monoparental como um modelo alternativo de relações familiares, diante da impossibilidade de realização de um modelo nuclear, considerado por eles como ideal: mãe, pai e criança. Elias, experimentou dois momentos da paternidade, além da fase em que era casado: primeiro, logo após a separação, quando ocorreu o afastamento dos filhos, em vista da guarda unilateral materna, e outro, vivido com a troca de guarda e a volta à convivência intensa com os filhos gêmeos. Enquanto Marcelo, que vivenciou a morte da companheira, pareceu sofrer mais com o impacto de não contar com presença da mãe no núcleo familiar e por reconhecer peculiaridades no papel materno que favoreceriam o desenvolvimento do filho. Contudo, enfrentou as adversidades não como um sacrifício, mas sim como um aprendizado, com base na proteção, na confiança e, principalmente, no amor paternal.

Nesse contexto, a análise do elemento tempo mostra-se fundamental ao se considerar as mudanças que ocorrem no homem-pai, bem como em relação com ambiente e à relação dinâmica entre esses dois processos. Afinal, eventos históricos podem alterar o

desenvolvimento humano, ao passo que o curso de vida é estruturado e fortemente influenciado pelas condições e eventos históricos (Bronfenbrenner & Morris, 1998). Pode-se destacar como importantes influências no desenvolvimento da paternidade dos pais estudados, as transições biológicas e sociais relacionadas ao nascimento dos filhos (transição normativa), e o divórcio e a morte da companheira (transição não-normativa).

Outro aspecto que perpassa o elemento tempo e também a paternidade diz respeito à reflexão acerca dos modelos paternos, ao passo que pode ser experienciado pelo homem como um momento de reavaliação dos valores e da criação recebida pelos seus próprios pais, bem como de revisão da sua própria infância e adolescência (Gomes & Resende, 2004; Kindlon & Thompson, 2000). Assim, um pai pode exercer sua função a partir do modelo de paternidade que teve na infância, quando este pode ser seguido e reproduzido a partir de vivências positivas (Gabriel & Dias, 2011; Gomes & Resende, 2004). Ademais, o ressentimento de homens adultos da falta de um pai mais próximo na infância pressupõe a necessidade de uma outra referência paterna, mais correspondente a um modelo afetivo de masculinidade (Kindlon & Thompson, 2000).

Em todos os casos estudados, o vínculo dos pais com seus próprios pais foi caracterizado pela fragilidade, pelo distanciamento e pela negatividade, o que levou a que desconsiderassem essa figura como referência de como ser pai. O participante César parece não desejar seguir o modelo de paternidade que vivenciou. Já Pedro e Elias, sofreram na infância com a ausência do pai, e apoiaram-se na figura dos avós. Frequentemente, têm-se evidenciado situações em que os avós se tornam cuidadores integrais e até legais dos netos (Lopes, Neri & Park, 2005). Elias, tomando como modelo o abandono do pai biológico, parecia incluir na necessidade paterna atual o desejo de superar as dificuldades que permearam parte da sua infância. No caso de Marcelo, observou-se o relato de um modelo de pai ausente, que, após o divórcio não participou da vida dos filhos. Assim, o modelo tradicional de paternidade estava associado ao distanciamento afetivo. Como alternativa, Marcelo desenvolveu sua paternidade na companhia de pessoas que se tornaram referências ao longo da sua vida.

A influência dos contextos, em que as famílias estavam inseridas, nas interações familiares pode ser visualizada a partir do impacto das manifestações de competência ou disfunção no desenvolvimento da paternidade em relação a ambientes favoráveis ou desfavoráveis. Enquanto as famílias de César e Marcelo, mais favorecidas economicamente, foram retratadas pelos pais como recebendo um retorno social de reconhecimento e legitimidade em relação ao exercício unilateral da paternidade, as famílias de Pedro e Elias

foram percebidas por eles como sofrendo com situações discriminatórias.

Com isso, torna-se importante ressaltar que, as famílias de camadas mais populares, tendem se organizam de modo mais próximo a uma caracterização tradicional da família, em que as mulheres se responsabilizam pelos cuidados diretos com a criança, enquanto o homem é o provedor financeiro (Marion, Ferreira, & Pereira, 2015), isso devido a um contexto socioeconômico que ainda influencia na forma como os papéis de gênero se apresentam. No entanto, os resultados também reforçam a noção de que o vínculo pai-filhos e seu envolvimento em seus cuidados acontece independentemente da classe econômica. Assim como no estudo de Gomes e Alvarenga (2016), pais de diferentes níveis socioeconômicos fizeram relatos muitos semelhantes em relação às dimensões que caracterizavam a participação paterna no cuidado com os filhos.

Outrossim, no entendimento da Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano, o valor que a cultura do macrossistema dá ao fato da mulher assumir os cuidados com a educação e a higiene dos filhos, influencia a forma como o próprio fenômeno acontece no microsistema. Como no caso de Pedro, que ao participar de momentos de reunião escolar, os descrevia com certo estranhamento, por participar de ambientes majoritariamente feminino. Ou então, quando, por necessidade, os pais, como no caso da família de Elias, precisam realizar cuidados rotulados como “negócio de mulher”, como dar banho, se consideram e são considerados pela comunidade em que vivem, como estando fora do lugar. Mesmo o pai expressando as melhores intenções, o estigma atribuído ao gênero permanece. Embora não explicitado, havia a questão da sexualidade como um risco velado que o masculino oferece quando não há presença da figura feminina. Parecia haver um julgamento, equivocado, que o corpo da menina, considerado delicado e vulnerável, só deve ser tocado pela mãe ou alguma outra mulher (Bustamante, 2005), já que esta faz melhor, como parte de seus instintos e porque desde cedo estaria sendo preparada para isso.

O gênero da criança envolve diferenças importantes nos modos de cuidado. A menina necessita de mais cuidados corporais que o menino, na higiene e na arrumação (Bustamante & Trad, 2005). Além disso, para Paquette e Dumont (2013), há um maior envolvimento paterno com os filhos, em relação às filhas, principalmente em momentos de brincadeiras. O que pode indicar que os pais tendem a propiciar maior abertura ao mundo aos meninos. Isso coincide com a expectativa dos pais participantes de que as mulheres têm maior proximidade com a menina, e que o homem tenha maior participação em alguns aspectos da vida do menino. Assim, os pais retrataram maior tranquilidade em relação ao filho homem, em comparação com a preocupação que acarreta uma menina.

No entanto, nas ações que acreditam condizer ao feminino, ao reproduzir uma compreensão construída socialmente, buscam superar as premissas e estar atentos às questões de feminilidade, como arrumar o cabelo, como no caso dos pais que tem filhas. Nesse sentido, César relatou não se perceber como a pessoa mais adequada para conversar com as filhas sobre sexualidade, apesar de identificar essa necessidade. Neste caso buscou apoio na namorada, assim como poderia ser a avó ou a tia, enfim, figuras femininas que contribuem com a atuação pai, e que também poderiam ser requisitadas em outras configurações familiares. Bustamante e Trad (2005) compartilham o entendimento de que, os homens podem ter dificuldades nesse tipo de realização, uma vez que, em alguns casos, ainda se consideram como meros coadjuvantes das mulheres, por acreditarem que a mãe faz melhor que eles, já que culturalmente elas teriam sido mais preparadas para desenvolver essa função. Em virtude disso, os homens ainda não estão seguros neste novo lugar paterno no universo doméstico e em relação ao papel de cuidadores. Todavia, a experiência de ter filhos, criar e educá-los, pode sim ser vivida por homens e mulheres, sendo necessário, para isso, que estejam dispostos psicologicamente para viver a parentalidade. Afinal, ser pai e ser mãe, é uma experiência que ultrapassa as barreiras do biológico e adquire uma condição de experiência psicológica, social, que pode ou não suceder, independente do fato biológico da fecundação, da gestação e do dar à luz e amamentar (Ramires, 1997). Contudo, não se deve desconsiderar a importância da rede de apoio a estes homens para o exercício da paternidade.

Salienta-se, o valor da relação sujeito-contexto, vista não apenas como um movimento de adaptação do indivíduo ao que é (im)posto pelo ambiente, mas também através da capacidade deste de tornar-se influente no seu meio social, com caráter atuante no seu próprio desenvolvimento, sendo, simultaneamente, produto e produtor de desenvolvimento (Benetti, et. al., 2013). Posto que, como indicado pelos pais do estudo, ao assumir os filhos sozinhos, com a responsabilidade de criá-los e acompanhá-los, além de enfrentar o desafio de romper com os paradigmas tradicionais, precisam assumir a responsabilidade de servir como exemplos para os que ainda não perceberam a mudança. Evidenciando, segundo a concepção de Souza e Benetti (2009), que esses novos modelos de pai, possam ser considerados tão capazes quanto as mães, para o desenvolvimento da prole. Inclui-se o âmbito do Direito de Família, em que concepções tradicionais arraigadas no imaginário social referente ao desempenho dos papéis parentais perpassam a atuação de profissionais do direito. Assim, faz-se necessário um demasiado “convencimento” de que o pai, promissor e presente, seja reconhecido e inseridos nos acordos que envolvem relações parentais (Arpini, Cúnico & Alves, 2016). Pedro e Elias relataram-se

temerosos ao se deparar com o sistema judiciário, no tocante à busca pela guarda dos filhos. Perceberam que o “padrão” é a guarda ser concedida a mãe, o que os deixava resistente em buscar a formalização do pedido de guarda. Afinal, a paternidade é uma experiência humana implicada com propósitos sociais e institucionais que a legitima, embora o pai precise travar um embate com o judiciário e com a sociedade para validar o seu direito de expressar a paternidade (Ried, 2011).

Ao retomar as características retratadas no modelo PPCT (Bronfenbrenner & Morris, 1998), percebe-se o quanto o contexto sociocultural e econômico em que a família vive, repercute na forma como se constitui os laços parentais, já que, entende-se que as relações familiares são balizadas pelas normas instituídas no social, e que estão, reciprocamente, conectadas com a constituição do sujeito (Bustamente, 2005; Ried, 2011). Bronfenbrenner (1996) salienta que as influências externas à família também são fatores importantes para o desenvolvimento familiar. Sendo o desenvolvimento da paternidade dependente dos sistemas na esfera social, econômica, política e do status do homem dentro da sociedade (Borinseko, 2007). No mais, os pais estudados apresentaram propósitos comportamentais que os moveram em direção aos processos proximais. Apesar de, por vezes, serem desencorajados socialmente, apresentam disposição, ou seja, a capacidade de engajar-se e persistir em atividades de progressiva complexidade em relação os filhos, ultrapassando as barreiras impostas pela carência de motivação. Pois, como se pode observar, não falta a nenhum desses homens nenhuma capacidade, aptidão, disposição para participar dessas tarefas ou exercê-las com competência.

Considerações Finais

Ao focalizar a monoparentalidade masculina, entrou em discussão a organização do cotidiano, bem como as potencialidades e situações desafiadoras com as quais as famílias se deparam, de modo a promover a visibilidade dos arranjos monoparentais masculinos. Entre os pais estudados, o exercício da paternidade se intensificou após a definição, seja ela formal ou informal, da guarda paterna dos filhos, quando estes passaram a exercer a paternidade com menor ou nenhuma participação da mãe. Momento esse, em que se mostraram estimulados a refletir sobre a melhor forma de participar significativamente do desenvolvimento dos filhos. Desejar ser pai e, ainda mais, desejar cumprir as responsabilidades da paternidade mostrou-se imprescindível. Já que, pensar a paternidade é muito mais do que pensar apenas a criação biológica de um filho, e envolve mudanças comportamentais, econômicas e sociais decorrentes

desse compromisso social.

Para os homens, pareceu importante considerar o tom afetivo com que exerciam as tarefas parentais, voltadas a priorizar as necessidades dos filhos, desvinculando-se do modelo tradicional de paternidade. Evidenciou-se que não há um modelo único e padronizado de paternidade, assim como não há uma forma de ser pai sem sofrer influência de relações sociais desde menino, das figuras parentais e de familiares. Afinal, o pai constitui-se como tal a partir de exemplos que busca em seus próprios pais, sejam estas referências positivas ou negativas, bem como em possíveis imagens de outros pais, que considera coerente com os seus princípios.

No dia-a-dia e na convivência social dessas famílias existem muitas resistências a serem superadas. Dentre as situações que se evidenciaram, principalmente em contextos de maior vulnerabilidade social, os pais se deparavam com um monitoramento mais rigoroso. Rigor este que questionava, muitas vezes, as intenções destes pais, o que despertava os estigmas que incidiam sobre o homem, como aquele que pode ser uma ameaça se fizer uso da violência ou como aquele que pode deixar os cuidados a desejar. Ou seja, as percepções relacionadas aos pais são fortemente influenciadas pelo conjunto de crenças, valores e ideologias que compõem o contexto de desenvolvimento destas famílias.

Contudo, independente da configuração familiar, pais e mães, podem assumir e assumem, em diferentes contextos, os mesmos fazeres e funções, muito embora a figura do pai ainda precise conquistar seu espaço de legitimidade na sociedade quando assume a posição de cuidador. Nesse sentido, ao buscar-se uma compreensão acerca das famílias monoparentais, almeja-se contribuir para com aqueles que requerem maior visibilidade, reconhecimento e respeito. Afinal as famílias monoparentais deste estudo relataram ser possível construir um convívio familiar entre pais e filhos com qualidade.

Faz-se a ressalva que, por uma questão de limitação metodológica, o aspecto temporal, proposto pela ABDH, foi acessado de um modo retrospectivo, ou seja, a partir do relato de experiências passadas. Buscou-se com isso, uma análise que ultrapassasse o instante imediato da paternidade, e que abarcasse um maior espectro anterior ao momento da análise. Desse modo, um estudo de caráter longitudinal poderia acrescentar significativamente as discussões aqui apresentadas, já que incluiria uma visão ampla e contínua sobre o processo da paternidade. A partir desse delineamento, o fenômeno também poderia ser investigado do ponto de vista de outros sujeitos envolvidos, pois o processo proximal é bidirecional, e, assim o sendo, as relações interpessoais são recíprocas.

Diante do entendimento de que, em qualquer sociedade, diferenças entre os indivíduos

podem ser observadas a partir do lugar que ocupam na hierarquia social, outra possibilidade de novos estudos seria melhor compreender o impacto desse fator sobre a paternidade. Reconhece-se que tais diferenças se associam à práticas direcionadas ao incentivo ou não da participação do pai no desenvolvimento infantil, em diferentes estratos da população. Estudos sobre esses aspectos e sua associação com outros fenômenos sociais, constitui uma área de grande importância para pesquisa.

Referências

- Arpini, D. M., Cúnico, S. D., & Alves, A. P. (2016). Paternidade: O ponto de vista de profissionais que atuam em varas de família. *Pensando Famílias*, 20(1), 29-42.
- Badinter, E. (1985). *Um amor conquistado: o mito do amor materno*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Badinter, E. (1993). *XY: Sobre a identidade masculina* (M.I.D. Estrada, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Ed. 70.
- Benetti, I. C., Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., & Schneider, D. R. (2013). Fundamentos da teoria bioecológica de Urie Bronfenbrenner. *Pensando Família*, 9(1), 89-99.
- Borisenko, J. (2007). Fatherhood as a Personality Development Factor in Men. *The Spanish Journal of Psychology*, 10(1), 82-90.
- Bossardi, C. N., Vieira, M. L. (2015) Ser mãe e ser pai: integração de fatores biológicos e culturais. In: E. R. Goetz, M. L. Vieira, (Orgs). *Novo pai: percursos, desafios e possibilidades* (pp 15-30). Curitiba: Juruá.
- Botton, A., Cúnico, S. D., Barcinski, M., & Strey, M. N. (2015). Os Papéis Parentais nas Famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. *Pensando Famílias*, 19(2), 43-56.
- Bornholdt, E. A., Wagner, A., & Staudt, A. C. P. (2007). A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. *Psicologia Clínica*, 19(1), 75-92.
- Brown, B. V. (2000). The Single-Father Family. *Marriage & Family Review*. 29(2-2), 203-220.
- Bronfenbrenner, U. (1996) *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U. & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In: W. Damon, (Orgs). *Handbook of child psychology* (pp. 993-1028). New York, NY: John Wiley & Sons.
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: bioecological perspectives on human development*. California: Sage Publications.
- Bueno, R. K., Bossardi, C. N., & Vieira, M. L. (2015). Papel do pai no contexto contemporâneo. In: E. R. Goetz, M. L. Vieira, (Orgs). *Novo pai: percursos, desafios e possibilidades* (pp 109-124). Curitiba: Juruá.

- Bustamante, V. (2005). Ser pai no subúrbio ferroviário de Salvador: um estudo de caso com homens de camadas populares. *Psicologia em Estudo*, 10(3), 393-402.
- Bustamante, V., & Trad. L. A. B. (2005). Participação paterno no cuidado de crianças pequenas: um estudo etnográfico com famílias de camadas populares. *Cad. Saúde Pública*, 21(6), 1865-1874.
- Dumont, C., & Paquette, D. (2012). What about the child's tie to the father? A new insight into fathering, father-child attachment, children's socio-emotional development and the activation relationship. *Early Child Development and Care*, 183, 1-17.
- Freitas, W. de M. F., Coelho, E. da A. C., & Silva, A. T. M. C. da. (2007). Sentir-se pai: A vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cadernos Saúde Pública*, 23(1), 137-145.
- Gabriel, M. R., & Dias, A. C. G. (2011). Percepção sobre a paternidade: Descrevendo a si mesmo e o próprio pai como pai. *Estudos de Psicologia*, 16(3), 253-261.
- Gomes, Q. S., & Alvarenga, P. (2016). O envolvimento paterno em famílias de diferentes níveis socioeconômicos. *Psicologia: Teoria e Prática*, 32(3), 1-9.
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, 20(2), 119-125.
- Grief, G. (1985). Children and Housework in the Single Father Family. *Family Relations*, 34(3), 353-357.
- Grzybowski, L. S., & Wagner, A. (2010). O Envolvimento parental após a Separação/Divórcio. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 23(2), 289-298.
- Hall, S. (1998). *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A
- Hennigen, I. (2010). Especialistas advertem: o pai é importante para o desenvolvimento infantil. *Fractal: Revista de Psicologia*, 22(1), 169-184.
- Hennigen, I., & Guareschi, N. M. F. (2002). A Paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. *Psicologia & Sociedade*, 14(1), 44-68.
- Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. (2015). Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida. Recuperado em 12 de janeiro de 2019 de <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv95011.pdf>
- Jablonski, B. (1999). Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In: T. Féres-Carneiro (Org.). *Casal e Família: entre a tradição e a transformação* (55-69). Rio de Janeiro: NAU.
- Joly, M. (2008). *Introdução à análise da imagem*. 12 ed. Campinas, SP: Papirus.
- Kindlon, D., & Thompson, M. (2000). *Raising Cain: protecting the emotional life of boys*. London: Penguin Books.
- Koulouglioti, C., Cole, R., & Moskow, M. (2011). Single Mother's Views of Young Children's Everyday Routines: A Focus Group Study. *Journal of Community Health Nursing*, 28(X), 144-155.
- Krob, A. D., Piccinini, C. A., & Silva, M. da R. (2009). A transição para a paternidade: da gestação ao segundo mês de vida do bebê. *Psicologia USP*, 20(2), 269-291.

- Lopes, E. S. L., Neri, A. L., & Pak, M. B. (2005). Ser avós ou ser pais: Os papéis dos avós na sociedade contemporânea. *Textos sobre Envelhecimento*, 8(2), 30-32.
- Marin, A., & Piccinini, C. A. (2009). Famílias uniparentais: a mãe solteira na literatura. *Psico*, 40(4), 422-429.
- Marion, J.; Ferreira, M.; Pereira, C. R. R. (2015). O homem, a paternidade e a família no contexto de baixa renda. In: E. R Goetz, & M. L. Vieira (Orgs). *Novo pai: percurso, desafios e possibilidades* (pp171-180). Curitiba: Juruá.
- Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621-626.
- Neiva-Silva, L., Alves, P. B., & Koller, S. H. (2004). A Análise da Dimensão “Tempo” no Desenvolvimento de Crianças e Adolescentes em situação de Rua. In S. H. Koller (Org). *Ecologia no Desenvolvimento Humano* (pp.143-165). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Neiva-Silva, L., Borowsky, F., & Koller, S. H. (2004). O Método Autofotográfico na Pesquisa com Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano. In S. H. Koller (Org). *Ecologia no Desenvolvimento Humano* (pp. 245-266). São Paulo: Casa do Psicólogo
- Pereira, C. R. R., & Arpini, D. M. (2012). Os irmãos nas novas configurações familiares. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(I), 174-185.
- Perucchi, J., & Beirão, A. M. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica*, 19(2), 57-69.
- Ponciano, E. L. T., Féres-Carneiro, T. (2003). Modelos de família e intervenção terapêutica. *Interações*, 8(16), 57-80.
- Ramires, V. (1997). *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos.
- Ramires, V. R. R. (2014). A paternidade na contemporaneidade. In Arpini, D. M., & Cúnico, S. D. (Orgs). *Novos olhares sobre a família: Aspectos psicológicos, sociais e jurídicos* (pp. 27-38). Curitiba: CRV.
- Ribeiro, J. P., Silva, M. R. S., & Cezar-Vaz, M. R. (2012). Compreendendo o exercício das competências parentais na família monoparental chefiada pelo pai. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 10(3), 490-497.
- Ried, J. (2011). *Configurações familiares contemporâneas: significações de famílias monoparentais masculinas*. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Ried, J., & Pereira, A. C. (2012). Família monoparental masculina: o cotidiano e suas vicissitudes. *Nova perspectiva sistêmica*, 21(44), 81-94.
- Silva, M. da R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573.
- Souza, A. P. de (2008). *Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas x monoparentais femininas: a influência do genitor no desenvolvimento familiar* (Dissertação de mestrado). Universidade Estadual de São Paulo, Franca, SP.

- Souza, C. L. P., & Benetti, S. P. C. (2009). Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia*, 19(42), 97-106.
- Staudt, A. C. P., & Wagner, A. (2008). Paternidade em tempos de mudança. *Psicologia: Teoria e Prática*, 10(I), 174-185.
- Stake, R. E. (1994). Case studies. In: N. K. Denzin, & Y. S. Lincoln (Orgs). *Handbook of qualitative research*. Londres: Sage.
- Sutter, C., & Bucher-Maluschke, J. S. N. (2008). Pais que cuidam dos filhos: a vivências masculina na paternidade participativa. *Psico*, 39(1), 74-82.
- Vasconcellos, M. J. E de (2002) *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papirus.
- Walker, J., Crawford, K., & Taylor, F. (2008). Listening to children: gaining a perspective of the experiences of poverty and social exclusion from children and young people single-parent families. *Health Soc Care Community*, 16(4), 429-436.

ARTIGO 2**A PATERNIDADE NA INTER-RELAÇÃO COM OS AMBIENTES ECOLÓGICOS:
UM OLHAR BIOECOLÓGICO PARA AS FAMÍLIAS MONOPARENTAIS
MASCULINAS****THE PATERNITY IN THE INTER-RELATION WITH THE ECOLOGICAL
ENVIRONMENTS: A BIOECOLOGICAL OUTLOOK FOR THE MALE SINGLE-
PARENT FAMILIES**

RESUMO

Frente ao cenário de mudanças e pluralidade de famílias, se destaca a família monoparental como uma estrutura familiar em ascensão no Brasil. Nos núcleos em que o pai é o responsável pela família, o homem necessita reorganizar sua rotina e rede de apoio para oferecer cuidado, proteção e afeto aos filhos. Este estudo objetivou compreender de que modo os ambientes ecológicos influenciam o desenvolvimento da paternidade em famílias monoparentais masculinas. Para tanto, será apresentado o conjunto de sistemas e/ou pessoas significativas que compõem ligações sociais e afetivas de relacionamentos percebidos e recebidos pelos pais. Utilizou-se o método qualitativo e exploratório, com delineamento de estudo de casos. Participaram do estudo, quatro pais (homens), com ao menos um filho de até onze anos de idade, sob a sua guarda (formal ou informal) por um período mínimo de cinco meses. Como resultado, observou-se que a interação pais-filhos é multideterminada, inter-relacionada com características do contexto social e dos ambientes nos quais o pai está inserido, além das características pessoais do próprio pai. A família de origem, comunidade e babás foram referidas como apoio, com relação à algumas dificuldades que os pais e seus filhos encontraram. A instituição escolar, principalmente em contextos de maior vulnerabilidade, mostrou-se relevante na garantia de condições que favoreciam ao desenvolvimento das crianças. Os resultados do estudo possibilitam pensar no incremento de programas de apoio à participação paterna na vida familiar e de consolidação da responsabilidade masculina com relação aos filhos.

Palavras-chave: Família; Monoparental; Pai.

ABSTRACT

Faced with a changing and plural family scenario, the single-parent family stands out as a raising family structure in Brazil. In the nuclei where the father is responsible for the family, the man needs to reorganize his routine and support network to offer care, protection and affection to the children. This study aimed to understand how ecological environments influence the development of paternity in male single-parent families. In order to do so, the set of systems and/or significant people that make up social and affective connections of relationships perceived and received by the parents will be presented. The qualitative and exploratory method was used, with a case study design. Four fathers with at least one child up to the age of eleven, who were under their care (formal or informal) for at least five months participated. As a result, it was observed that the father-child interaction is multi-determined and interrelated with characteristics of the social context and the environments that the father is inserted, besides the personal characteristics of the father himself. The family of origin, community and nannies were referred to as support for some difficulties that fathers and their children encountered. The school institution, especially in contexts of greater vulnerability, proved to be relevant in guaranteeing conditions that favored children's development. The results of the study make it possible to think about the increase of programs to support paternal participation in family life and the consolidation of men's responsibility towards children.

Keywords: Family; Single parente; Father.

Na contemporaneidade, coexistem diversas formas de se constituir uma família, para além do modelo nuclear de pai, mãe e filho(s). Frequentemente se convive com famílias recasadas, extensas, monoparentais, homoafetivas, entre outras, que expressam o prevalectimento dos vínculos afetivos sobre os sanguíneos na delimitação do grupo familiar. Estes arranjos são resultados de circunstâncias singulares, que devem ser reconhecidas, respeitadas e legitimadas nas relações sociais (Ried & Pereira, 2012). Ainda mais, essas realidades produzem novas situações sociais, não vividas há algumas décadas. Ao passo que a família é constituída sob valores morais, éticos, culturais, econômicos, sociais e políticos de sua época, os comportamentos e o modo de se viver em família também se alteram continuamente (Marion, Ferreira & Pereira, 2015).

Frente ao cenário de mudanças e pluralidades de famílias, se destacam as monoparentais - estrutura familiar em ascensão no Brasil, reconhecida a partir da Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988). Segundo Wall e Lobo (1999), estas famílias se definem como um núcleo familiar com um pai ou mãe, sem cônjuge, com um ou vários filhos sob sua responsabilidade. Ou seja, quando um dos pais assume sozinho o cuidado dos filhos e o outro não é ativo na parentalidade (Hintz, 2001). A partir da década de 90, o crescimento contínuo dessas famílias, indicou a necessidade de considerar mais sistematicamente a relação entre políticas sociais e as famílias monoparentais (Brown, 2000)

De acordo com a revisão sistemática da literatura nacional produzida acerca da monoparentalidade desde a década de 1980 até o ano de 2017, realizada para a construção desse estudo, expressivamente, os estudos assumem uma abordagem matrifocal, ou seja, focado naquelas famílias em que a mulher é a figura de referência, refletindo uma concepção tradicional acerca dos papéis de gênero. Esta constatação direcionou o presente estudo para as famílias monoparentais constituídas pelo pai e seus filhos. Nas últimas décadas, acompanha-se um contínuo aumento de famílias sob a responsabilidade de homens (Brown, 2000), nas quais o pai assume integralmente os cuidados pelos filhos, necessitando organizar sua rotina e rede de apoio para oferecer os cuidados, proteção e afeto que as crianças necessitam (Dantas, Jablonski & Féres-Carneiro, 2004). Deste modo, pode se considerar que as famílias monoparentais masculinas estão entre os arranjos contemporâneos que requerem maior atenção, a fim de garantir seus direitos e legitimidade (Ried, 2011)

Somente a partir dos anos 80, as temáticas relacionadas à construção social da masculinidade e a sua influência na paternidade começaram a ser debatidas de modo mais consistente no cenário acadêmico, salientando-se o desejo de uma participação mais efetiva da

figura masculina no cotidiano familiar (Hennigen & Guareschi, 2002). No Brasil, os estudos sobre homens e masculinidades se intensificaram a partir da década de 1990, tendo como impulso a Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento, das Nações Unidas, ocorrida em 1994 no Cairo. Nesta ocasião, destacou-se a necessidade de envolver os homens na vida familiar com o objetivo de reequilibrar as relações de poder e atingir maior igualdade entre os gêneros. Tal posição estava em acordo com os estudos referentes ao feminismo e às questões de gênero, que ressaltavam a necessidade de maior equilíbrio entre homens e mulheres, tanto na esfera pública quanto na esfera privada. Para tanto, reivindicava-se a maior participação das mulheres no mercado de trabalho e nas organizações políticas e sindicais para corresponder a uma maior participação dos homens na vida privada e familiar.

Considerando-se a paternidade como uma construção histórico-social, esta não se constitui como uma instituição homogênea, afinal, cada pai estrutura maneiras de relações, a partir da intersecção que constrói entre a relação parental e outras instituições, valores e premissas sociais que o circundam. Consoante a isso, o Modelo Bioecológico (Bronfenbrenner & Morris, 1998) caracteriza-se como um marco teórico e metodológico, que busca privilegiar as múltiplas interações da pessoa com os seus ambientes. Uma das maiores contribuições dessa abordagem reside no fato de que torna os pesquisadores capazes de “pensar ecologicamente”, possibilitando que a sua atenção seja dirigida não somente para o indivíduo e para os ambientes imediatos nos quais se encontra, mas também para as interações do indivíduo com os ambientes mais distantes. Estes ambientes são analisados em termos de quatro tipos de contextos que mantêm uma relação integradora entre si: o microsistema, o mesossistema, o exossistema e o macrosistema.

Tais níveis estão articulados na forma de uma estrutura concêntricas inseridas uma na outra, formando o meio ambiente ecológico. O microsistema é definido como um contexto no qual existem atividades, relações interpessoais e funções sociais experienciados face-a-face. O contexto familiar, no qual o pai, ao interagir com o filho, desempenha um papel de cuidador, classicamente representa esse microsistema. O mesossistema representa a relação entre dois ou mais ambientes onde a pessoa em desenvolvimento participa ativamente, ou seja, é um conjunto de microsistemas (Bronfenbrenner, 1996). Por exemplo, faz parte desse sistema as relações que o pai estabelece com sua família, trabalho e amigos (Bueno, Vieira, Crepaldi, Schneider, 2015). O exossistema diz respeito à relação entre dois ou mais ambiente, e que em um deles não há participação direta da pessoa em desenvolvimento, embora influencie indiretamente os contextos imediatos nos quais se encontra a pessoa em desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1996). Com o foco no pai, um exemplo de exossistema pode ser a influência

do microsistema escola dos filhos (Bueno, Vieira, Crepaldi, Schneider, 2015). O macrosistema se refere aos sistemas interconectados (micro, meso e exo) que existem dentro de uma cultura ou subcultura, e que fazem referência aos estilos de vida, costumes, sistemas de crenças, entre outros (Bronfenbrenner, 1996).

Nesse sentido, Wendt e Crepaldi (2008) alertam que mapear as relações apresenta-se como uma condição fundamental para o alcance de estudos e pesquisas com famílias, sendo essencial conhecer e compreender a complexidade das relações que esse microsistema social integra. Entende-se a paternidade como um subsistema dentro de uma série ampla de sistemas interligados, ou seja, que a paternidade existe num contexto de relações com outras instituições, como: a familiar, a escolar e a profissional, que fazem parte regular da dinâmica da paternidade (Jablonski, 1999). Sendo assim, em cada contexto esperam-se determinados comportamentos que, por sua vez, exigem um amplo repertório de habilidades sociais do indivíduo. No mais, de acordo Bronfenbrenner (1996), os processos que operam nos diferentes ambientes frequentados pela pessoa são interdependentes, influenciando-se mutuamente. Assim, a interação de uma pessoa em determinado lugar, como por exemplo, no trabalho, é influenciada e igualmente influencia outros ambientes dos este quais participa, como a família (Cecconello & Koller, 2004).

Identifica-se no século XXI uma valorização da presença paterna na vida dos filhos, o que sugere uma nova concepção de paternidade, que incorpore valores distintos das gerações anteriores, se articulando com maior envolvimento do pai nas atividades diárias dos filhos, relacionamentos afetivos e responsabilidade frente ao cuidado dos filhos (Cabrera, et. al, 2000; Unbehau, 2000). O novo pai passou a ser representado como mais envolvido emocionalmente, mais participativo e comprometido com seus filhos e tão capaz quanto as mães na educação destes (Wall & Arnold, 2007). Contudo, mesmo com a caracterização de um “novo pai”, subsistem no imaginário social, marcas de uma concepção tradicional. Isto remonta ao conceito de macrosistema, envolvendo o conjunto de crenças e valores presentes no cotidiano das pessoas, que influencia o desenvolvimento dos indivíduos (Bronfenbrenner, 1996). Ou seja, ideologias sobre o masculino e o feminino, construídos social e culturalmente, a partir das diferenças entre os sexos, determinam a formação de um sistema simbólico que norteia e sustenta, na esfera pública e privada, a vida de homens e mulheres (Freitas, Silva, Coelho, Guedes, Lucena & Costa, 2009).

Frente à perspectiva de ampliação da participação do homem no espaço familiar e, à medida que os pais se revelam enquanto homens dotados de sensibilidade e favorecidos por se

reconhecerem nela, tendem a expressar a necessidade e o desejo de participar na criação de seus filhos. Nesse sentido, estudos ressaltam a influência do trabalho do pai sobre o relacionamento com os filhos, de forma que o pai que trabalha em ampla jornada pode encontrar dificuldades em conciliar tempo de cuidado dos filhos e tarefas domésticas (Cia & Barham, 2006, Silva & Piccinini, 2007).

Assim, as responsabilidades sociais impostas ao pai provedor podem lhe trazer prejuízos no campo da subjetividade, uma vez que as ações estabelecidas são exercidas sobre rígidos parâmetros socioculturais (Cia & Barham, 2006). As atividades e responsabilidades fora do lar, na esfera pública, por vezes, geram nesses homens o sentimento por ter pouco tempo para dedicar aos filhos. Em grande parte, isso se deve à organização social imposta aos homens e às mulheres, e à própria organização do trabalho, que não se baseia na necessidade e no interesse da participação do pai na vida familiar. Tal organização pressupõe que quanto mais os homens trabalharem e forem produtivos, mais eficientes serão no cumprimento do seu papel, considerando o papel paterno em uma perspectiva tradicional, de provedor materialmente de seus lares (Ramires, 1997).

Simultaneamente, alguns ambientes podem ser identificados como fundamentais ao desenvolvimento da pessoa, dada sua influência positiva nos processos familiares. Brito e Koller (1999) definem como rede social o conjunto de sistemas e pessoas significativas que compõe as ligações sociais e afetivas de relacionamentos recebidos e percebidos, que podem funcionar como elementos ativadores e mantenedores das relações de reciprocidade com a pessoa em desenvolvimento. As redes sociais de apoio são, portanto, constituídas a partir das diversas interações estabelecidas entre as pessoas, que permitem a construção de repertórios para lidar com as adversidades e problemas surgidos, atuando como fatores de proteção ou promoção de saúde. Assim, as redes sociais auxiliam o ser humano nos processos de integração psicossocial, na promoção do bem-estar, no desenvolvimento da identidade e na consolidação dos potenciais de mudanças (Sluzki, 1997).

De acordo com a literatura, as estruturas de apoio social podem ser classificadas em formais e informais (Dunst & Trivette, 2009). A rede de apoio social formal compreende as organizações sociais formais, entre elas a escola, as organizações governamentais e não governamentais e os serviços sociais e de saúde. A rede de apoio social informal abrange a própria família, os amigos e a vizinhança. Quanto à função das redes de apoio, estas podem ser identificadas a partir de três eixos: apoio emocional, instrumental e informativo. O apoio emocional consiste na presença de pessoas com quem se pode compartilhar emoções e interesses; o apoio instrumental refere-se à ajuda material, concretizada através da contribuição

financeira, bens duráveis ou produtos de consumo; e o apoio informativo, diz respeito a dar e receber informações úteis para prevenir ou solucionar necessidades da família (Dunst & Trivette, 2009).

O Modelo Bioecológico de Desenvolvimento Humano possibilita compreender o exercício da paternidade de uma maneira ecologicamente contextualizada. Isso quer dizer que processos, pessoas, contextos e suas ocorrências no tempo são dimensões consideradas na análise. A família monoparental masculina como microssistema central é o principal cenário das interações pais-filhos, contudo, as influências externas à família são fatores também importantes para o desenvolvimento da paternidade e do sistema familiar como um todo. Por isso, este estudo objetivou compreender de que modo os ambientes ecológicos influenciam o desenvolvimento da paternidade em famílias monoparentais masculinas. Para tanto, serão apresentados o conjunto de sistemas e/ou pessoas significativas que compõem ligações sociais e afetivas de relacionamentos percebidos e recebidos pelos pais.

Método

Participantes

Integraram o estudo quatro pais (homens) responsáveis por uma família monoparental simples, em que apenas o pai estava presente no domicílio, vivendo com ao menos um filho criança, de até onze anos incompletos sob sua responsabilidade. A idade dos pais esteve compreendida entre 28 e 40 anos, e residiam em uma cidade do interior do estado do Rio Grande do Sul (Brasil), com tempo de convívio mínimo de cinco meses nesta configuração familiar. Os participantes foram convidados a integrar o estudo por intermédio das redes sociais e profissionais da autora da pesquisa e a partir da interlocução com uma escola filantrópica de Ensino Fundamental. Quanto à escolaridade, os participantes variaram entre ensino fundamental e pós-graduação. Acerca do nível socioeconômico, estes representavam níveis entre baixo e alto. Dois pais estavam desempregados no momento da realização do estudo (Tabela 1).

Tabela 1 – Participantes e dados de identificação⁹

Pai	Idade	Escolaridade	Ocupação	Nº Filhos	Idade filhos	Tempo monoparentalidade	NSE ¹⁰
César	40	Técnico	Proprietário pequena empresa	2	7 e 11	1 ano e 5 meses	4
Pedro	35	Ensino Fundamental	Desempregado	2	9 e 5	1 ano	1
Elias	28	Ensino Médio	Desempregado	2 1	7 e 7	5 meses	2
Marcelo	32	Pós- Graduação	Agente Penitenciário		7	5 anos	5

Delineamento e Procedimentos

Refere-se a um estudo de caráter qualitativo, do tipo exploratório e descritivo, que atendeu ao objetivo de compreender, a partir das experiências dos pais participantes, o fenômeno da monoparentalidade e sua inter-relação com os ambientes ecológicos (Minayo, 2012). Utilizou-se o delineamento de Estudo de Caso Coletivo (Stake, 1994), o que permitiu aprofundar o que há de sistêmico nas relações paternas nas famílias em questão. A respeito do embasamento teórico, a perspectiva sistêmica (Vasconcellos, 2002) e o Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano (Bronfenbrenner & Morris, 1998) conduziram à compreensão das informações analisadas.

Atualmente, a teoria bioecológica do desenvolvimento humano é a principal teoria usada para a compreensão do desenvolvimento na abordagem sistêmica (Böing, Crepaldi & Moré, 2008), devido a sua contribuição a respeito da influência dos contextos e relações no desenvolvimento humano. Para tanto, adotou-se os quatro aspectos fundamentais do Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano: Processo, Pessoa, Tempo e o Contexto (Bronfenbrenner, 2005). Esse modelo apreende o comportamento humano (pessoa) a partir de relações/interações com outras pessoas/objetos/símbolos e ambientes (contexto) durante o ciclo do desenvolvimento humano (processo), através do tempo. O que sustenta o entendimento de

⁹ Os nomes dos participantes foram substituídos por nomes fictícios a fim de preservar suas identidades.

¹⁰ Nível socio econômico com base em Hollingshead (1975, adaptado de por Tudge & Frizzo, 2002): 1(baixo); 2(médio-baixo); 3(médio); 4(médio-alto) e 5 (alto).

que as variadas interações que compõem o processo da paternidade possuem uma correspondência com os elementos-chave do modelo PPCT. A pessoa constitui-se a partir de características biopsicológicas, construídas na interação com o ambiente. O processo refere-se às funções e atividades da pessoa em desenvolvimento. Neste estudo, o contexto foi considerado um elemento importante para compreensão dos processos desenvolvimentais, em um nível tanto de ambientes imediatos, quanto os mais distantes, nos quais a pessoa não participa diretamente, embora tem o alcance de influenciar o desenvolvimento humano. O tempo aborda as interações e alterações nas características da pessoa e do ambiente ao longo do ciclo de vida (Bronfenbrenner, 2005).

Quanto aos procedimentos, preferencialmente, os encontros deveriam ser realizados na residência das famílias, em dia e horário previamente combinado com os participantes. A partir do entendimento de que conhecer o ambiente físico favoreceria a compreensão da realidade enfrentada por estas famílias. No entanto, algumas resistências foram encontradas. Assim, com aqueles que aceitaram participar do processo de estudo, marcou-se em seguida, um encontro na casa do pai (César), na escola dos filhos, localizada na comunidade em que residiam (Pedro e Elias) ou nas dependências da universidade vinculada a esta pesquisa (Marcelo) para a realização da coleta de dados. Os participantes responderam ao *Questionário de Dados Sociodemográficos* e a uma Entrevista sobre a *Paternidade em Contexto da Monoparentalidade*, sendo realizada de maneira semiestruturada. A entrevista permitiu aos pais, além da transmissão de sua experiência referente à paternidade, um momento de reflexão e questionamentos acerca de suas vivências.

A coleta de dados seguiu, em um segundo momento, com a utilização de fotografias e a atribuição de significados a elas. Os participantes receberam uma câmera fotográfica digital e as instruções de como manuseá-la adequadamente. Em seguida, solicitou-se que registrassem, num período de sete dias, cinco momentos na tentativa de responder a seguinte instrução: “Busque fotografar cenas, imagens, situações do seu dia-a-dia que você acha que mostrem um pouco da sua experiência como pai”. Dois participantes (César e Marcelo) optaram em realizar os registros fotográficos com a câmera do celular particular e enviá-las para pesquisadora. Posteriormente, agendou-se um segundo encontro, quando foram abordadas e aprofundadas as percepções dos pais sobre as suas próprias produções fotográficas através de um *Entrevista para discussão das fotografias*.

Considerações Éticas

A presente pesquisa teve aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da Universidade Federal de Santa Maria (CAAE 81161817.6.0000.5346). Esteve em conformidade à Resolução 016/2000 do Conselho Federal de Psicologia (CFP) e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS). Os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre Esclarecido, sendo garantida a confidencialidade dos dados e o direito a sua privacidade e os pesquisadores envolvidos assinaram o Termo de Confidencialidade.

No que diz respeito à produção de imagens fotográficas, diante do aceite dos participantes em realizar os registros, a pesquisadora assegurou a preservação da identidade dos pesquisados, bem como das demais pessoas presentes nos registros fotográficos. Dessa forma, estas serão ilustradas descritivamente na análise dos resultados.

Análise dos Dados

Para análise do material coletado e transcrito, utilizou-se a técnica de Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1979). Para tanto, os dados coletados através da *Entrevista sobre a Paternidade em Contexto de Monoparentalidade* e da *Entrevista para discussão das fotografias* foram analisados em conjunto, a fim de integrar o material construído a partir de ambos os instrumentos. Quanto ao conteúdo das fotografias, a análise das cenas, personagens, situações ocorreu de forma complementar à análise das significações produzidas por esse instrumento. Desse modo, os retratos foram apresentados em um nível descritivo dos elementos que o compõem e, a partir das entrevistas, analisadas de acordo com o conjunto formado pelo agrupamento de fotos e a história individual de cada autor (Joly, 2008).

Conforme Bardin (1979), a Análise de Conteúdo se constituiu em três fases: pré-análise; exploração do material; tratamento dos resultados, inferências e interpretações. Durante a etapa de pré-análise realizou-se a organização do material, sistematizando as ideias iniciais. A fase de exploração do material envolveu a decomposição do texto e codificação de fragmentos selecionados. Por fim, realizou-se o tratamento dos dados encontrados, interpretando-os e lançando inferências a partir dos registros (Bardin, 1979). As categorias tiveram como unidade de análise o tema e foram construídos a partir do *modelo aberto*, ou seja, tomaram forma no curso da própria análise e, agruparam unidades com significações aproximadas. Uma vez definidas as categorias temáticas de análise e com base em uma orientação e definição clara sobre o conteúdo de cada uma das categorias temáticas, dois juízes classificaram separadamente

as unidades de análise às categorias propostas. O cálculo da taxa de fiabilidade na categorização das unidades de análise, a partir de uma análise estatística, foi realizada com o auxílio do SPSS versão 22 para Windows. Neste estudo, o coeficiente de Kappa alcançou o índice de 0,88, ou seja, considera-se uma concordância quase perfeita entre os juízes.

Resultados

Para compreensão dos quatro casos estudados, apresentar-se-á a seguir uma descrição, individual, dos aspectos gerais de cada história familiar. Na sequência serão exploradas as categorias temáticas, compostas por unidades de registro procedentes das entrevistas e descrições dos registros fotográficos. As categorias identificadas foram as seguintes: A paternidade e a inter-relação com os ambientes ecológicos e; Recursos paternos: contribuições ao desenvolvimento da família. Após a apresentação dos quatro casos, estes serão analisados conjuntamente, a fim de discutir as semelhanças e particularidades identificadas.

Caso 1: César

César estava em uma união estável com Renata há 12 anos quando, há aproximadamente um ano e meio, de modo inesperado, Renata deixou a residência da família e assumiu um outro relacionamento. Desde então, César residia sozinho com as filhas, Jéssica e Martina, de sete e onze anos, respectivamente e aguardava decisão judicial para oficializar o pedido de guarda unilateral das filhas. No momento da coleta de dados, César tinha uma namorada, Poliana, que residia em uma cidade vizinha. César tinha formação em curso técnico, estava cursando o Ensino Superior, e era o dono de uma microempresa, com sede em um espaço anexo à residência da família. A família residia em um bairro bem localizado na cidade e usufruía de uma estrutura física confortável. A participação efetiva da mãe ocorria através da pensão alimentícia das filhas. No que se refere ao contato com as filhas, a mais velha, Jéssica, não tinha mais convivido com a mãe desde a separação conjugal. A mais nova, Martina, por determinação judicial deveria passar todos os finais de semana com a mãe. Contudo, César ficava apreensivo nos momentos em que a filha está sob responsabilidade da mãe, já que ocorreram episódios de agressão.

A paternidade e a inter-relação com os ambientes ecológicos

César elencou o ambiente profissional e o acadêmico, como contextos em que estava diretamente inserido e que de alguma forma eram significativos para a compreensão do seu comportamento como pai, bem como as relações estabelecidas nesses sistemas. A escola dos filhos, a partir do contato estabelecido com a equipe escolar, também foi considerado nessa descrição.

A respeito do trabalho, no momento da entrevista, César gerenciava o próprio negócio, no ramo de Sistemas de Segurança. A condição de dono o colocava numa posição privilegiada para conciliar o trabalho com suas atividades parentais: *“Eu posso muito bem largar eles (funcionários) lá e voltar para casa e ficar com elas. Eu chego lá e digo o que eles têm que fazer, ou hoje eu não vou, vocês pegam e vão”*. Ao ser interpelado a respeito de como os funcionários percebiam seu comportamento, alegou que: *“Eles têm que acabar entendendo, senão eu boto outro”*, sendo que, já havia passado por situações em que havia encarregado a um funcionário um serviço e não encontrou o retorno esperado, pois não estava presente para supervisionar: *“Já tive funcionário de deixar em um lugar e dizer assim: ‘Tenho que resolver problema pessoal’, e voltar e os caras não fizeram nada, ou seja, eu não ganho, eles não ganham”*.

Em contraponto à relação paternidade-trabalho que experienciava naquele momento de sua vida (quando foi realizada a coleta de dados), César alegou que, em um tempo anterior, quando ele integrava o quadro de funcionários de uma empresa, atender às demandas vinculadas às filhas era uma tarefa mais árdua: *“Porque quando eu trabalhava em empresas, aí a coisa era complicada. Tinha que ter responsabilidade, tal horário tinha que estar na empresa, saía o horário que a empresa determinava”*. Assim, descreveu uma situação-problema em uma das empresas em que trabalhou: *“A Jéssica tinha colocado uma pérola dentro do nariz, aí a mãe delas ligou lá para empresa e não me passaram a ligação. Eu fiquei sabendo no final do dia”*, sendo considerado o posicionamento imprudente da empresa justificando *“Porque a empresa tinha normas de não passar assuntos familiares para os funcionários”*, o pai concluiu assegurando que: *“Foi o último dia que eu trabalhei lá”*.

Outro ambiente ocupado por César era a faculdade. No início do semestre letivo, ele estava cursando todas as disciplinas obrigatórias do curso, mas, devido à dificuldade em ajustar a graduação com as demais atividades, principalmente as paternas, optou por reduzir o número de disciplinas, assim: *“Ficou mais flexível pra eu ficar com elas (filhas), que daí a gente passa mais tempo. Chego mais cedo em casa, tento olhar os cadernos, porque chegar da aula e olhar*

os cadernos, elas já estão podres, não adianta em nada". Alguns professores de César eram pessoas que compunham sua rede de relacionamentos pessoais, por isso acompanhavam sua história familiar: "A maioria sabe qual é a função toda. Os professores novos, só as vezes, mas em seguidinha já ficam sabendo". Além disso, "Os professores sabem, porque sexta-feira 20h meu telefone toca e eu digo: 'Estou saindo', já sabem que é a mãe delas que está me ligando que vai vir buscar a Martina". César salientou que seu telefone celular estava sempre ligado em sala de aula, e ele explicava para os professores da seguinte forma: "Vai ficar ligado, porque tem minhas pequenas em casa".

Quanto aos seus colegas, César externou *"Não é outra família, mas a gente tem alguns laços"* e contou que as filhas participavam de momentos de interação com os colegas: *"Os colegas já vieram fazer festa aqui, já fui fazer festa e levei as gurias pra fora, na casa de colegas, andaram de cavalo, fizeram e aconteceram"*. Todavia reconheceu que muitos dos seus colegas se encontravam em uma fase de vida diferente da sua, e assim apresentavam condutas distintas: *"No início do curso todo mundo é amigo, tudo é festa, depois a gente vai começando a conhecer as pessoas, escolhendo aquelas que melhor se adaptam. Têm aquelas que só querem festa, são indiferentes, na hora que precisa saltam fora"*.

A escola das filhas também foi mencionada como um ambiente ecológico importante. Nesse sentido, para facilitar na logística de suas tarefas diárias, César priorizou uma escola para as filhas que ofertasse aulas no mesmo turno para as duas. Segundo o relato do pai, os professores, não esclarecidos sobre os acontecimentos familiares, acionaram o Conselho Tutelar, devido à preocupação com os comportamentos da filha mais nova, principalmente após os finais de semana que ela passava sob responsabilidade da mãe: *"Porque tem alguns probleminhas, que a Martina vai pra mãe dela e tem toda aquela função, que tem um comportamento na sexta-feira e na segunda-feira diferente do resto da semana"*. Com isso, o pai ressaltou que *"A partir disso, eu comecei a frequentar mais seguido (a escola), que daí eu tenho contato já com a diretora, converso pra ver como é que está"*, de modo que *"Cada dois, três meses eu faço uma reunião junto com a professora"*. A última reunião tinha sido realizada no início do semestre letivo das filhas: *"A gente fez uma reunião há umas duas semanas atrás, que recém tinha começado as aulas. Daí eu fui conversar com a professora nova, que ela não estava a par do que estava acontecendo"*. De qualquer forma, o pai garante que: *"Tudo que acontece, de uma forma ou outra, eu fico sabendo. Ou é a diretora que me manda mensagem, pessoal da administração"* e *"Se acontecer qualquer coisa ou tem que ir em algum lugar com elas, eu largo o que eu estou fazendo pra ficar com elas"*.

Recursos paternos: contribuições ao desenvolvimento da família

Em função dos seus compromissos com o trabalho e os estudos, César, desde que assumiu unilateralmente os cuidados das filhas, contou com o auxílio de babás, em algumas fases da vida família, durante os três turnos do dia. A sua namorada o auxiliava, principalmente, na orientação e comunicações de assuntos delicados em relação as filhas, como a puberdade. Em alguns momentos pontuais, também recebeu o apoio de sua mãe. O acompanhamento profissional da psicóloga foi considerado fundamental na busca por relações familiares mais saudáveis.

No que concerne ao envolvimento da babá, de acordo com César, no momento da entrevista: *“A babá chega às 13h e fica até a hora que eu chegar em casa”*, já que Jéssica e Martina frequentavam a escola no turno da manhã. Geralmente, segunda, quinta e sexta-feira, eram os dias da semana que ocorriam as aulas de graduação do pai. Assim, nesses dias, a babá permanecia até às 23h na casa da família, horário em que o pai retornava da aula.

César reconheceu a babá como a sua principal ajuda no dia-a-dia da família, e que não saberia como agir se não tivesse essa presença em sua casa: *“É o que me ajuda. Se eu não tivesse outra pessoa pra me ajudar, eu estava...”*; *“Delego muita coisa para a babá, né. (...) Nove horas elas já tem que estar prontas para ir dormir”*, assim, quando chegava da faculdade conseguia um tempo para dedicar-se aos estudos: *“A hora que eu chego da faculdade elas estão dormindo, aí eu chego, como alguma coisa, tomo banho e me deito ali e consigo ler alguma coisa”*.

O trabalho deste pai, eventualmente, exigia que ele realizasse viagens durante a semana, quando uma rede de apoio precisava ser acionada, incluindo a babá ou a mãe do pai: *“Às vezes eu viajo, daí ela (babá) fica, posa ou elas vão pra casa dela. Ou minha mãe pega elas na escola e fica com elas”*. Em relação ao envolvimento de sua mãe, César disse que: *“A minha mãe de vez em quando pega elas, pra ir para o clube, pra elas brincarem”*, destacando que: *“A minha mãe conversa bastante com elas, briga bastante”*, no sentido de participar da educação das netas.

Enquanto pai monoparental, César declarou sentir a necessidade de abordar temas do desenvolvimento sexual com as filhas, o que lhe trazia dificuldades: *“Esse tipo de coisa que eu fico mais reprimido, que não sei como agir e nem o que dizer”*, e percebia que: *“Têm coisas que elas não falam pra mim, que elas contam pra Poliana (namorada do pai), contam para babá, contavam para as outras babás, e que depois as babás contavam para mim”*;

Quem tem me ajudado nessa parte sobre a puberdade, é a Poliana. Por ser mulher, consegue me ajudar, esclarecer certas coisas que eu até poderia conversar com ela, mas ela não ia querer aceitar, por vergonha de repente, ficar constrangida porque está conversando certas coisas com o pai.

O pai considerava o apoio destas pessoas fundamental, principalmente por alcançar questões ainda delicadas para ele: *“Extremas (a sua importância), porque a questão delas estarem crescendo né, o corpo, é difícil para um pai pegar e conversar com uma criança. (...) Por isso a presença de uma mulher né, independente de mãe, vó, é essencial nessa parte que o pai não consegue chegar na criança”*.

Em virtude da profunda reorganização que a família experienciou com o afastamento da mãe, César considerou a necessidade de um acompanhamento psicológico para a família, principalmente para amenizar o sofrimento das filhas: *“Elas não querem saber da mãe e por isso esse tratamento, pra ver se a gente consegue resolver ou amenizar, pra elas não serem frustradas”*, assumindo a sua preocupação: *“A gente tenta fazer o máximo para não se sentir culpado. Se eu não faço hoje o que posso para tentar ajudar ela, se eu não faço, futuramente vou me sentir culpado”*.

Nesse sentido, o recurso terapêutico, também era percebido como uma fonte de apoio para o exercício da paternidade, e o pai avaliou que: *“Está sendo muito importante, tem muita coisa para rolar, mas muita coisa mudou, para melhor. Eu consigo ver de uma forma diferente e agir diferente”*. Inicialmente o tratamento estava sendo realizado de forma individual, para as filhas, mas o pai relatou que os atendimentos passariam a ser familiares: *“Vai ser feito acompanhamento familiar, porque a gente tem que pegar e curar a família, não cada um independente, né. Pra fazer todos se ajudarem”*; *“Até a babá vou levar pra psicóloga, porque, assim, é quem está junto, faz parte da família, do convívio, então todos têm que saber qual é a melhor forma de agir”*.

Caso 2: Pedro

Pedro e Pâmela durante 12 anos viveram em uma união estável, e desta união tiveram dois filhos, Emílio e Martin, com nove e cinco anos respectivamente. Há aproximadamente um ano Pâmela deixou a residência da família para viver um novo relacionamento e, desde então, Pedro assumiu os cuidados integrais dos filhos. A guarda paterna não estava oficializada, sendo que a dupla parental optou por fazer apenas um “acordo de boca”. Pedro estava desempregado,

pois, por opção havia deixado o emprego para cuidar dos filhos. Anteriormente, trabalhava como pedreiro na construção civil e na coleta do lixo da cidade. No momento da coleta de dados realizava trabalhos temporários, que contribuíam para o sustento da casa. A família residia em um bairro vulnerável da cidade, a casa, em condições físicas precárias, estava em um terreno compartilhado com outras pessoas da família. Pedro acreditava ser importante que os meninos estabelecessem um contato regular com a mãe. Contudo, além de não participar dos cuidados físicos e emocionais dos filhos, Pâmela não contribuía economicamente com a família, já que o acordo de guarda tinha sido realizado informalmente.

A paternidade e a inter-relação com os ambientes ecológicos

Pedro discorreu, em especial, sobre a influência do vínculo empregatício e, conseqüentemente, do aspecto econômico para suas percepções como pai. Além disso, também considerou as experiências no ambiente escolar dos filhos.

Em seguida à separação conjugal e o acordo informal de guarda unilateral paterna dos filhos, Pedro prontamente pediu demissão do seu emprego, pois entendeu como demanda dos filhos que ele estivesse mais presente: *“Larguei meu emprego porque eles estavam nervosos por causa da separação, tudo, não queriam ficar com ninguém. Eu peguei, saí para ficar com eles”*. Ao mesmo tempo em que reconhecia a importância de abdicar do seu emprego para dedicar-se aos filhos, Pedro lamentava as dificuldades advindas por estar desempregado e o desejo de conciliar o cuidado dos filhos e o trabalho fora de casa: *“Largar do emprego, daí foi que me quebrou mais um pouco, né”; “Eu queria eles junto com o meu emprego. Todo mês eu ter o meu dinheirinho e poder dar as coisas para eles. Isso que eu queria, eu quero ter um emprego”*.

No decurso do seu exercício paterno, este pai se sentia fracassar com os filhos por não dispor de condições financeiras para sustentar sua posição de provedor da família: *“(Desejo) Ter um emprego, uma carteira assinada, melhor para mim, né. Só biscate, às vezes sim, às vezes não. Melhor vida para eles, para mim não precisa mais... mas é para eles, que são meus filhos”*. Nesse ínterim, Pedro declarou o seu propósito de retomar o trabalho quando, no segundo momento da coleta de dados, trouxe uma fotografia do caminhão coletor de lixo no qual havia trabalhado anteriormente: *“Esse aqui é o caminhão de lixo, que estragou e ele estava lá. (...) É essa empresa que eu quero voltar para correr. Nesse caminhão aí. Eu vou correr de noite, que eu trabalho de noite”*.

Ao relatar sobre o tempo que trabalhou como pedreiro, na construção civil, e como

coletor de lixo, Pedro declarou não ter encontrado dificuldades para exercer a paternidade, sendo liberado pelas empresas contratantes quando necessário, com o acordo de que as horas seriam compensadas em breve, estendendo o horário de trabalho:

Eles não (impediam os afastamentos), 'Pode ir Pedro. Deixa com nós. Vai lá cuidar dos teus filhos'. Eu me dava muito bem no serviço onde estava. [...] Eles me liberavam. Eles sabiam que eu faltava umas horas de serviço, e eu já pagava no outro dia. Às vezes, eu ficava mais, mais horas ainda. [...] Eu pagava as horas, daí eles me liberavam para eu sair, se dava uma doença ou um problema neles (filhos).

Os momentos de lazer de Pedro também eram compartilhados com os filhos, de modo que: *“Tem meus amigos, eu vou lá jogar uma bola e chamam eles (filhos). [...] Eles estão sempre felizes. Onde eu estou, eles estão”*. Pedro também ressaltou o entrosamento e a boa convivência entre seus amigos e sua família: *“Lá, todo mundo ajuda eles (filhos), dá coisa pra eles, tudo. Eu levo dinheiro pra eles comer e meus colegas de futebol chamam eles, vão lá e dão salgadinho, dão refri pra eles”*.

A respeito do ambiente escolar, também frequentado pelo pai, principalmente em situações de reuniões da turma dos filhos, Pedro descreveu um bom relacionamento com professores e a direção da escola, mas confessou certo estranhamento por participar de encontros majoritariamente frequentados pelas mães das crianças da escola. Assim, explicitou seu sentimento em uma reunião: *“Cheio de mulher, só eu de homem ali na sala. Uns devem ter pensado que a mãe das crianças não está nem aí. Um homem, o pai das crianças”*, sendo que, naquele momento, houve interferência de uma professora que justificou a presença do pai: *“Ele está aqui por que eles são separados e eles (filhos) moram junto com ele”*, um comportamento percebido pelo pai como de amparo e reconhecimento de sua paternidade.

Recursos paternos: contribuições ao desenvolvimento da família

Como fonte de apoio à família, Pedro reconhecia o envolvimento de sua mãe e da sua cunhada, assim como contribuição da escola dos filhos, principalmente no que diz respeito ao suprimento das necessidades básicas. Como no momento da coleta de informação Pedro não tinha um emprego formalizado, ele possuía tempo disponível para dedicar-se aos filhos: *“De manhã eles ficam comigo. Se eu não for trabalhar, eles ficam comigo, senão, se eu vou trabalhar, eles ficam com a vó deles”*. Como para garantir o sustento da casa ele realizava trabalhos temporários, a sua mãe e a cunhada auxiliavam nos cuidados com as crianças: *“Minha mãe e tem minha cunhada, quem cuida deles para eu trabalhar é elas duas. Elas que me ajudam*

para cuidar deles para eu trabalhar”, detalhando que, enquanto a sua mãe *“dá café pra eles, levanta, dá um banho neles e minha cunhada pega e traz eles para o colégio”*. Em uma das fotografias apresentadas por este pai, em que registrou o pátio simples de sua casa, em um momento que os filhos jogavam bola pela parte da manhã, Pedro descreveu que ele e os filhos residiam em um terreno partilhado com outros familiares (sua mãe, seu irmão e a sua cunhada), o que promovia a proximidade das relações.

Estas figuras familiares aparentavam ser significativas na vida familiar de Pedro, já que, dentre os cuidados físicos, a mãe de Pedro também se preocupava se o filho e os netos teriam o que comer: *“Ela pergunta pra mim se tem coisas para as crianças, aí eu falo que não, ‘Então, vou fazer janta a mais. Vou fazer comida a mais e vocês vão lá jantar com nós’. Eu vou lá e janto com eles”*. Devido à condição financeira de Pedro, por vezes, ele encontrava dificuldades em providenciar o sustento básico para os filhos e a manutenção da casa, por isso declarou que: *“Quem me ajuda, às vezes, é a escola das crianças. Quem me ajuda lá é a minha mãe, a minha cunhada, dão umas coisas pra eles”*, e frisa também o apoio comunitário: *“Vizinha lá que me ajuda. Se eu não tiver, vou lá e peço pra ela. Às vezes, ela pede pra mim, às vezes tem, as vezes não. Nós fizemos assim, um ajudando o outro”*.

O pesar em não conseguir encarregar-se do sustento dos filhos era algo que assombrava este pai: *“Ah, eu estava caído, estava triste, porque, às vezes, eu não tinha nada e as crianças choravam, né. Não tinham nada. Até ficava nervoso. Agora estou mais calmo, porque a escola está me ajudando, minha mãe, tudo”*. A escola filantrópica em que Emílio e Martin estudavam, através do acompanhamento familiar realizado por uma assistente social, auxiliava o pai com a doação de cestas básicas e a inclusão dos meninos em projetos sociais: *“Eles (pessoal da escola) me ajudam, cesta básica, eles estão sempre me ajudando. Agora também eles estão me ajudando mais. Eles botaram eles (filhos) nos projetos. Eles vêm meio dia (para a escola) e voltam só de tarde, projeto de almoço e umas coisas que estão fazendo”*. Ressalta-se na fala do pai a importância de a escola oferecer o almoço para as crianças, sendo considerado como o “projeto de almoço”. Assim, estas pessoas que compunham a rede de apoio de Pedro eram vistas como muito importante: *“Ah, é muito importante, é comida, é coisa pra eles né”*.

Caso 3: Elias

Elias e Joana por seis anos viveram juntos, nesse tempo de relacionamento tiveram um casal de gêmeos, João e Berenice, com sete anos no momento da coleta de dados. Há três anos, devido a relacionamentos extra-conjugais, o casal decidiu romper. Elias foi embora da cidade

e Joana permaneceu com os filhos. Quando Elias retornou, Joana havia recasado e, devido ao envolvimento do companheiro de Joana com o tráfico de drogas, a família estava sendo ameaçada. Frente à preocupação com o bem-estar de João e Berenice, a dupla parental acordou que as crianças passariam a residir com o pai. Elias havia solicitado judicialmente a guarda unilateral dos filhos e o processo estava em andamento. Por opção, Elias havia pedido demissão do emprego em uma metalúrgica, para dedicar-se aos filhos. No momento da entrevista, Elias estava desempregado e recebendo seguro desemprego. A família residia em um bairro na periferia da cidade, em situação de vulnerabilidade social, em uma casa simples, construída com madeira. Em relação ao contato das crianças com a mãe, a participação materna estava limitada a algumas visitas aos domingos.

A paternidade e a inter-relação com os ambientes ecológicos

Elias, ao apresentar os ambientes ecológicos ressaltou o universo do trabalho. Quando este pai assumiu a guarda unilateral dos filhos fez a seguinte consideração com relação ao seu momento do ciclo de vida: *“Tem que planejar a vida não em cima do emprego. Tem que tentar conciliar os dois, mas o importante são as crianças. Vai ser sempre assim, se tiver que escolher entre as crianças e o emprego, sempre vai ser as crianças”*. Por isso a sua decisão por pedir demissão do emprego, quando os filhos vieram residir com ele: *“A minha decisão de deixar o trabalho foi que eles vieram morar comigo. Eu estava morando de aluguel, surgiu a proposta para comprar uma casa. Daí eu me empenhei na ideia”*, uma vez que concebeu realizar a compra com o dinheiro que receberia do acordo de demissão: *“Se eles me largassem, eu pegaria todos os meus direitos e com esse dinheiro que eu ia comprar a casa e mais alguma coisa que faltasse para dentro de casa”*. O empenho em comprar a casa própria estava diretamente relacionado ao desejo de garantir estabilidade aos filhos:

Porque as crianças estavam comigo já, ou seja, a questão envolve as crianças. Envolve que se eu continuo de aluguel e daqui 1, 2, 3 meses o dono resolve pedir a casa de volta, tem que estar mudando, e eu tenho que me mudar, eu tenho que mudar as crianças também. E crianças é colégio, é todo um movimento. E daí eu me mudo e daqui a pouco tenho que mudar de novo.

Naquele momento de vida familiar, o sustento dependia, exclusivamente, do recurso do seguro desemprego de Elias. A questão financeira circunscrevia o seu compromisso paterno: *“A questão financeira é bem complicada, porque, por mais que eu não esteja pagando aluguel, tem que comprar roupas, tem que comprar comida para dentro de casa”*, revelando que *“Até*

eu mesmo fico triste, porque, às vezes, eles me pedem um brinquedo e eu não tenho. [...] Muitas vezes eu me sinto mal, né, porque a criança ter ali a vontade de ter”.

As dificuldades financeiras vividas pelo pai o remetiam, de certo modo, a vivências da sua infância, lembrando que: *“Quando era pequeno, eu vendia raspadinha na rua para trazer dinheiro para dentro de casa”.* Ao assumir um compromisso paterno com os filhos, sentia-se faltoso com estes, por não lograr êxito nas condições materiais que almejava: *“Me sinto mal porque o que tinha planejado para eles não era isso. O que planejava era dar aquilo que não tive. Às vezes, me vejo neles, porque não estou conseguindo dar o que eles querem, justamente pela questão financeira”.*

Ao tratar de suas experiências enquanto ainda era funcionário de uma metalúrgica, Elias retratou comportamentos de desconfiança ao buscar conciliar os seus horários de trabalho com as atividades parentais:

Quando realmente começa a fazer as coisas pelas crianças, tu já vê que a história muda. [...] Enquanto está ali, batalhando por eles, está tudo uma beleza, mas quando tu começa a mexer no horário, que começa a ir atrás dos teus filhos, já começa a ter um pé atrás, essa é a questão. Quando tu começa, assim, ‘Hoje eu tenho que ir marcar uma consulta para as crianças’, já vê. Até podem te liberar, mas a cara não é mais a mesma, o tratamento não é mais o mesmo.

Ao buscar uma justificativa para tal postura da empresa, o pai entendia que: *“Isso acontece porque não é com eles. Eles podem, eles fazem, mas quando é com a gente, aquele ali não está me rendendo, estou pagando ele por nada”.* Assim manifestou perceber uma discrepância entre os direitos de funcionários e patrões:

Quando é com o filho dos patrões, eles não estão nem aí. Eles têm quem abre a fábrica, tem quem vai cuidar, quem vai administrar. Agora quando é com o funcionário, aí já começa a ter um pé atrás, ou já começam a desconfiar que tu está mentindo, que está fazendo as coisas pelos teus filhos, que tu está mentindo só para faltar o emprego.

No período em que participou deste estudo, Elias estava à procura de emprego, sendo que já havia participado de alguns processos seletivos. O advogado que o estava orientando no processo de guarda dos filhos havia alertado: *“Quando eu procurei o advogado, o advogado me disse: ‘Olha, pra ti conseguir a guarda, o bom é tu estar trabalhando’”.* Contudo, reconhecia que o fato de ter a guarda dos filhos podia ser um dificultador nos momentos de seleção de emprego: *“Porque pra gente conseguir emprego a gente não pode impor horário, a gente tem que dizer que estou à disposição. Então, é isso que a gente tem que fazer”.* Desse modo, previa que, ao conseguir um novo emprego, os cuidados com os filhos e a organização da rotina familiar, iria depender, das obrigações no trabalho: *“Essa questão de programação*

vai depender muito do emprego. [...] A questão de me organizar, depende o horário do emprego. Se começar de manhã bem cedo, dá tempo de largar as crianças, mas não vai dar tempo de pegar. Então, tenho que me programar pra alguém pegar eles”.

Recursos paternos: contribuições ao desenvolvimento da família

No momento da coleta de dados, Elias considerava o apoio comunitário, representado através das figuras de suas amigas como relevante no seu dia-a-dia como pai. A escola e as atividades propostas pela instituição também foram consideradas fundamentais para a organização da sua rotina e dos filhos. Por indicação da escola, o pai estava encaminhando os filhos para atendimento psicológico e, assim, um novo ambiente se consolidava como colaborativo para a família.

O fato de os filhos residirem com Elias, exigiu uma fundamental reorganização na dinâmica de sua vida. Como ele estava trabalhando naquela época, precisou acionar sua família como rede de apoio: *“Paguei uma prima minha para ficar com eles durante o dia. Quando eles vieram morar comigo, ainda estava na época de férias, daí, então, era para ficar o dia todo”.* Contudo, devido a desentendimentos, essa experiência familiar não se manteve, tendo sido a única participação da sua família nos cuidados com João e Berenice.

Nessas circunstâncias, o fato de a escola oferecer atividades em turno integral para as crianças auxiliou o pai na organização da rotina de cuidado com os filhos. Este foi um fator decisivo na escolha pela escola para os filhos: *“Até eu procurei colocar eles aqui, porque na época eu estava trabalhando. [...] Me ajuda com a questão de ficar o dia todo. Seria uma coisa que eu teria que gastar, eu teria que pagar alguém para ficar com eles”.*

Em ocasiões que não podia estar com os filhos, Elias manifestou que contava com a colaboração de duas amigas: *“Eu conheci elas na escola onde nós estudamos, e as crianças não moravam comigo ainda. Nós éramos colegas, e daí a gente criou uma amizade e foi ficando mais forte”.* As duas amigas tinham filhos com idades próximas aos de Elias e estudavam na mesma escola. Assim, revelou uma relação de parceria e cooperação com o dever de buscar e levar os filhos na escola: *“Quando eu me atraso, que eu tenho algum outro compromisso, eu peço para uma amiga para pegar ou vice-versa, às vezes eu pego a filha dela aqui”*, bem como nos momentos de lazer: *“Minhas amigas, às vezes pedem para ficar com as crianças para elas saírem, e quando eu saio peço para elas ficarem com as crianças. E assim a gente vai trocando”*; *“A gente sai junto. Daí, na maioria das vezes, a gente se organiza e faz uma festinha*

em casa mesmo. Se junta todo mundo". Destacando que: *"Realmente as minhas amigas são bem importantes"*.

Devido ao impacto que a reestruturação familiar causou em João e Berenice, como já referido, por orientação da escola, o pai buscou atendimento psicológico para as crianças: *"Para fazer acompanhamento, porque querendo ou não eles já estavam acostumados a morar com a mãe e o padrasto e vir só a cada 15 dias comigo"*. Além do mais, somava-se o atentado à casa da mãe e do padrasto: *"A questão também do ocorrido, que eles ouviram os tiros. Porque antes de matarem o padrasto deles, eles passaram por um episódio assim. Então, isso fica na cabeça deles"*.

Caso 4: Marcelo

Marcelo e Valéria namoraram por quatro anos e não chegaram a morar juntos. Deste relacionamento nasceu Jonas, com sete anos no momento do contato da pesquisadora com o pai. Quando Jonas estava com um ano e sete meses de idade a sua mãe faleceu. Desde então Marcelo assumiu sozinho os cuidados do filho. No mesmo ano a mãe de Marcelo também faleceu. No momento da coleta de dados, a família da mãe de Jonas morava em outro estado, e visitava o menino duas vezes por ano, durante o período de férias escolares. Marcelo trabalhava como agente penitenciário e estava cursando uma Pós-Graduação. Pai e filho residiam em um apartamento na área central da cidade e tinham uma vida socialmente ativa. Marcelo compreendia a presença materna como fundamental para o desenvolvimento de uma criança, e sentia pelo seu filho. Além do que, entendia que a figura materna poderia contribuir com questões práticas relacionadas ao filho, como por exemplo a escola.

A paternidade e a inter-relação com os ambientes ecológicos

Marcelo acumulava várias atividades: ser pai, estudante de pós-graduação e agente penitenciário, além de participar ativamente das ações propostas pela escola do filho. Assim, esclareceu que *"A minha rotina, dependendo do que eu for fazer, é bem corrida e eu tento adequar meus horários pra quando eu não estou com ele (filho), ou quando ele está dormindo"*. De modo que: *"O mestrado eu tento dar mais atenção ou de tarde, quando eu estou sozinho, que eu faço minhas coisas, ou de noite, depois que ele dorme. Aí eu tenho bastante vida noturna"*. Quanto ao trabalho: *"Eu ajusto a minha escala dos dias que eu trabalho, com as*

aulas, com os dias do Jonas”.

Quanto às demandas da pós-graduação, Marcelo se organizava da seguinte forma: *“Eu tenho das 13h20 às 18h da tarde para fazer as atividades que eu tenho que fazer para o mestrado”*, período em que o filho estava na escola. No mais, o seu turno de trabalho também permitia se dedicar às atividades acadêmicas: *“Quando eu estou no presídio, é quando eu mais faço meus trabalhos, minhas coisas que eu preciso fazer, a parte burocrática da minha vida. Porque de noite eu tenho a minha noite livre, eu fico acordado, fico fazendo as minhas coisas”*.

Em especial, com relação ao mestrado, o pai disse que, eventualmente, não consegue conciliar suas atividades e as do filho, então, leva Jonas junto em algum compromisso: *“Às vezes ele vai comigo, até em alguma aula, dependendo, ele vai comigo quando eu não tenho o que fazer”*, e disse ser bem recebido por colegas e professores, no seu entendimento, por serem na maioria mulher: *“Como são só mulheres e mulher gosta de criança”*. Assim, referiu que: *“Quando descobrem que eu crio ele sozinho, tem toda essa função, daí se apaixonam por ele, daí todo mundo quer cuidar, todo mundo quer ajudar”*. Marcelo considera essa interação de modo positivo e gratificante: *“É bem bom, bem bom mesmo. Daí parece que as pessoas se aproximam mais de ti, porque sabem da tua história”*. Em relação às professoras, declarou que: *“Duas professoras, minhas duas orientadoras, elas são duas mãezonas, as duas têm filhos. Então, meu contato com elas, meu e do Jonas, com as duas é muito bom. Nunca tive problemas”*, mas reconhece que há cobranças: *“Só tenho problemas quando elas começam a cobrar, me mandar e-mail”*. A respeito dos plantões no presídio, devido às atividades realizadas e ao horário de expediente, Marcelo retornava para casa cansado: *“Quando eu volto do trabalho, que eu passo a noite acordado, sempre escrevendo alguma coisa, na volta, no outro dia, eu estou bem cansado e o Jonas vem e quer sempre estar brincando, sempre quer fazer alguma coisa”*. Então, buscava superar a condição física para atender o filho: *“Às vezes eu vou botar ele pra olhar um desenho, mas eu paro e penso, sempre tento pensar nisso, será que ele não fica mais faceiro se eu brincar com ele, se eu interajo com ele, ao invés de estar pondo um desenho”*.

No seu trabalho Marcelo tinha um grande reconhecimento por ser um pai de família monoparental: *“Meus colegas de trabalho dizem assim: ‘Irmão, o dia que tu precisar, só me falar. Tu é um cara 10. Me avisa se tu precisar de alguma coisa, porque não é fácil criar o filho sozinho’”*. Assim, Marcelo conseguia substituir seus turnos de trabalho e ser liberado quando precisava atender o filho: *“Qualquer coisa, se ficar doente, se acontecer alguma coisa, eu saio na hora. Mas tranquilo, eu ligo para o meu chefe, aviso e sou liberado”*. E reforça o

bom relacionamento com os colegas de trabalho e o reconhecimento da paternidade naquele ambiente: *“Nunca tive problemas, porque todos são pais, a gente acaba ficando amigo, porque a gente trabalha muito tempo junto”*.

No que compreende a escola do filho, Marcelo disse ter buscado uma escola que tivesse um atendimento especial ao seu filho, já que entendia que o fato de não ter mãe exigia isso: *“A escola já tem cuidados especiais, eles já trabalham com alunos especiais, não que seja o caso do Jonas. Ele é especial pelo fato de não ter mãe, que a mãe dele não está mais viva, mas elas entendem”*. Assim, no momento da matrícula de Jonas, Marcelo conversou com a coordenadora da escola: *“Quando eu fui fazer a matrícula lá, eu conversei com a coordenadora pedagógica, com a professora dele que é só eu e ele. Caso acontecer alguma coisa, elas sabem que é tudo comigo”*. Deste modo, os avisos da escola já são direcionados ao pai: *“Se ela manda alguma coisa que precisa, ela já manda na agenda ‘Pai’. A agenda já é direto direcionado pra mim”*.

Quando o filho iniciou na escola, Marcelo compartilhou com os outros pais da turma um pouco da sua história familiar: *“Teve uma conversa, daí cada um contou um pouco da sua história, daí eu falei ‘Eu sou pai assim, assim, assado’. Sabem que é só eu e ele. E eu acho que eles percebem bem. Eu estou sempre lá”*. Mas reconheceu que a participação paterna no ambiente escolar ainda não está consolidada: *“Mulheres, mulheres, mas tem bastante pais, tem uns que estão sempre presentes”*; *“A turma do Jonas já vai seis, sete pais, vão junto com as mães, mas as mães estão sempre. A mãe é diferenciada, não adianta”*.

O pai fez um comparativo entre as escolas públicas e privadas, a partir de sua experiência de trabalho na pós-graduação: *“Eu já fiz vários trabalhos nas escolas privadas e públicas e muda muito. Na particular o pai tem consciência, até pelo nível de escolaridade, são mais conscientes, os pais são mais presentes. (...) Escola pública é um, dois pais”*.

Recursos paternos: contribuições ao desenvolvimento da família

Exclusivamente nos dias em que trabalhava, Marcelo contava com o auxílio de uma babá nos cuidados com Jonas: *“Só nos dias que eu trabalho, no resto eu evito, até porque eu posso ficar com ele”*. Assim, se organizava da seguinte forma: *“Algumas aulas (do pai) são de manhã, daí eu levo (o filho) pra escola (do filho), porque eu pago integral. Daí eu tenho essa opção de deixar”*. Já nos dias em que estava de plantão, deixava o filho cedo da manhã na escola e contava com o auxílio de uma amiga e da babá no final do dia: *“Tem a minha colega de mestrado, mãe do coleguinha dele, que me ajuda nos dias que eu trabalho. Daí, de tardezinha ela vai buscar ele, daí já leva na casa da babá”*.

O apoio profissional, na figura da babá foi muito importante e presente ativamente da vida da família de Marcelo, desde que ele assumira unilateralmente os cuidados do filho: *“Ela sempre me ajudou nessa parte. Eu não teria outra opção, eu não teria um familiar pra deixar, como normalmente tem a vó”*. Por mais que desejasse ter um familiar por perto, não havia uma figura que se constituísse como tal: *“Eu gostaria que alguém da minha família tivesse mais próximo dele, mas como não tem, é eu e ele, e eu preciso de alguém”*. Desse modo, apesar de reconhecer que: *“Por mais que a babá goste muito dele, é alguém que não é da família dele”*, a sua consideração com a babá era como se esta fosse parte de sua família: *“Eu considero ela da minha família, porque eu gosto muito dela. Ela é a pessoa que só faz carinho. Sabe aquela vó que é super, só faz as vontades dele”*. Deste modo, afirmou o desejo de oferecer para a babá a mesma estabilidade e proteção que ela proporciona para a sua família e seu filho: *“Eu sempre digo, ‘Faço tudo por ela. Se ela precisar, qualquer coisa, eu faço’. Gosto muito dela e ela trata tão bem ele, que mesmo que um dia ela não venha mais, ela sempre vai ter eu do lado dela.”*

Além do apoio da babá, desde o falecimento da mãe de Jonas, Marcelo entendeu que seria importante para o filho e para ele receberem o acompanhamento de um profissional da psicologia: *“Desde que a mãe dele faleceu, eu levo ele, pra que ele se sinta bem, pra ter um acompanhamento sempre, pra que ele continue sendo carinhoso, pra que ele não desenvolva nada de errado na vida”*. Devido ao plano de saúde familiar oferecido pela empresa em que trabalhava, Marcelo garantia atendimento psicológico semanal para o filho: *“Agora ele vai mais, agora ele vai toda semana, com o plano. Antigamente não levava tanto, porque se tornava muito oneroso”*. Além do mais, ressaltou que o acompanhamento psicológico contribui com o exercício da sua paternidade, no sentido de que: *“Regras, o psicólogo lá sempre me orienta a ter horário pra tudo, e se faz alguma coisa certa, ganha. Não é tudo com premiação, mas se está se comportando, tem um limite bom pra ele”*.

Discussão

Verifica-se que abordar a paternidade a partir da perspectiva da teoria bioecológica significa conceber o homem como um ser de relações, em constante interação com outras pessoas, objetos e com símbolos dos contextos nos quais está inserido. Assim, o desenvolvimento torna-se resultante da inter-relação do indivíduo e dos ambientes em suas variadas ordens de sistemas. O pai circula por diferentes ambientes, conforme ocupa os papéis de profissional, filho, amigo, estudante, entre outros. Embora no microssistema trabalho, por

exemplo, o papel paterno não seja desempenhado, a paternidade compõe o modo como este homem se comporta no trabalho, da mesma forma que o trabalho influencia o modo como a paternidade é experienciada. Portanto, os contextos de vida estão interconectados, influenciando-se mutuamente.

Entre os contextos de vida dos pais, destacou-se o trabalho, uma vez que, apareceu com mais força das falas, tanto devido à repetição quanto pela relevância desse ambiente para os pesquisados. A esse respeito, entre os participantes do presente estudo, a paternidade vivida de forma mais intensa a partir da monoparentalidade esteve associada a uma re-significação do trabalho. Para os pais estudados, as preocupações em relação aos filhos extrapolavam o aspecto financeiro e se referiam as suas responsabilidades como pai de modo mais amplo. Embora compreendessem o trabalho como um facilitador no exercício da paternidade, não permitiam que este fosse sobreposto à necessidade da presença física, pautada em relações de trocas de carinho, amor e atenção. Ressalta-se, que o vínculo afetivo foi priorizando tanto pelos pais que precisaram fazer a difícil escolha entre trabalhar ou ficar com os filhos, quanto pelos pais que trabalhavam e deixavam os filhos sob cuidados profissionais. De acordo com o entendimento que a família deste momento histórico tem sido atravessada pela priorização do compromisso afetivo (Ried & Pereira, 2012).

No caso de César e Marcelo, ao se comprometerem com a tutela dos filhos, optaram e conseguiram ajustar as suas atividades remuneradas, a fim de propiciar maior proximidade do lar e dos filhos, bem como de maior disponibilidade de tempo livre. César, como dono da própria empresa, exercia as atividades que lhe cabiam como pai usufruindo de certa flexibilidade, devido ao lugar que ocupava na empresa. Dessa forma, ao manter financeiramente o lar, com flexibilidade de horários, bem como do local de trabalho, ele parecia equilibrar as responsabilidades familiares e as profissionais. Porém, ao considerar as condições de trabalho de César quando este trabalhava como funcionário de uma empresa, pode-se supor que um ambiente interpessoal de trabalho que pouco leva em consideração as demandas familiares dos seus funcionários, pode contribuir diretamente com o sentimento de inadequação do desempenho do papel familiar por parte dos pais (Cia & Barham, 2006). Em contrapartida, a descrição relacional do ambiente de trabalho de Marcelo permitiu o entendimento de que um ambiente interpessoal de trabalho adequado, em que há oportunidade para os pais conversarem com colegas sobre seus problemas familiares, recebendo, assim, apoio emocional e prático na resolução de suas dificuldades, favorecem um nível maior de satisfação quanto à realização de atividades familiares e profissionais.

No tocante à vida profissional, Pedro e Elias, tiveram a decisão de cuidar dos filhos e,

em certa medida, abdicaram, devido às circunstâncias, de oportunidades profissionais, mantendo os filhos como prioridade, mesmo que essa decisão representasse o comprometimento da renda financeira. De acordo com Brown (2000), os pais solteiros são mais propensos a trabalhar menos horas do que os pais casados, assim como são mais propensos que os pais casados a não trabalhar. Segundo o autor, esse padrão reflete o tempo gasto em atividades parentais por pais solteiros, o que sugere a possibilidade de alguns pais se dedicarem em tempo integral aos cuidados de seus filhos (Brown, 2000).

Todavia, estes pais, em especial, reforçaram o quão importante se mostrou para eles ter um vínculo estável com o trabalho. Dentre as dificuldades vinculadas às responsabilidades como a família, a escassez de recursos foi apontada como um obstáculo permanente, devido à carência de ordem econômica e social. Uma necessidade apontada como prioritária referia-se à garantia de alimento para os filhos, o que se constituía como uma preocupação constante, devido ao fato de não possuir um emprego estável, que garantisse uma estabilidade econômica. Por vezes, a cobrança por garantir o sustento da família, somando-se a questões emocionais, faz com que estes homens beirassem ao desânimo. A literatura contribui com essa observação ao entender que a identidade paterna vem alicerçada na identidade masculina e ocupa um espaço construído segundo padrões que produzem a equivalência entre ser homem e ser forte, capaz e provedor (Freitas, Coelho, & Silva, 2007).

Afinal de contas, o valor dado ao trabalho é um reflexo de como este fenômeno apresenta-se na sociedade. Nesse sentido, a paternidade ancorada na identidade masculina, para muitos homens, continua associada à responsabilidade de mantenedor da família. Já que, a imagem esperada socialmente do homem, equivale ao modelo de pai provedor como um modelo do bom pai (Tudge, Hayes, Doucet, Odero, Kulakova, Tammeveski, Meltsas, & Lee, 2000; Levandowski, & Piccinini, 2006; Almeida, & Hardy, 2007). Nessas condições, o ser trabalhador era condição indispensável para isso. Em especial, no caso das famílias de Pedro e Elias, mais do que uma concepção sobre o ser pai, o trabalho remunerado referia-se a uma necessidade fundamental de garantir a subsistência do núcleo familiar, uma vez que não contavam com outro apoio financeiro.

Estudos apontam que a situação de desemprego, como a enfrentada por Pedro e Elias, pode acarretar um significativo sofrimento psicológico nos homens, gerando sentimento de menos-valia, angústia, insegurança, desânimo e desespero, podendo caracterizar quadros de ansiedade e depressão (Ministério da Saúde do Brasil, 2001). Segundo Gomes e Resende (2004) e Silva e Piccinini (2004) situações de desemprego do pai podem afetar a própria concepção do

homem sobre o seu papel, especialmente em relação à imagem de provedor da família. Por outro lado, um vínculo empregatício formal pode comprometer o desempenho das funções paternas, uma vez que afeta negativamente o tempo para interagir com as crianças (Ribeiro, Silva, & Cezar-Vaz, 2012). Bronfenbrenner (2005), Souza e Benetti (2009) e Gomes, Crepaldi e Brigas (2013) verificaram que a jornada de trabalho interfere no engajamento paterno, de modo que a vida familiar está relacionada ao número de horas que o homem permanece no emprego.

Ademais, é importante que o pai disponha de tempo para que possa estabelecer uma relação paterna de qualidade com seus filhos (Gomes, Crepaldi e Brigas, 2013), ainda mais quando ele é a principal figura de referência para estes. De acordo com Elias, a jornada de trabalho exige estratégias para conciliar as responsabilidades domésticas com a vida profissional, frente aos diferentes níveis de hierarquias e exigências de produção dentro de uma empresa. De acordo com este pai, o fato de precisar solicitar dispensas para se dedicar às questões dos filhos pode gerar desconfiança nas relações de trabalho. Tal realidade mostra ser indispensável um paralelo entre o Direito do Trabalho e o Direito de Família, haja vista que esse último vem se adequando às realidades atuais com mais intensidade que o primeiro.

Nesse sentido, a consciência dos homens em relação à necessidade de maior comprometimento com os filhos encontra entraves em tradições políticas, culturais e sociais extremamente arraigadas, evidenciando que a transformação dos valores não segue o ritmo das mudanças sociais (Tudge, et. al, 2000). Dessa forma, apesar de muitos pais pretenderem se envolver com seus filhos, podem existir condições de trabalho que dificultam o estabelecimento de um relacionamento conciliador entre o ser profissional e o ser pai (Borisenko, 2007). Isso sinaliza para a necessidade de suporte no contexto de política social que favoreça a maior participação dos homens na criação de seus filhos, considerando, também, a importância da paternidade para o próprio homem (Borisenko, 2007; Ramires, 1997). Desse modo, as normas trabalhistas necessitam ser revisadas e contextualizadas à conjuntura social contemporânea, considerando a adaptação do masculino às demandas familiares e em outros âmbitos sociais.

Todavia, a organização do trabalho apresenta-se ainda longe de estar preparada para dar suporte à participação masculina na criação e cuidados dos filhos. Ao passo que, os pais se beneficiariam se as empresas oferecessem melhores condições de trabalho, com um ambiente interpessoal favorável, flexibilidade de horário, horários de trabalhos parciais ou trabalhos que pudessem ser realizados a distância, para os trabalhadores terem maiores oportunidades para resolver questões pessoais e familiares (Cia & Barham, 2006). No entanto, não é possível promover mudanças de estruturas sociais, políticas e econômicas sem que isso inclua uma

mudança nas concepções sociais acerca dessa realidade.

Com relação aos contextos de estudos de César e Marcelo, percebeu-se que as relações acolhedoras e flexíveis, com professores e colegas, no ambiente de graduação e da pós-graduação, permitiram que esses pais conciliassem a realização de uma formação em ensino superior. No caso de César, ainda que o exercício da paternidade exigiu por um tempo a renúncia e, posteriormente, a readequação do projeto de cursar uma graduação, ele estava encontrando espaços para realizações pessoais.

Outrossim, a paternidade como parte de um sistema social, engloba vários subsistemas. O homem-pai que compõe uma família monoparental, quando necessário, busca apoio de familiares, amigos e de instituições para o cuidado aos filhos, que se tornam importantes suportes nesse arranjo familiar, seja esse apoio emocional, instrumental ou informativo (Koulouglioti, Cole & Moskow, 2011; Perucchi & Beirão, 2007). Assim, a repercussão da rede de apoio para a conduta paterna é considerada como relevante nesse estudo, principalmente considerando que as possibilidades de atuação no cenário familiar se ampliam ou são inibidas de acordo com o contexto sócio-econômico, cultural e afetivo no qual a família está inserida.

Em contextos de baixo nível socioeconômico, como nas famílias de Pedro e Elias, percebeu-se vivências de sofrimento psicológicos e dificuldades na criação dos filhos, associadas à condição de pobreza. Estes homens reconheciam o apoio para sua família aquele constituído, principalmente, por redes familiares, interações com amigos e vizinhança. Nesse sentido, o apoio informal através das redes familiares, no caso de Pedro, mostrou-se um auxílio predominante, tanto para o provimento material quanto para os cuidados com os seus membros, principalmente as crianças. Desta forma, a solidariedade entre os parentes se tornou condição primordial para a sobrevivência da família em situação de carência financeira. Esta solidariedade não se restringe à família extensa e, muitas vezes, inclui vizinhos e amigos, como no caso de Elias. Em especial, as interações vivenciadas por este pai com as amigas, compartilhando experiências relativas à criação dos filhos, facilitavam sua participação nos cuidados com os filhos.

Deste modo, para o exercício da paternidade as famílias de camadas populares precisam desenvolver estratégias de sobrevivência, utilizando seus próprios recursos e os da comunidade, e a busca de apoio em pessoas próximas, como vizinhos, conhecidos e parentes (Amazonas, Damaceno, Terto e Silva, 2003; Sarti, 2015). Para tanto, promovem relações de solidariedade para, através do grupo, garantir a qualidade de vida de cada um e “viabilizar a existência da família” (Sarti, 2015, p.39). Conforme Amazonas et al. (2003), quando impera a dialética da

solidariedade, esta opõe-se ao individualismo e reordena valores e subordina realizações pessoais a interesses ou necessidades do grupo familiar. Afinal, a solidariedade apresenta-se como uma forma de a classe popular garantir a sua existência frente a um contexto que fragiliza seu desenvolvimento.

O apoio informal referido pelas famílias estava vinculado tanto às necessidades emocionais quanto ao apoio instrumental. O suporte instrumental recebido pelos pais que vivenciavam a privação econômica, caracterizado, principalmente, pela ajuda no suprimento das necessidades básicas da família, como alimentação, amenizou o impacto negativo acarretado por dificuldades financeiras. O que permitiu que os pais tivessem maior disponibilidade emocional para se manter próximos dos filhos. Tal relação está em consonância com o estudo de Souza e Benetti (2009), que investigou o envolvimento paterno em uma amostra de pais desempregados, e verificou que os pais que recebiam contribuição na renda familiar de outros membros da família ou de outras fontes significativas tinham maior disponibilidade emocional e de tempo para participar da rotina das crianças.

A rede de apoio profissional, como as babás, também auxilia no cuidado aos filhos em momentos de ausência do pai, por exemplo. A procura por babás para o cuidado de crianças é uma prática frequente em família de classe média-alta brasileira. As profissionais são contratadas frente às rotinas extensas de trabalho dos pais. Nesse sentido, considera-se que as babás desempenham uma função relevante quanto ao desenvolvimento das crianças.

Na família de César, a babá assumia a posição principal de apoio da família. Esta realizava as tarefas domésticas na residência da família, mas a prioridade do seu trabalho eram as crianças. A babá, em acordo com o pai, participava da educação de Jéssica e Martina, ao garantir o cumprimento de regras e limites, já que, na ausência do pai, representava a figura de autoridade. Devido à presença da babá na casa da família, no turno da tarde e da noite, César conseguia conciliar suas atividades de trabalho durante o dia e, principalmente, à noite, sua rotina de estudos, posto que estava cursando o ensino superior.

Desde a reorganização familiar advinda do falecimento da namorada, Marcelo também contava com a assistência de uma babá, porém, restrita a momentos em que não podia conciliar suas atividades com a rotina do filho, esforçando-se ao máximo para estar disponível ao menino. Neste caso, Marcelo reconhecia que o cuidado e o suprimento das necessidades básicas por parte da babá, constituíam-se como formas de conferir segurança para a criança e para ele. Quanto ao vínculo com a babá, o participante relatou perceber sentimentos positivos na relação babá-família-criança, revelando o sentimento de afetuosidade. De acordo com alguns autores, relacionamentos baseados no afeto e amor são de extrema importância no cuidado com a

criança, pois a forma de cuidar está relacionada com o amor (Montrone, Rani, Takaesu, Arantes & Fabbro, 2013).

Os casos apresentados, exemplificam as contribuições da rede de apoio, seja ela composta por recursos presentes na rede familiar (avós, tias, namorada) e na comunidade (amigas, vizinhos) ou por uma rede profissional formada pelas babás e também pela escola. Ressalta-se a presença de figuras femininas, que em alguma medida podem auxiliar estes pais em algum momento de suas vivências com seus filhos. Todavia, este fato não significa insuficiência ou dificuldade do pai em lidar com questões familiares, mas nos casos em questão se coloca a necessidade de partilhar essas experiências de ser pai, suas dúvidas e eventuais inseguranças com alguém, independentemente de ser uma figura feminina necessariamente (Ried, 2011). O que fica explicitado, em algumas falas é a participação do feminino para oferecer alguma referência acerca do gênero e seus afazeres, e não porque o pai não tenha condições de desempenhar seus afazeres e responsabilidades junto aos filhos.

Este é o caso de César, em que lidar sozinho com algumas situações mostrou-se complicado, sentindo necessidade de alguém para contar com a ajuda e compartilhar suas dúvidas e apreensões. O pai manifestou não fazer falta a figura da mãe em casa, entretanto, sinalizou a importância de alguém que pudesse participar e contribuir para a sua intervenção de pai na educação da filha. Desse modo, traz a ideia de rede de apoio ao compartilhar algumas questões de sexualidade em relação às suas filhas, com a namorada.

Considerando os pressupostos do modelo bioecológico, compreende-se a escola como mais uma fonte de apoio importante para as famílias. Visto que, considera-se a escola como o segundo contexto de maior relevância para o desenvolvimento humano, considerando-se que uma das principais transições ecológicas da pessoa está na passagem da família para a escola. A escola e os processos de interação que nela ocorrem são fundamentais no desenvolvimento das crianças e adolescentes e, por conseguinte, para suas famílias (Lisboa & Koller, 2004).

A integração entre escola e família tem se mostrado fundamental no que se refere às implicações para o desenvolvimento social e cognitivo e o sucesso escolar do aluno (Dessen & Polonia, 2007). Nesse sentido, entre os participantes, a inter-relação família-escola era marcada pela participação ativa dos pais no contexto escolar, além disso, consideravam manter uma boa relação com a escola. Marcelo relatou um cuidado especial em escolher a escola do filho, a fim de que o microsistema escolar representasse também um espaço de desenvolvimento emocional e moral, a partir de suas possibilidades familiares. Para esse pai, o fato de a figura materna não estar presente, e o pai assumir a posição de cuidador e provedor da família, levava

o filho a receber uma atenção especial. César, por sua vez, destacou a importância do diálogo, já que, a escola pode agregar mais um obstáculo na vivência parental, quando a relação família-escola não encontra espaço para o diálogo. Neste caso, observou-se que a solução encontrada pela escola, a fim de garantir o bem-estar de Martina, foi acionar o Conselho Tutelar. Assim, ao conhecer a situação da família, a escola pode ser uma aliada no desenvolvimento das crianças.

A realização de reuniões, com a oportunidade para os pais falarem de suas funções e de si mesmos, a promoção de encontros específicos, com o objetivo de ajudar pais e professores, em momentos críticos, favorece a troca de informações entre professores e pais. Enfim, a abertura de canais de comunicação entre a escola e a família, beneficia os alunos, como resultado desta integração. Na realidade escolar de Pedro e Elias, outra função fundamental do ambiente escolar, constituía-se em se aproximar da realidade das famílias e participar de forma ativa na busca por melhores condições de vida para eles. A escola, essencialmente, para família de Pedro, mostrou-se fundamental para que se pudesse identificar situações de risco ao desenvolvimento saudável das crianças, a fim de planejar estratégias que diminuíssem a vulnerabilidade e as situações de conflito que permeavam a família, através da doação de cesta básica. No caso de Elias, o apoio informativo da escola ao orientar que este buscasse atendimento psicológico mostrou-se favorável à construção de elos entre os microsistemas existentes no contexto ecológicos das crianças/famílias, promovendo processos proximais geradores de saúde.

Percebe-se que, diante do panorama das discussões sobre direitos humanos, educação, diversidade social e cultural, a escola é constantemente acionada a conhecer o contexto social de onde provêm os seus alunos/as. De acordo com os resultados, defende-se que frequentar a escola funciona como um fator de proteção às crianças e as suas famílias, tendo seu desenvolvimento e interação social favorecidos. Deste modo, a escola é acionada a estar articulada a uma rede de proteção social que envolve tanto iniciativas governamentais, quanto não governamentais. Afinal, ela não deve trabalhar sozinha, mas se reconhece sua importância como espaço de acolhida e ensino às crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social (Ministério da Educação, 2013).

Em contrapartida, o contexto escolar também pode ser espaço para reações de estranhamento às famílias monoparentais masculinas. Nos casos de Pedro e de Marcelo, as reuniões para os pais na escola se configuraram em situações de constrangimento para os pais. Relações com base em estereótipos e expectativas idealizadas podem ser identificadas nas relações sociais, nas famílias, na cultura e, conseqüentemente, nas escolas. Semelhante à

percepção de Marcelo, o estudo de Tudge et.al. (2000) aponta que as mães frequentam mais o ambiente escolar que os pais, já que os pais estariam menos disponíveis às atividades cotidianas dos filhos. Por sua vez, os pais acreditam que, esta concepção social se deve ao fato de os filhos ficarem com a mãe na maioria das vezes. Além do mais, com relação ao fato de Marcelo perceber uma participação maior de homens nas escolas particulares, ressalta-se que esta visão pode estar associada, muitas vezes, às condições de trabalho dos pais, sendo que aqueles com empregos de maior status social tenderiam a usufruir de maior autonomia que os pais com trabalhos de baixa remuneração. No entanto, os resultados do presente estudo apoiam a noção de que tais premissas podem ser destituídas com base em reais experiências monoparentais e, assim, exprimir que pai também pode ficar e cuidar de seus filhos com comprometimento e qualidade (Ried, 2011).

O cenário de mudanças e de pluralidades de arranjos familiares aponta a necessidade de que tanto a escola, quanto os demais contextos profissionais, incluindo os psicólogos, se posicionem de modo diferente em relação às famílias não nucleares, constituindo-se em contextos de intervenção em estreita relação com as transformações socio-culturais (Ponciano & Féres-Carneiro, 2003). Afinal, a rede social dessas famílias também incluiu psicólogos que, conforme mencionaram os pais, contribuíram durante o período conflituoso vivido, auxiliando no resgate do bem-estar da família.

No que tange à psicoterapia, as famílias estudadas passaram por um processo de mudança e, em meio às dificuldades enfrentadas, encontraram no acompanhamento psicológico a possibilidade de (re)construir uma outra forma de se configurar família. A partir das diretrizes do Conselho Federal de Psicologia (2010), que orientam a atuação de psicólogos em Varas de Família, “a noção de família é plural, uma vez que se percebe a constituição de distintas configurações familiares”. Dessa forma, o suporte psicológico consagrou-se como uma oportunidade para construção de novas formas de lidar com as mudanças que foram surgindo a partir das situações e desafios da atual configuração familiar. De acordo com Grandesso (2000), a linguagem e a conversação com o outro e consigo mesmo possuem a potencialidade de produzir novos significados que possam ser sustentados em narrativas condizentes com as novas experiências. Nesse sentido, a mudança ocorrida na família a partir do momento em que ocorreu a separação conjugal do casal, no caso de César, e a viuvez de Marcelo foram um marco de fim e de (re)começo, pois a família tradicional deixa de ser, e se configura a monoparentalidade. Esses pais manifestaram diversas vezes uma preocupação com o estado emocional dos filhos após a separação ou a morte da mãe, o cuidado de tentar preservar ao

máximo a vida e o ambiente dessas crianças.

Desse modo, quando estáveis, as redes atuam de forma significativa no desenvolvimento do indivíduo, principalmente, diante de situações adversas. Por outro lado, a fragilidade das redes pode influenciar negativamente o desenvolvimento dos sujeitos (Sluzki, 1997; Moré, 2005). Nos casos pós-divórcios, que correspondem a família de César, Pedro e Elias, assim como o pai busca a convivência com sua família de origem, amigos ou de vizinhos de forma mais ampla (Amazonas, et al., 2003), havia um distanciamento da figura materna, que não está com a guarda, considerando que sua participação nas atividades ligadas aos filhos alterasse negativamente após a separação, principalmente quando se une conjugalmente com outra pessoa (Alves & Arpini, 2017).

Com relação à participação da mãe na educação e criação dos filhos, os participantes César, Pedro e Elias consideraram que a mãe se manteve distante, com visitas esporádicas. Observou-se que, a partir do momento em que ocorreu a definição de guarda paterna, as mães distanciaram-se dos filhos, fato que corrobora que a figura parental que não detém a guarda tende a afastar-se do filho (Alves & Arpini, 2017; Arpini, Cúnico & Alves, 2016). Essa dinâmica pós-divórcio, em certo sentido, representa uma inversão em relação aos papéis tradicionais já consensuais na sociedade, já que, na maior parte das famílias pós-divórcio a mãe mantém a guarda dos filhos, enquanto o pai assume uma função de suporte financeiro, mantendo contato com os filhos nos dias de visita (Arpini, Cúnico & Alves, 2016). Defende-se que, independentemente de quem detém a guarda dos filhos, deve-se preservar ao máximo o exercício das funções parentais por ambos os pais, o que está previsto na lei da Guarda Compartilhada, vigente no Brasil como o padrão de guarda dos filhos.

No caso de Marcelo a monoparentalidade ocorreu a partir de uma situação imposta, a viuvez. Este pai teve que lidar com a exaustão de acompanhar a tensão de uma doença e com o choque intenso de uma perda súbita da companheira, mãe de seu filho. Conforme Boerner & Silverman (2001), o impacto do enlutamento ocorre de maneira mais forte nos pais, já que precisariam aprender mais sobre a parentalidade ao assumir a paternidade solteira. Além do mais, no caso deste pai a sua rede de apoio estava reduzida, ao passo que mantinha uma relação de distanciamento com o pai e sua mãe havia falecido. Quanto aos familiares da mãe de seu filho, conforme seu relato, apesar das intenções de proximidade, a distância física limitava que participassem concretamente do cotidiano familiar do menino. Nesta família, o apoio informal mais significativo estava posto na relação entre pai e o filho, que respondia às necessidades de apoio emocional.

Considerações finais

Gradativamente, a evolução nas relações sociais promovidas pelas ações de conscientização da paternidade, permitem a transição de uma visão em que as mulheres são as únicas capazes de exercer satisfatoriamente os cuidados das crianças, para uma concepção pautada pela igualdade de gênero. No entanto, ainda não é possível definir como igualitária a participação masculina. Assim como a mulher luta para ter reconhecimento na área profissional, o homem precisa enfrentar barreiras para conquistar credibilidade na esfera doméstica e familiar. Para os pais da contemporaneidade, ainda é difícil colocar em prática novas perspectivas de ser pai, uma vez que a visão antiga ainda restringe a vontade individual. Ao mesmo tempo em que o homem se vê impulsionado a participar de uma reunião da escola, por exemplo, há impedimentos devido às exigências e não flexibilização no mundo do trabalho, além de pouca receptividade em certos contextos escolares.

A problemática está colocada para além dos contextos familiares, através de antigos e novos valores que coexistem no meio social e, por conseguinte, agem sobre pensamentos e atitudes das pessoas, influenciando, direta ou indiretamente o modo de criação dos filhos. Por isso, mostrou-se indispensável olhar as relações sociais do pai, a fim de dar visibilidade às necessidades vivenciadas, o que reforça a primordialidade de que os diferentes sistemas visualizarem as famílias monoparentais centradas na figura do pai como detentoras de recursos internos que os capacitam para o exercício parental.

Entre os casos estudados, os participantes afirmaram a importância de estarem próximo dos filhos, ao mesmo tempo em que garantem o sustento do lar. Ainda que a questão econômica seja um investimento indireto, constitui-se como fundamental para garantir o desenvolvimento social e emocional da família. O entendimento de que o trabalho do pai interfere em sua função paterna reforça a concepção de que o nível de interação paterna é multideterminado, diretamente relacionado à interação dinâmica de fatores como as características dos contextos social e familiar e às características do próprio pai. Assim, os resultados desse estudo possibilitam pensar no incremento de programas e de intervenções de apoio a participação paterna na vida familiar e de favorecimento da consolidação da responsabilidade masculina com relação aos filhos.

Percebeu-se que as redes sociais podem operar de forma significativa para o desenvolvimento da família, auxiliando em situações adversas ou de crise, na promoção de saúde e na qualidade de vida destes. Neste tocante, entende-se que possam ser importantes ao

desempenho da paternidade nas famílias monoparentais masculinas frente às peculiaridades que vivenciam, relacionadas à sobrecarga de funções, dificuldades financeiras e na educação dos filhos, na ausência de um cônjuge ou companheira, bem como diante de um contexto social vulnerável. As redes atuaram como produtoras de mudanças, que funcionaram como propulsoras do desenvolvimento.

A respeito da família e da escola, estas constituem os dois principais ambientes de desenvolvimento humano nas sociedades ocidentais contemporâneas. Assim, é fundamental que sejam implementadas políticas que assegurem a aproximação entre os dois sistemas. Enfatiza-se a necessidade de somar esforços para melhor compreender as relações família-escola, de modo a assegurar que ambos os contextos sejam espaços efetivos para o desenvolvimento humano.

Neste momento da pós-modernidade, diante das mudanças relacionais que tendem a pautar a compreensão de família, cada vez mais os psicólogos devem se dispor a ampliar a compreensão das famílias, além de fortalecer o respeito às diferenças e às plurais configurações familiares, ultrapassando modelos culturalmente idealizados. Deve-se assegurar uma prática sempre repensada e re-construída a fim de atender às necessidades das famílias que buscam atendimento psicológico. Sendo assim, prevalece a concepção que legitima todos os arranjos familiares como viáveis, desde que garantam a proteção de seus membros, assegurando satisfação e bem-estar aos seus integrantes.

Desse modo, as ações de conscientização devem ser reforçadas por políticas públicas, intervenções jurídicas e psicossociais, visando preservar o melhor interesse das crianças e das famílias em coexistir em sua diversidade. Essa nova perspectiva referente a paternidade, indubitavelmente, conduz a uma mudança na política social que possa dar suporte às novas formas de exercício da paternidade. Entende-se que, em diferentes contextos os homens podem assumir e assumem, as mesmas funções que as mulheres, embora a figura do pai ainda precise conquistar seu espaço de legitimidade na sociedade, já que os homens enfrentam dificuldades cotidianas na busca por visibilidade social e reconhecimento.

Através da discussão traçadas acerca dos diferentes aspectos imbricados no exercício da paternidade em famílias monoparentais masculinas, não se esgotam as possibilidades de leitura e ampliação de estudos. A própria Abordagem Bioecológica do Desenvolvimento Humano refere-se à possibilidade de investigar um determinado fenômeno a partir de perspectivas distintas, o que se mostra extremamente enriquecedor para a produção de conhecimento. Isto favorece a indicação para que futuras pesquisas aprofundem a investigação acerca da dinâmica das redes sociais para o desempenho da paternidade em famílias monoparentais masculinas, ou

seja, como as redes podem atuar, interferir e/ou auxiliar na vivência da paternidade em diferentes contextos sociais. Além do mais, estudar separadamente os casos de monoparentalidade resultantes de separações conjugais ou viuvez contribuiria com o entendimento das singularidades de cada acontecimento para esse arranjo familiar. Ao pensar as inter-relações ecológicas, o ambiente de trabalho dos pais ainda carece de compreensão no campo científico.

Referências

- Almeida, A. F., & Hardy, E. (2007). Gender vulnerability for parenthood among male adolescents. *Revista de Saúde Pública*, 41(4), 565-572.
- Alves, A. P., & Arpini, D. M. (2017). Conjugalidade e os conflitos vivenciados. *Pensando Famílias*, 21(1), 3-19.
- Amazonas, M. C. L. de A, Damasceno, P. R., Terto, L. de M. de S., & Silva, R. R. da. (2003). Arranjos familiares de crianças de camadas populares. *Psicologia em estudo*, 8(x), p. 11-20.
- Arpini, D. M., Cúnico, S. D., & Alves, A. P. (2016). Paternidade: o ponto de vista de profissionais que atuam em varas de família. *Pensando Famílias*, 20(1), 29-42.
- Bardin, L. (1979). *Análise de Conteúdo*. Lisboa. Ed. 70.
- Boerner, K., & Silverman, P. R. (2001). Gender specific coping patterns in widowed parents with dependent children. *Omega*, 43(3), 201-2016.
- Böing, E., Crepaldi, M. A., & Moré, C. L. O. O. (2008). Pesquisa com famílias: aspectos teórico-metodológicos. *Paidéia*, 18(40), 251-266.
- Borisenko, J. (2007). Fatherhood as a personality development factor in men. *Spanish Journal of Psychology*, 10, 82-90.
- Brito, R. C., & Koller, S. H. (1999). Redes de apoio social e afetivo e desenvolvimento. In A. M. Carvalho (Org.). *O mundo social da criança: natureza e cultura em ação* (pp.115-130). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Bronfenbrenner, U. (1996) *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Porto Alegre: Artmed.
- Bronfenbrenner, U., & Morris, P. (1998). The ecology of developmental processes. In: Damon, W. (Orgs). *Handbook of child psychology* (pp. 993-1028). New York, NY: John Wiley & Sons.
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making human beings human: bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks: Sage.
- Brown, B. V. (2000). The Single-Father Family. *Marriage & Family Review*, 29:2-3, 2013-220.

- Bueno, R. K., Vieira, M. L., Crepaldi, M. A., & Schneider, D. R. (2015). Considerações epistemológicas da perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano sobre o envolvimento paterno. *Psicologia em Revista*, 21(3), 599-620.
- Cabrera, N. J., Tamis-LeMonda, C. S., Bradley, R. H., Hofferth, S., & Lamb, M. E. (2000). Fatherhood in the Twenty-First Century. *Child Development*, 71(1), 127-136.
- Cecconello, A. & Koller, S. H. (2004). Inserção ecológica na comunidade: Uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. In S. H. Koller (Org.), *Ecologia do desenvolvimento Humano: Pesquisa e intervenção no Brasil* (pp. 267-291). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Cia, F., & Barham, E. J. (2006). Influências das condições de trabalho do pai sobre o relacionamento pai-filho *Psico-USF*, 11(2), 257-264.
- Conselho Federal de Psicologia – CFP (2010). *Referências técnicas para atuação do psicólogo em varas de família*. 1ª ed. Brasília: CFP.
- Constituição Federal do Brasil (1988). Recuperado em 12 novembro, 2018, de http://www.senado.gov.br/sf/legislação/const/con1988/CON1988_15.04.2004/index.htm
- Dantas, C., Jablonski, B., & Féres-Carneiro, T. (2004). Paternidade: Considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. *Paidéia*, 14(29), 347-357.
- Dessen, M. A., & Polonia, A. da C. (2007). A família e a escola como contextos de desenvolvimento humano. *Paidéia*, 17(36), 21-32.
- Dunst, C. J., & Trivette, C. M. (2009). Meta-Analytic Structural Equation Modeling of the Influences of Family-Centred Care on Parent and Child Psychological Health. *International Journal of Pediatrics*, 1-9.
- Freitas, W. M. F., Coelho, E. A. C., & Silva, A. T. M. C. (2007). Sentir-se pai: a vivência masculina sob o olhar de gênero. *Cadernos de Saúde Pública*, 23(1), 137-145.
- Freitas, W. M. F., Coelho, E. A. C., Guedes, R. N., Lucena, K. D. T., & Costa, A. P. T. (2009). Paternidade: responsabilidade social do homem no papel de provedor. *Rev. Saúde Pública*, 43(1), 85-90.
- Gomes, A. J. S., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e pesquisa*, p. 119-125.
- Gomes, L. B., Crepaldi, M. A., & Brigas, M. (2013). O engajamento paterno como fator de regulação da agressividade em pré-escolares. *Paidéia*, 23(54), 21-29.
- Grandesso, M. (2000). *Sobre a Reconstrução do Significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Hennigen, I., & Guareschi, N. M. F. (2002). A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. *Psicologia & Sociedade*, 14(1), 44-68.
- Hintz, H. C. (2001). Novos tempos, novas famílias? Da modernidade a pós-modernidade. *Pensando Famílias*, 3, 8-19.
- Jablonski, B. (1999). Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In: T. Féres-Carneiro (Org.), *Casal e Família: Entre a tradição e a transformação* (pp 55-69). Rio de Janeiro: NAU.

- Joly, M. (2008). *Introdução à análise da imagem*. 12 ed. Campinas, SP: Papyrus.
- Kouloughlioti, C., Cole, R., & Moskow, M. (2011). Single Mothers' Views of Young Children's Everyday Routines: A Focus Group Study. *Journal of Community Health Nursing*, 28(x), 144-155.
- Levandowski, D. C., & Piccinini, C. A. (2006). Expectativas e sentimentos em relação à paternidade entre adolescentes e adultos. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 22(1), 17-28.
- Lisboa, C., & Koller, S. H. (2004). O Microssistema Escolar e os Processos Proximais: Exemplos de Investigações Científicas e Intervenções Práticas. In: S. H. Koller (Org.). *Ecologia do Desenvolvimento Humano* (pp.337-353). Casa do Psicólogo: São Paulo.
- Marion, J., Ferreira, M., & Pereira, C. R. R. (2015). Desafios de ser pai em uma sociedade em transformação. In E. R. Goetz & M. L. Vieira (Eds.), *Novo pai: Recursos, desafios e possibilidades* (pp. 171-180). Curitiba: Juruá.
- Minayo, M. C. S. (2012). Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. *Ciência & Saúde Coletiva*, 17(3), 621-626.
- Ministério da Educação (2013). A escola em contexto de vulnerabilidade social. Recuperado em 22 de janeiro de 2019 em <https://slidex.tips/download/issn-a-escola-em-contextos-de-vulnerabilidade-social>
- Ministério da Saúde do Brasil (2001). Doenças relacionadas ao trabalho: manual de procedimentos para os serviços de saúde. Recuperado em 21 de janeiro de 2019 em <http://www.fiocruz.br/biosseguranca/Bis/manuais/seguranca%20e%20saude%20no%20trabalho/Saudedotrabalhador.pdf>
- Montrone, A. V. G., Rani, R., Takaesu, R. K., Arantes, C. I. S., & Fabbro, M. R. C. (2013). Percepções e práticas de cuidadores comunitárias no cuidado de crianças menores de três anos. *Trab. Educ. Saúde*, 11(3), 659-678.
- Moré, C. L. O. (2005). As redes pessoais significativas como instrumento de intervenção psicológica. *Paidéia*, 15, 267-297.
- Perucchi, J., & Beirão, A. M (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psic. Clin.* 19(2), 57-69.
- Ponciano, E. L. T., & Féres-Carneiro, T. (2003). Modelos de família e intervenção terapêutica. *Interações*, 8(16), 57-80.
- Ramires, V. (1997). *O exercício da paternidade hoje*. Rio de Janeiro; Rosa dos Tempos.
- Ribeiro, J. P.; Silva, M. R. S., & Cezar-Vaz, M. R. (2012). Compreendendo o exercício das competências parentais na família monoparental chefiada pelo pai. *Ciência, Cuidado e Saúde*, 10(3), 490-497.
- Ried, J. (2011). *Configurações familiares contemporâneas: significações de famílias monoparentais masculinas*. (Dissertação de Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina.
- Ried, J. & Pereira, A. C. (2012). Família monoparental masculina: o cotidiano e suas vicissitudes. *Nova perspectiva sistêmica*, 21(44), 81-94.

- Sarti, C. (2015). Famílias enredadas. In A. R. Acosta, M. A. F. Vitale (Orgs.). *Família: redes, laços e políticas públicas*. São Paulo: Cortez.
- Sluzki, C. E. (1997). *As redes sociais na prática sistêmica*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Stake, R. E (1994). Case studies. In: N. K. Denzin, & Y. S Lincoln. (Orgs). *Handbook of qualitative research*. Sage, Londres.
- Silva, M. da R., & Piccinini, C. A. (2007). Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: um estudo qualitativo. *Estudos de Psicologia*, 24(4), 561-573
- Silva, M. R., & Piccinini, C. A. (2004). O envolvimento paterno em pais não-residentes: algumas questões teóricas. *Psico*, 35(2), 185-194.
- Souza, C. L. C., & Benetti, S. P. C. (2009). Paternidade contemporânea: Levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007. *Paidéia*, 19(42), 97-106.
- Tudge, J., Hayes, S., Doucet, F., Otero, D., Kulakova, N., Tammeveski, P., Meltsas, M., & Lee, S. (2000). Parent's participation in culture practices with their preschoolers. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 16, 1-10.
- Unbehaum, S. G. (2000). *Experiência masculina da paternidade nos anos 1990: Estudo de relações de gênero com homens de camadas médias* (Dissertação de Mestrado), Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.
- Vasconcellos, M. J. E de (2002) *Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência*. Campinas: Papyrus.
- Wall, G. & Arnold, S. (2007). How involved is involved fathering? An Exploration of the Contemporary Culture of fatherhood. *Gender & Society*, 21(4), 508-527.
- Wall, K., & Lobo, C. (1999). Famílias monoparentais em Portugal. *Análise Social*, 150, 123-145.
- Wendt, N. C., & Crepaldi, M. A. (2008). A Utilização do Genograma como instrumento de coleta de dados na pesquisa qualitativa. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 21(2), 302-310.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS DA DISSERTAÇÃO

Este estudo teve o propósito de assumir o discurso paterno acerca de suas percepções sobre a paternidade monoparental e incluir a influência dos ambientes para o desenvolvimento da paternidade. Nesse sentido, apropriou-se da compreensão de que o comportamento humano deve ser considerado dentro de um contexto interacional, e a sua análise considerada a partir da recursividade estabelecida entre o desempenho das funções paternas e os contextos em que o pai está inserido. Para isso, realizaram-se entrevistas semiestruturadas e o recurso da fotografia foi empregado, com o intuito de entender a maneira como percebem e descrevem a paternidade.

A partir dos resultados apresentados, pode-se considerar que estes homens estavam buscando novas formas de se relacionar com seus filhos, tendo que desconstruir conceitos e se adaptar à nova realidade familiar. Os pais demonstraram satisfação em exercer a paternidade com envolvimento direto e diário nas atividades de cuidado dos filhos, mesmo com a sobrecarga de responsabilidades e tarefas. Expressaram uma paternidade orientada pela afetividade e dedicação aos filhos. Em consonância, observou-se que os pais se responsabilizavam pela educação, higiene, saúde, alimentação, lazer e segurança da prole, desempenhando assim, uma paternidade próxima aos filhos. Além disso, exerciam tarefas domiciliares, por vezes, compartilhadas com os filhos. Com isso, pode-se pressupor que estes pais tenham um entendimento acerca dos papéis de gênero e sua associação com a paternidade distintos do estereótipo tradicional.

Dentre os homens participantes do estudo, a paternidade era exercida com referência nas figuras de cuidado que tiveram na infância, independente de servirem como modelos ou como padrões a serem evitados. A peculiaridade estava na maneira como cada um significou o distanciamento paterno vivenciado na experiência pregressa com seus próprios pais. Em comum, esses pais ressignificaram aspectos afetivos e questões educativas, distanciando-se de modelos tradicionais e rígidos de paternidade. Através de seus próprios parâmetros, pautados em questões transgeracionais, construíram uma relação fundamentada por trocas de afeto com os filhos.

Contudo, por vezes, estes pais também declararam estereótipos de gênero, indicando acreditar que uma mulher desenvolveria melhor os cuidados dos filhos. Em nossa sociedade, de fato, na maioria das vezes, ainda são as mulheres que assumem a responsabilidade pelos cuidados dos filhos, e, embora também encontram dificuldades, são consideradas socialmente mais preparadas para tal função. No caso dos homens, apesar de apresentarem condições

adequadas para o cuidado com os filhos, nem sempre encontram a validação social para esta função, intensificando, as dificuldades vivenciadas. Com isso, não se desconsidera que haja diferenças no modo de um pai ou uma mãe exercer os cuidados parentais, contudo, defende-se que isso não significa que um ou outro seja mais apto para tal função. Assim, discutir as questões de gênero pode contribuir para mudanças nas construções das identidades de homens e mulheres, colaborando para um melhor relacionamento em todas as esferas sociais.

A problemática se desenrola para além dos contextos familiares, quando antigos valores coexistem no meio social e influenciam pensamentos e atitudes das pessoas. Por exemplo, percebeu-se o impacto das condições socioeconômicas e dos contextos de maior vulnerabilidade sobre a paternidade, a partir dos olhares sociais discriminatórios direcionados a paternidade. A respeito das questões de trabalho - vistas como determinantes para a constituição da identidade paterna - os pais que possuíam flexibilidade de horário e de local de trabalho puderam conduzir as necessidades da família de modo mais equilibrado com as demandas do mundo do trabalho. Por outro lado, principalmente, para os pais que desempenhavam trabalhos de menor prestígio social, a participação paterna nos cuidados dos filhos gerou desconfiança e não reconhecimento no contexto do trabalho. Com isso, identifica-se a importância de assegurar políticas públicas que favoreçam o exercício da paternidade em todos os estratos sociais e econômicos, além de igualdade entre homens e mulheres quando ao direito e dever de estar disponível aos filhos.

As famílias do caso dois e quatro, com melhores condições financeiras, recebiam o auxílio profissional de uma babá nos cuidados com os filhos. No segundo caso, a família extensa foi fonte de amparo, para emergências como alimentação e contribuição na renda. O caso três, referiu-se ao apoio de amigas, lembradas pelo pai como pessoas com quem pode contar nas situações mais diversas, tanto para cuidar dos filhos como compartilhar momentos de lazer. À escola, de modo geral, os pais atribuíam significativo valor por educar e cuidar de seus filhos. A partir dos casos apresentados, também foi possível refletir sobre a perspectiva do acompanhamento psicológico aos membros das famílias. Movimentos de busca por apoio psicoterápico foram realizados com o intuito de estabelecer uma relação familiar de crescimento para vivenciar as demandas na nova configuração familiar estabelecida.

Ao considerar o desenvolvimento deste estudo, acredita-se que cada encontro de pesquisa com os pais, oportunizou um espaço e um tempo para eles serem escutados. Para além de responder às entrevistas, estes puderam relatar suas experiências, dificuldades e sentimentos. A entrevista, como interação social, constituiu-se e um momento de revisão, reflexão e, talvez, até mesmo fortalecimento e reafirmação de seu papel como pai. Principalmente as entrevistas

realizadas no ambiente natural, facilitaram a ocorrência de um processo de interação social e valorização da figura paterna.

Cabe ressaltar que o próprio aceite dos pais em participar neste estudo pode ser visto como um indicador de que esses pais se encontravam envolvidos e preocupados com o exercício da paternidade. Ou seja, o interesse e o compromisso mostrados em relação à pesquisa sugerem que esses pais eram também interessados e comprometidos com a parentalidade. Esta ressalva faz-se necessária diante da dificuldade de alcançar pais dispostos a se envolverem no processo de pesquisa, principalmente aqueles que residiam com outras pessoas da família extensa, como avós. Pondera-se ser possível que os pais que não aceitaram o convite para participar do estudo possam apresentar peculiaridades e algumas dificuldades no exercício da paternidade que os pais participantes não possuíam.

Ressalta-se que, como pesquisa de cunho qualitativo, esta favorece a investigação em profundidade do fenômeno da paternidade em famílias monoparentais, contudo, seus resultados não são suscetíveis a generalizações. Ressalta-se que os pais participantes não representam a totalidade da experiência de homens que vivenciam a monoparentalidade. À vista disso, não se pretendeu alcançar um discurso único sobre a paternidade em contexto de monoparentalidade, mas compreender o fenômeno a partir da ótica de sujeitos que vivenciam estes acontecimentos, em suas singularidades e modos de se expressar.

No mais, com esse estudo não se pretende esgotar as possibilidades de pesquisa, mas, com certeza, torná-la mais visível e possível de maior compreensão social. Há diversos aspectos a serem explorados acerca das famílias monoparentais masculinas. Seria importante acrescentar discussões da paternidade em diferentes contextos sociais e em diversas classes sociais e econômicas. Ao considerar as desigualdades sociais presentes no contexto brasileiro e a grande parcela que vive em condições de vulnerabilidade socioeconômica, estudos que avaliem o impacto desse fator sobre a paternidade, podem ampliar a compreensão sobre o fenômeno e destacar a importância de práticas direcionadas ao incentivo à participação do pai no desenvolvimento infantil, em diferentes estratos da população. O fator trabalho como constituinte do ser pai também ampliaria as possibilidades de entendimento, assim como a relação entre os microssistemas família monoparental masculina e escola. Outra possibilidade refere-se a estudar a monoparentalidade diante do crescente número de separações conjugais e da reorganização de lares uniparentais, assim como a participação das avós ou outras pessoas significativas que coabitam com o pai e os filhos no arranjo familiar monoparental.

Neste âmbito, a pesquisa de caráter qualitativo, apesar de constituir-se em um desafio, favoreceria o olhar a essas famílias, visto a sua abrangência e competência em explorar temáticas. Ao focalizar a monoparentalidade masculina, configuração na qual o pai assume sozinho a responsabilidade e cuidado dos filhos, destacaram-se suas potencialidades e desafios, de modo a promover a visibilidade social e o reconhecimento dessa configuração familiar nos contextos sociais em que se inserem. Entende-se que, independentemente do contexto de vida, os homens assumiram o fazer e as funções da parentalidade.

Contudo, a figura paterna ainda precise conquistar um espaço de legitimidade na sociedade, uma vez que muitos enfrentamentos ainda precisam ser superados no convívio social destes pais e filhos. A realidade pode ser mudada se os homens encontrarem oportunidade de ficar com seus filhos, contando, para isso, com o necessário apoio e reconhecimento nos diversos sistemas dos quais fazem parte.

REFERÊNCIAS

- AMBERT, A. Differences in children's behavior toward custodial mothers and custodial fathers. **Journal of Marriage and Family**, v.44, p. 73-86, 1982.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Lisboa. Ed. 70, 1979
- BARROSO, R. G.; MACHADO, C. Definições, dimensões e determinantes da parentalidade. *Psychologica*, v.1, p. 211-229, 2010.
- BELSKY, J.; JAFFEE, S. The multiple determinants of parenting. In: CICCHETTI, D.; COHEN, D. (Orgs). **Developmental psychopathology**, 2ed., New York: Wiley, 2006, p. 38-77.
- BÖING, E.; CREPALDI, M. A.; MORÉ, C. L. O. Pesquisas com famílias: aspectos teóricos-metodológicos. **Paidéia**, v.18, n.40, p. 251-266, 2008.
- BORNHOLDT, E. A.; WAGNER, A.; STAUDT, A. C. P. A vivência da gravidez do primeiro filho à luz da perspectiva paterna. **Psicologia Clínica**, v.19, n.1, 75-92, 2007.
- BOTTOLI, C.; ARPINI, D. M. O exercício da paternidade na separação conjugal. In: JAEGER, F.; KRUEL, C. S.; SIQUEIRA, A. C. (Org.). **Parentalidade e contemporaneidade: os desafios para psicologia**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2011, p. 173-193.
- BOTTON, A.; CÚNICO, S. D.; BARCINSKI, M.; STREY, M. N. Os Papéis Parentais nas Famílias: analisando aspectos transgeracionais e de gênero. **Pensando Famílias**, v.19, n.2, 43-56, 2015.
- BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. 5ª edição. São Paulo: Saraiva, 1995, 210p.
- BRASIL. **Lei nº 6.515**, de 26 de dezembro de 1977. Lei do Divórcio. Brasília, DF: Presidência da República.
- BRASIL. **Lei nº 13.058**, de 22 de dezembro de 2014. Lei da Guarda Compartilhada. Brasília, DF: Presidência da República.
- BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados**. Porto Alegre: Artmed, 1996.
- BRONFENBRENNER, U. **Making human beings human: bioecological perspectives on human development**. Thousand Oaks: Sage, 2005.
- BRONFENBRENNER, U.; MORRIS, P. The ecology of developmental processes. In: DAMON, W. (Orgs). **Handbook of child psychology**. New York, NY: John Wiley & Sons, 1998, p. 993-1028.

BUENO, R. K. **Relações entre envolvimento paterno com filhos adotivos e estrutura familiar** (Dissertação de Mestrado). 2014. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

BUENO, R. K., VIEIRA, M. L., CREPALDI, M. A., & SCHNEIDER, D. R. Considerações epistemológicas da perspectiva bioecológica do desenvolvimento humano sobre o envolvimento paterno. **Psicologia em Revista**, v.21, n.3, p.599-620, 2015.

BUENO, R. K.; BOSSARDI, C. N.; VIEIRA, M. L. Papel do pai no contexto contemporâneo. In: GOETZ, E. R.; VIEIRA, M. L. (Orgs). **Novo pai: percursos, desafios e possibilidades**. Curitiba: Juruá, 2015, p.109-124.

CARTER, B.; MCGOLDRICK. As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar. In: CARTER, B.; MCGOLDRICK, M. (Orgs). **As mudanças no ciclo de vida familiar: uma estrutura para terapia familiar**. 2 Ed. Porto Alegre: Artmed, 1995, p. 7-28

CERVENY, C. M. O.; BERTHOUD, C. M. E. Ciclo vital da família brasileira. In: OSÓRIO, L. C.; PASCUAL, do Valle, M. E. (Orgs). **Manual de Terapia Familiar**. Porto Alegre: Artmed, 2009, p. 25-37.

COLES, R. L. Single-Father Families: A Review of the Literature. **Journal of Family Theory and Review**, p. 144-166, 2015.

CONSTITUIÇÃO FEDERAL DO BRASIL. 1988. Disponível em: <http://www.senado.gov.br/sf/legislacao/const/con1988/CON1988_15.04.2004/index.htm> Acesso 17 Novembro 2018.

COPETTI, F.; KREBS, R. J. As propriedades da pessoa na perspectiva do paradigma bioecológico. In: KOLLER, S. H. (Orgs). **Ecologia do Desenvolvimento Humanos**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 91-107.

DANTAS, C., JABLONSKI, B.; FÉRES-CARNEIRO, T. Paternidade: Considerações sobre a relação pais-filhos após a separação conjugal. **Paidéia**, v.14, n.29, p. 347-357, 2004.

DESSEN, M. A.; LEWIS, C. Como estudar a família e o pai. **Paidéia**, v.8, p. 105-122, 1998.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v.16, n.3, p. 221-231, 2000.

DIAS, M. B. **Manual de Direito das Famílias** (7ª ed.). São Paulo: Revistas dos Tribunais, 2010.

FALCKE, D.; WAGNER, A. A dinâmica familiar e o fenômeno da transgeracionalidade: Definição de conceitos. In WAGNER, A. (Org.), **Como se perpetua a família? A transmissão dos modelos familiares**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005, p. 25-46.

FLORES, G.; KRUEL, C. S. A experiência da paternidade em famílias monoparentais masculinas. **Disciplinarum Scientia**, v.14, n.2, p. 211-238, 2013.

GASKELL, G. Entrevistas individuais e grupais. In BAUER, M. W.; GASKELL, G. (Orgs.), Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002, p. 64-89.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4ª ed. São Paulo: Atlas, 2007.

GOETZ, E. R.; VIEIRA, M. L. **Pai real, pai ideal: o papel paterno no desenvolvimento infantil**. 3ª reimpr. Curitiba: Juruá, 2013.

GOMES, A. J. S.; RESENDE, V. R. O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. **Psicologia: Teoria e pesquisa**, v.20, n.2, p. 119-125, 2004.

GRANDESSO, M. **Sobre a Reconstrução do Significado: uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2000.

GRISARD FILHO, W. **Guarda Compartilhada: um novo modelo de responsabilidade parental**. 4º ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais., 2009.

GROENINGA, G. C. Família: Um caleidoscópio de relações. In GROENINGA, G. C; PEREIRA, R. C. (Orgs.). **Direito de família e psicanálise: Rumo a uma nova epistemologia**. Rio de Janeiro: Imago, 2003, p. 125- 142.

GRZYBOWSKI, L, S. Famílias monoparentais – Mulheres divorciadas chefes de famílias. In: WAGNER, A (Org.). **Família em cena – Tramas, dramas e transformações**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002, p. 39-53.

GRZYBOWSKI, L. S.; WAGNER, A. O Envolvimento parental após a Separação/Divórcio. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.23, n.2, p. 289-298, 2010.

HALL, L. D.; WALKER, A. J.; ACOCK, A. C. Gender and family work in one-parent households. **Journal of Marriage and the Family**, v.57, p. 685-692, 1995.

HENNIGEN, I. Especialistas advertem: o pai é importante para o desenvolvimento infantil. **Fractal: Revista de Psicologia**, v.22, n.1, p. 169-184, 2010.

HENNIGEN, I.; GUARESCHI, N. M. F. A Paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. **Psicologia & Sociedade**, v.14, n.1, p.44-68.

HOOK, J. L.; CHALASANI, S. Gendered Expectations? Reconsidering Single Fathers' Child-Care Time. **Journal of Marriage and Family**, v.70, p. 978-990, 2008.

HOGHUGH, M. Parenting: a introduction. In: Hoghughi, M. & Long, N. (orgs). **Handbook of parenting: theory and research for practice**, London: Sage, 2004, p. 1-18.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. Famílias e Domicílios: resultados da amostra. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2010. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias>. Acesso em: 17 de setembro de 2018.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATISTICA. Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida. Rio de Janeiro, RJ: IBGE, 2015. Disponível em <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias>. Acesso em: 17 de setembro de 2018.

ISOTTON, R.; FALCKE, D. Quando um dos genitores detém a guarda dos filhos: que configuração familiar é essa? **Pensando Famílias**, v.18, n.1, p. 92-106, 2014.

ISOTTON, R.; FALCKE, D. **Paternidade em famílias pós-divórcio cujo pai detém a guarda unilateral dos filhos**. 2011. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS.

JABLONSKI, B. Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In: FÉRES-CARNEIRO, T. (Org.), **Casal e Família: Entre a tradição e a transformação**. Rio de Janeiro: NAU, 1999, p. 55-69.

JIMÉNEZ, A. C. La relación padres-hijos escolares em famílias monoparentales de um contexto mexicano. **Revista Cubana de Psicologia**, v.20, 91-94, 2003.

JOLY, M. **Introdução à análise da imagem**. 12 ed. Campinas: Papyrus, 2008.

KEHL, M. R. Em defesa da família tentacular. In: GROENINGA, G. C.; PEREIRA, R. C (Orgs). **Direito de Família e Psicanálise**. São Paulo: Imago, 2003.

LACERDA, C. S. M. de. **Monoparentalidade: um fenômeno em expansão**. Dissertação (Mestrado em Direito). 2006. Programa de Pós-Graduação em Direito, Universidade Federal de Pernambuco, Recife

LIMA, J. A. Por uma análise de conteúdo mais fiável. **Revista Portuguesa de Pedagogia**, v.47, n.1, p. 7-29, 2013.

LOPÉZ, S. B. Familias monoparentales: um ejercicio de clarificación conceptual y sociológica. **Revista del Ministerio de Trabajo e Asuntos Sociales**, v. 40, p. 13-30, 1998.

MELO, S. C. H.; MARIN, A. H. Influência das composições familiares monoparentais no desenvolvimento da criança: revisão da literatura. **Revista da Sociedade de Psicoterapias Analíticas Grupais do Estado de São Paulo**, v.17, n.1, p.4-13, 2017.

MINAYO, M. C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**. v. 17, n.3, p.621-626, 2012.

MINUCHIN, S. **Famílias: funcionamento e tratamento**. Porto Alegre: Artmed, 1982.

MINUCHIN, S.; FISHMAN, H. C. **Técnicas de terapia familiar**. Porto Alegre: Artmed, 1990.

MOREIRA, M. I. C. **Novos rumos para o trabalho com famílias**. Associação dos Pesquisadores de Núcleo de Estudos e Pesquisadores sobre a Criança e o Adolescente – NECA. São Paulo, 2013, p.56. Disponível em:< <http://www.neca.org.br/wpcontent/uploads/novos%20rumos%20para%20o%20trabalho%20com%20familias.pdf>>. Acesso em: 10 dezembro 2018.

NEIVA-SILVA, L.; KOLLER, S. H. O uso da fotografia em psicologia. **Estudos de Psicologia**, v.7, n.2, p.237-250, 2002.

NEIVA-SILVA, L.; BOROWSKY, F.; KOLLER, S. H. O Método Autofotográfico na Pesquisa com Abordagem Ecológica do Desenvolvimento Humano. In Koller, S. H. (Org). **Ecologia do Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p. 245-266.

NARVAZ, M. G.; KOLLER, S. H. O Modelo Bioecológico do Desenvolvimento Humano. In: KOLLER, S.H. (Org). **Ecologia do Desenvolvimento Humano**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004, p.51-66.

NICHOLS, M.; SCHWARTZ, R. C. Modelos iniciais e técnicas básicas: processo de grupo e análise das comunicações. In: NICHOLS, M.; SCHWARTZ, R. C. **Terapia Familiar: conceitos e métodos**. Porto Alegre: Artmed, 2007, p.65-99.

OLIVEIRA, A. G.; SILVA, R. R. Pai contemporâneo: Diálogos entre pesquisadores brasileiros no período de 1998 a 2008. **Psicologia Argumento**, v.29, n.66, p. 353-360, 2011.

ONU/UNICEF. **Convenção sobre os Direitos da Criança**. New York: UNICEF, 1990. Retirado de http://www.unicef.pt/doc/pdf_pub/convencao_direitos_crianças2004

OSÓRIO, L. C. **Casais e Famílias: uma visão contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

PEREIRA, R. C. Pai, por que me abandonaste? In: GROENINGA, G. C.; PEREIRA, R. C (Orgs). **Direito de Família e Psicanálise**. São Paulo: Imago, 2003.

PRATI, L. E.; COUTO, M. C. P. de P.; MOURA, A.; POLETTO, M.; KOLLER, S. H. Revisando a Inserção Ecológica: Uma proposta de sistematização. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v.21, n.1, p.1610-169, 2007.

RAMIRES, V. **O exercício da paternidade hoje**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997.

RAMIRES, V. R. R. A paternidade na contemporaneidade. In ARPINI, D. M.; CÚNICO, S. D. (Orgs.). **Novos olhares sobre a família: Aspectos psicológicos, sociais e jurídicos** Curitiba: CRV, 2014, p. 27-38.

RIBEIRO, J. P.; SILVA, M. R. S.; CEZAR-VAZ, M. R. Compreendendo o exercício das competências parentais na família monoparental chefiada pelo pai. **Ciência, Cuidado e Saúde**, v.10, n.3, p.490-497, 2012.

RIED, J.; PEREIRA, A. C. Família monoparental masculina: o cotidiano e suas vicissitudes. **Nova perspectiva sistêmica**, v.21, n.44, p. 81-94, 2012.

RODRIGUES, P. M.; GONÇALES, C S. “Pai deve participar”: reflexões sobre a paternidade na atualidade. In: JAEGER, F. P.; KRUEL, C. S.; SIQUEIRA, A. C. **Parentalidade e contemporaneidade: os desafios para a Psicologia**. Santa Maria: Centro Universitário Franciscano, 2011.

ROSA, C. P. **Nova Lei da Guarda Compartilhada**. São Paulo: Saraiva, 2015.

ROUDINESCO. **A família em desordem**. Rio de Janeiro: Zaluar, 2003.

SCHNEEBELI, F. C. F.; MENANDRO, M. C. S. Com quem as crianças ficarão? Representações sociais da guarda dos filhos após a separação conjugal. **Psicologia & Sociedade**, v.26, n.1, p.175-184, 2014.

SILVA, M. R.; PICCININI, C. A. O envolvimento paterno em pais não-residentes: algumas questões teóricas. **Psico**, v.35, n.2, p.185-194, 2004.

SILVA, M. R.; PICCININI, C. A. Sentimentos sobre a paternidade e o envolvimento paterno: Um estudo qualitativo. **Estudos de Psicologia**, v.24, n.4, p.561-573, 2007.

SOUZA, A. P. de. **Estudo comparativo das famílias monoparentais masculinas x monoparentais femininas: a influência do genitor no desenvolvimento familiar**. 2008. Dissertação (Mestrado em Serviço Social), Universidade Estadual de São Paulo, Franca, SP.

SUMAZA, C. R.; RODRÍGUES, T. L. Un análisis del concepto de familia monoparental a partir de una investigación sobre núcleos familiares monoparentales. **Papers**, v.69, p.59-82, 2003.

SUTTER, C.; BUCHER-MALUSCHKE, J. S. N. F. Pais que cuidam dos filhos: a vivência masculina da paternidade participativa. **Psico**, v.39, n.1, p.74-82, 2008.

STAKE, R. E Case studies. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (Orgs). **Handbook of qualitative research**. Sage, Londres, 1994.

STAUDT, A. C. P.; WAGNER, A. A paternidade em tempos de mudança. **Psicologia: Teoria e Prática**, v.10, n.1, p.174-185, 2008.

VASCONCELLOS, M. J. E de. **Pensamento sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Campinas: Papirus, 2002.

VERZA, F.; SATTTLER, M. K.; STREY, M. N. Mãe, mulher e chefe de família: perspectivas de gênero na terapia familiar. **Pensando famílias**, v.19, n.1, p.46-60, 2015.

WAGNER, A; TRONCO, C.; ARMANI, A. B. Os desafios da família contemporânea: revisando conceitos In: WAGNER, A. **Desafios Psicossociais da família contemporânea**. Porto Alegre: Artmed, 2011, p.19-35.

WALL, K.; LOBO, C. Famílias monoparentais em Portugal. **Análise Social**, v.150, p.123- 145, 1999.

WALKER, J., CRAWFORD, K.; TAYLOR, F. Listening to children: gaining a perspective of the experiences of poverty and social exclusion from children and young people single-parent families. **Health Soc Care Community**, v.16, n.4, p.429-436, 2008.

WANG, M.; JABLONSKI, B.; MAGALHÃES, A. S. Identidades masculinas: limites e possibilidade. **Psicologia em Revista**, v. 12, p.54-65, 2008.

APÊNDICE A

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

AUTORIZAÇÃO INSTITUCIONAL

A partir da presente autorização, declaro que fui informado de modo claro e detalhado sobre os objetivos, justificativa, procedimentos que abrangem o desenvolvimento do Projeto de Pesquisa de Mestrado: “A Paternidade em inter-relação com os ambientes ecológicos em família monoparentais masculinas”. Essa pesquisa visa compreender os significados atribuídos por pais de famílias monoparentais masculinas sobre o desempenho da paternidade na inter-relação com os diferentes sistemas ecológicos. Para alcançar esse objetivo serão entrevistados homens chefes de famílias monoparentais. Assim, autorizo a realização deste estudo na ESCOLA MARISTA SANTA MARTA, como autorizo a utilização dos dados coletados, para fins de divulgação científica, desde que preservadas as identidades dos participantes.

Entendo que o Departamento de Psicologia da UFSM, localizado na Avenida Roraima, 1000, bairro Camobi, CEP 97.105-900 – Santa Maria – RS, no prédio 74B, especificamente na sala 3206A, manterá identidades e dados da pesquisa em sigilo por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da Prof^a Pesquisadora Responsável Caroline Rubin Rossato Pereira. Após este período, os dados serão destruídos.

Santa Maria, 4 de maio de 2018.

Responsável

APÊNDICE B

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido ¹¹

Título do Estudo: A paternidade na inter-relação com os ambientes ecológicos em famílias monoparentais masculinas

Pesquisadora responsável: Ângela Roos Campeol

Endereço: Avenida Roraima, nº 1000, Centro de Ciências Sociais e Humanas, prédio 74B, 3206A, Bairro Camobi, Santa Maria/RS.

Telefone: (55) 3220-9233

A presente pesquisa “A paternidade na inter-relação com os ambientes ecológicos em famílias monoparentais masculinas” tem como objetivo compreender, através das percepções dos pais, assim como você, como ocorre o desempenho da paternidade em famílias monoparentais masculinas. Buscar-se-á compreender como você percebe e desempenha as funções parentais e como você identifica os ambientes que influenciam nesse processo. Participarão da pesquisa quatro pais que residam com ao menos um filho(a) de até onze anos incompletos, coabitando ou não com outras pessoas. Os participantes também deverão residir na cidade de Santa Maria-RS.

A sua percepção e dos demais participantes será coletada através de uma Entrevista Semiestruturada, individual, e, de uma atividade que envolve o registro e a discussão de fotografias. A fim de conhecer como você compreende as funções paternas em famílias monoparentais masculinas, propõe-se dois encontros, que serão gravados em áudio para melhor analisar o material construído. Posteriormente as informações serão transcritas na íntegra e o

áudio destruído. Além disso, será utilizado um Questionário Sociodemográfico, para obter alguns dados gerais sobre você, como: idade, escolaridade, profissão, etc.

A sua identidade será mantida em sigilo e as informações serão utilizadas para fins de pesquisa, sem identificação do seu nome. Ressalta-se que as fotografias não serão expostas, e em nenhum momento será possível a identificação física das pessoas presentes nas imagens. A sua privacidade e das demais pessoas que participarem das fotos será respeitada. As fotografias serão apenas descritas verbalmente no transcorrer do estudo.

Além do mais, a qualquer momento que você julgar necessário, poderá solicitar esclarecimentos sobre os procedimentos e/ou outros assuntos relacionados à pesquisa, bem como, poderá interromper a sua participação a qualquer momento, sem que essa decisão lhe traga algum prejuízo. Considerando-se a técnica utilizada para a pesquisa, assim como o fato de que a mesma não tem por objetivo testar nem experimentar nenhum procedimento novo, considera-se o risco de participação neste estudo mínimo. Entretanto, se durante a realização do encontro observarem-se situações que causem desconforto em relação à tópicos abordados, a pesquisadora irá se responsabilizar para avaliar a situação podendo romper a continuidade da atividade e, caso necessário, encaminhá-lo ao Projeto de Extensão Enlaces, que promove atendimentos psicológicos clínicos para famílias, vinculado a Universidade Federal de Santa Maria.

Acredita-se que o estudo seja capaz de possibilitar um momento de reflexão sobre a temática, no entanto não traz benefícios diretos. Todo material deste estudo será mantido em sigilo no Departamento de Psicologia da UFSM, sendo destruído após cinco anos da realização do grupo focal.

Agradecemos a sua participação e colaboração na realização desta pesquisa e nos colocamos à disposição para esclarecimentos adicionais com a pesquisadora-orientadora do projeto, Profa. Dr^a Caroline Rubin Rossato Pereira¹², que pode ser encontrada pelo telefone: (55) 3220-9231, e a pesquisadora-responsável Ângela Roos Campeol pelo telefone (54) 99151-7568.

¹² Professora responsável: Dr^a Caroline Rubin Rossato Pereira. Universidade Federal de Santa Maria, Depto. Psicologia. Av. Roraima, nº 1000. Departamento de Psicologia, Prédio 74B, sala 3206A. CEP: 97105-900. Santa Maria – RS. Tel.: (55) 3220-9231. E-mail: carolinerrp@ufsm.br

O presente Termo de Consentimento Livre e Esclarecido foi elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com o pesquisador e outra com você.

Data: ____/____/____



Participante:

Pesquisadora Responsável
(Profa. Dra. Caroline R. Rossato Pereira)

APÊNDICE C



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Dados Sociodemográficos dos participantes

Data: _____

Nome do participante: _____

Idade: _____

Telefone Residencial: _____ Celular: _____

Endereço: _____

Profissão/Ocupação: _____ Renda: _____

Escolaridade: () não escolarizado () Ensino Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior () Pós-Graduação; Formação: _____

Religião: _____

Quantos filhos: _____

Sexo e Idade dos filhos com quem reside: _____

Qual escolaridade dos filhos: _____

Escola: () Pública () Privada

Motivo da monoparentalidade: _____

Em caso de separação, possuo a guarda unilateral do(s) filho(s): () Sim () Não

Tem contato com a mãe do(s) filho(s)? _____

Possui familiares residindo próximo? _____

Pessoas com quem reside - coabitação.

Nome	Idade	Parentesco	Tempo de coabitação

APÊNDICE D

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Entrevista sobre Paternidade em Contexto de Monoparentalidade

Conte-me sobre um dia típico seu. Quais são as suas atividades cotidianas? E nos fins de semana?

Quais as funções você tem como pai? Que atividades você realiza no dia a dia com seus filhos?

Você acha que algo poderia ou deveria ser diferente?

Você acredita que algo seria diferente se a mãe das crianças morasse com vocês?

Como você organiza seu tempo como pai (conforme as atividades que o participante descrever e atividades de lazer)?

Isso poderia ser diferente? De que forma?

O que mudou na sua vida ao cuidar do(s) filho(s) sozinho?

Que dificuldades você sente como pai?

Você percebe alguma dificuldade por seu um pai que cuida dos filhos sozinho?

E o que mais o agrada e alegra como pai?

Quais os pontos positivos de morar sozinho com o(s) filho(s)?

Você recebe alguma ajuda com o(s) filho(s)? De quem (familiares, amigos, vizinhos, profissionais)?

(Investigar um a um...)

Qual a participação destes na rotina familiar?

De que forma ajudam?

Qual a importância dessa ajuda para vocês?

Agora pensando nos lugares que você frequenta, vamos conversar sobre cada um deles...

(Passar a investigar um a um os ambientes mencionados pelo pai no início da entrevista.)

(Caso o pai trabalhe)

Quando começamos a conversar, você me falou do seu trabalho...

Como é no seu trabalho o fato de você ser pai?

Os seus colegas sabem que você cuida do(s) filho(s) sozinho?

Como o seu trabalho interfere na paternidade?

E o fato de ser pai, interfere de alguma forma no seu trabalho?

(Escola)

Quem leva a criança à escola?

Seu filho(a) participa de atividades em turno contrário a escola? Quais?

Quem acompanha as crianças nesses momentos?

Quem participa das reuniões escolares?

Você tem alguém de referência na escola para tratar de assuntos sobre seu filho(a)?

(Seguir, um a um, explorando os demais ambientes mencionados pelo pai:)

- Como é no(a)_____o fato de você ser pai?

- No(a) sabem _____que você cuida do(s) filho(s) sozinho?

- Como o(a)_____ interfere na paternidade?

E o fato de ser pai, interfere de alguma forma no_____?

Que outros espaços, pessoas, relações, grupos você acha que interferem no modo como você é pai?

(Possíveis ambientes a serem explorados: espaços de lazer, grupo de amigos, vizinhança, comunidade, grupos religiosos, instituições de educação e formação dos pais, escola dos filhos, outras instituições ou profissionais dos filhos).

Agora que eu já conheci um pouco do seu cotidiano como pai gostaria que você pensasse um pouco sobre...

O que é ser pai para você?

Conforme a sua experiência, você considera alguém como modelo de pai?

E como era com o seu pai?

Como você se descreveria como pai?

Você acha que algo poderia ou deveria ser diferente?

Como você acha que as outras pessoas vêem um pai cuidando dos filhos sozinho?

Se você pudesse compartilhar sua experiência com outros pais, o que diria a eles?

APÊNDICE E

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
Entrevista para a discussão das fotografias

Entre as 5 fotografias qual a ordem de importância para você? Por quê?

(Seguindo a ordem indicada pelo pai, questionar acerca de cada uma das fotografias:)

Qual a primeira coisa que você pensa quando vê essa imagem?

Onde você(s) estava no momento dessa foto? O que esse lugar representa para você e sua família?

O que você(s) estava(m) fazendo no momento dessa foto? Como as pessoas que estão na foto se comportavam naquele momento? E como se sentiam?

Alguém mais estava presente nesse momento e não apareceu na fotografia?

Momentos como este são comuns no seu dia a dia?

Como isso representa a paternidade para você? Como você se sente em relação a isso?

APÊNDICE F

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

Termo de Confidencialidade

Título do estudo: A paternidade na inter-relação com os ambientes ecológicos em famílias monoparentais masculinas

Pesquisador responsável: Ângela Roos Campeol

Instituição Responsável: Programa de Pós-Graduação em Psicologia – Universidade Federal de Santa Maria (UFSM)

Telefone para contato: (55) 3220-9231

Local da coleta de dados: Residências das famílias ou Prédio da Antiga Reitoria - Rua Marechal Floriano Peixoto, nº 1184, sala 107, Bairro Centro, Santa Maria/RS.

As pesquisadoras responsáveis pelo presente estudo se comprometem em preservar a privacidade dos dados dos participantes envolvidos, os quais responderão a um Questionário de Dados Sociodemográficos, a duas entrevistas semiestruturadas, as quais serão compostas por perguntas abertas sobre a temática em estudo. Os pais participarão de uma atividade e discussão com fotografias, e, assegura-se que as fotografias não serão expostas, e em nenhum momento será possível a identificação física das pessoas presentes nas imagens.

As responsáveis pelo projeto concordam igualmente, que estas informações serão utilizadas única e exclusivamente para execução desta pesquisa. As informações poderão ser divulgadas de forma anônima e serão mantidas no Departamento de Psicologia, localizado na Av. Roraima, nº1000. Prédio 74C, 2º andar, sala 3206A. Santa Maria – RS,

CEP: 97105-900, por um período de cinco anos, sob a responsabilidade da Prof^a Pesquisadora Caroline Rubin Rossato Pereira. Após este período, os dados serão destruídos.

Este projeto de pesquisa foi revisado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UFSM em ___/___/___, com o número do CAAE _____.

Santa Maria, ___ de _____ de 2018.



Caroline Rubin Rossato Pereira

Professora Adjunta do Departamento de Psicologia da UFSM

Ângela Roos Campeol

Mestranda do PPGP/UFSM

APÊNDICE G

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA

**DECLARAÇÃO DE DISPONIBILIDADE PARA ATENDIMENTO
PSICOLÓGICO**

Eu, Profa. Caroline Rubin Rossato Pereira, coordenadora do projeto de extensão “Intervenções clínicas familiares no contexto da separação conjugal: uma ação em prol da saúde emocional” (no. 041326 - CCSH/UFSM), que presta serviço de atendimento psicológico nas dependências da Clínica de Estudos e Intervenções em Psicologia (CEIP), do Departamento de Psicologia da UFSM, declaro que será disponibilizada vaga para atendimento psicológico aos participantes da pesquisa “A paternidade na inter-relação com os ambientes ecológicos em famílias monoparentais masculinas” que por ventura o necessitarem.

Santa Maria, dezembro de 2017.

A handwritten signature in blue ink, appearing to read 'Caroline', is written over a horizontal line.

Profa. Dra. Caroline Rubin Rossato Pereira